brança de haver Deos esculpido, & pintado nelles sua propria Imagem, como disse Diogenes, 42 sem noticia (pòde ser) de o haver dito Moysés; 43 donde devèra inferir a obrigaçaõ de a naõ affearem com vicios. Nellas deveraõ considerar com Socrates, 44 que pois os Escultores procuravaõ com todo o estudo que as pedras parecessem homens, deviaõ os homens procurar naõ parecerem pedras. Finalmente mostrando a Providencia Divina estas artes, dispoz a utilidade que dellas resultaria, quando as Imagens Santas nos excitassem a venerar o que nos representaõ.

42 *Diogen. apud Laërt. de vit. Philosoph l. 6. in vita ejus.*
43 *Genes. 1. 27.*
44 *Socrat. apud Erasm. l. 3. apophthegm.*

17 Porèm nossa natureza aproveytando-se sómente daquella recreaçaõ, & ornato, muytas vezes com figuras indecentes perverteo as utilidades mayores. Naõ se lembra o homem que he imagem de seu Creador, ou naõ repára em a deffear; naõ quer deyxar de ser pedra na dureza, & em sempre buscar a terra como a centro, por mais que o encaminhem para o Ceo; em lugar de venerarem as Imagens Santas só pelo figurado, huns totalmente as abominaõ hereges; outros passaõ a adorallas pelo que em si saõ: por huma imagem começou a idolatria, como veremos em seu mais proprio lugar; 45 & refere Salamaõ no livro da Sabedoria, que a excellencia com que famosos artifices obráraõ muytas, convidou mais os homens a adorallas; 46 por isso Moysés as tinha prohibido aos Hebreos, 47 conhecendo-os inclinados à idolatria. De tudo o que a Divina bondade inculcava util ao Mundo infante, tirava a malicia effeytos contrarios, como acima 48 propuzemos, & vay mostrando sua historia.

45 *Part. 2. c. 5. n. 9.*
46 *Sap 14. 10.*
47 *Deuter. 4. 23. & c. 5. 8.*
48 *Supra c. 18. n. 3.*

CAPITULO XXIII.

Principio da Musica, seu progresso, & noticias que a ella pertencem, & como os homens usáraõ mal deste bem. Trata-se, como Christo Senhor nosso, & sua Mãy Santissima honráraõ a esta arte.

1 PRosegue o Texto 1 que Jubal, outro quinto neto de Caim, foy pay dos que cantàraõ à cithara, & orgaõ; & segundo o que fica notado, 2 da frase porque falla suppoem que já de antes havia Musica, & elle a accommodou com arte àquelles instrumentos. Naõ se deve attribuir a Author humano cousa taõ Divina.

1 *Gen 4. 21.*
2 *Supra c. 21. n. 1.*

2 A patria da Musica, diz Cassaneo, 3 que he o Ceo; & Cassiodoro 4 notou que o significàraõ os antigos; achando nas Estrellas a fórma da Lyra. Os Christãos representamos a gloria celestial em huma harmonia suavissima, em que a descreve Saõ Joaõ no Apocalypse, 5 que o Doutor Angelico 6 entende

3 *Cassan. in Catal glor. mund. part. 10 consider. 51. in princ.*
4 *Cassiodor. l. 2. Epist. 40.*
5 *Apoc. c. 5 8. & c. 14. 2 & cap. 15 1. 2.*
6 *D. Thom. in 2. Sent. d. 11. 2. q. 2. art. 2.*

tende de verdadeyras vozes. Por isto amar a musica se tem por hum final de predestinaçaõ; 7 porque, como ensinavaõ os Pythagoricos, & Platonicos, 8 a parte superior de nossa alma tem com ella grande parentesco, & a deseja como a centro. 9 Pelo contrario a aborrece naturalmente o demonio; & assim a harpa de David o afugentava de Saul 10 por esta causa, 11 naõ porque alli obrasse outra virtude; 12 porque em outras occasioens se vio o mesmo. 13

3 Esta natureza celeste mostra a Musica por seus effeytos. Deleytando, eleva os sentidos naõ só dos homens, 14 mas tambem dos irracionaes; 15 como lemos dos Elefantes, Cervos, Cysnes, & Delfins. As allegorias dos Poetas diziaõ, que os navegantes mais queriaõ perderse nas Syrtes, & Carybdes, que deyxar de ouvir o canto das Sereas; que a fereza dos Ursos, & dos Leoens se torna domestica ouvindo a Orféo, por cujas vozes os rebanhos famintos trocavaõ os pastos; & que a Cithara de Arion chamára os Delfins do profundo das aguas. Estendèraõ seu poder sobre as cousas insensiveis, descrevendo já a Orféo movendo os bosques: já a Amfion attrahindo as pedras para o muro Thebano.

4 A Musica, segundo Platão, 16 compoem o espirito para seguir as virtudes: instrue o animo para consonancia da vida: regùla as medidas para governo da Republica: segundo Santo Agostinho, 17 favorece as sciencias, renovando as forças do entendimento para o estudo: segundo Patricio alivia as molestias; 18 & como notou Saõ Pedro Chrysologo, 19 atè os jornaleyros se ajudaõ a trabalhar cantando; ella excita o furor bellico para defensa da patria; para isso se inventàraõ a trombeta, & o tambor, vozes musicas da milicia. As Amazonas usavaõ de frautas nos exercitos; 20 os Cretenses, de lyras, ou citharas; & outras naçoens de varios instrumentos: 21 os Lacedemonios, refinando Tirteo o som do pifaro, se esforçáraõ de modo, que recobràraõ huma vitoria, que os Messenios tinhaõ quasi ganhada: a lyra de Timotheo, tocando huma batalha, levantou ao grande Alexandre da mesa; & logo mudando o som, lhe sossegou o animo; 22 ella aplaca os impulsos colericos, como succedia a Achilles ao som da lyra; 23 & se vio em Pythagoras, & em seu discipulo Empedocles, quando aquelle tocando a frauta, tirou os amotinados, que forçavaõ huma casa honesta; este cantando aquietou outro que se queria vingar de seu inimigo; & em Terpander que com a suavidade de seu canto concordou as sediçoens de Lacedemonia; 24 ella ajuda a Oratoria, (a qual por esta razaõ Quintiliano 25 comparou à Cithara) como se vio em Cayo Graccho, ganhando a vontade do Povo Romano com aquella oraçaõ, cujos acentos fazia mais suaves a frauta de hum seu escravo, que tocava a cada periodo. 26 Cassiodoro 27 diz, que as cordas dos instrumentos se chamaõ assim, pelo movimento que fazem

7 *Malute na Prosap. de Christ. idade 4 cap.11. § 8.*
8 *Apud Boet.l.3.de Music.*
9 *Pedro Sanches de Vianna no Prologo à traduçaõ de Ovid. Metam.*
10 *1. Reg.16. in fin.*
11 *Franco in Camp. Elys. q.28. n.11.*
12 *D. Aug. l 10. Confes. cap 33. Valentia in prol. ad Psam.*
13 *Referunt glos. ordinaria 1. Reg.16. Horos. de ver. & fal. prophet. l.2. c.3.*
14 *Bibald. in orat. ad enarrat. Horatii.*
15 *Petrarch. de prosp. fort. dial. 3.*
16 *Plat. de Rep. dial. 3 4. & 7. & de leg. dial. 1. & 6.*
17 *D. Augustin. apud Stephan. Costa tract. de stud. §.1. ex n 4. habetur inter tract. DD Juristar.*
18 *Patrit de Regno cap. 15. Pluvia Solorz. emblem. 31.*
19 *Chrysol. Serm. 10. in princ.*
20 *Mexia na Sylva l.1. c.10.*
21 *Viana Comment. à Ovid. Metam. l.3. n 7.*
22 *Plutarch. de Music.*
23 *Hom. Iliad. l.9.*
24 *Cassan. supra. verf. nonne. cum segq. Texter in efficin. part. 2. tit. Citharœdi, & Cantores.*
25 *Quintilian. l.2. c 8.*
26 *Cassaeus supra verf. & Cains.*
27 *Cassiodor. suprà.*

fazem nos coraçoens, que se chamaõ *Corda* na lingua Latina; por isto muytas Cidades Gregas recitavaõ suas leys ao som da lyra, como entre nòs se publicaõ as Pregmaticas com charamelas, & trombetas.

5 Tambem aproveyta a Musica à saude corporal. O Ecclesiastico 28 a poem por remedio contra a melancolia; Marsilio Ficino 29 contra a colera; Cassaneu 30 contra a febre, loucura, feridas, & mal de peste; Pedro Mexia 31 contra a ciatica, & gota; Cassiodoro 32 contra muytas outras doenças; & acima dissemos 33 como contra a mordedura da tarantula he o unico remedio; medicina que naõ pòde enfastiar, porque os sentidos de ouvir, & ver naõ se enfadaõ.

6 Serve tambem com excellencia ao espirito, & assim Eliseo, 34 para profetizar, mandou que lhe cantassem: excita a louvar a Deos, o que conhecèraõ os gentios: 35 aplaca a ira Divina, como notou Santo Agostinho; 36 por isso a Gentilidade a usava nos sacrificios, & exequias: & David nos incita a louvar com ella o *Senhor*, como faz a Igreja. Estando ainda no ventre de sua mãy cantou o grande Patriarca S. Bento. 37

7 Ella, conforme a doutrina de Plataõ, & como advertem varios Escritores, 38 he insinuadora da Theologia, norte da Jurisprudencia, semelhança da Astronomia, mãy da Oratoria, fundamento da Arquitectura. Por isso derivou seu nome das Musas, 39 porque as *Musas* se chamaõ assim, de palavras Gregas, que significaõ, *inquirir*, *doutrinar*, & *assemelhar*; quasi dizendo que todas as sciencias tem vinculo entre si; donde veyo pintarem-se as Musas guiando côros, dadas as mãos em uniaõ reciproca; & os Gregos equivocàraõ o nome de *Sabio* cõ o de *Musico*; 40 os antigos com este significavaõ a erudiçaõ das letras humanas: *Musico*, disse o mesmo Plataõ, 41 se chama tudo o que està perfeyto; & hoje (diz Calepino 42) usaremos da mesma frase em bom Latim.

8 Finalmente he a Musica taõ unida a esta maquina universal, que diziaõ os Pytagoricos que por seus compassos fora o Mundo creado. Os Sabios antigos affirmáraõ que os Ceos cantavaõ, & escrevèraõ que havia nove Musas, em razaõ dos accentos musicos de oyto Esferas celestes, & de huma harmonia superior que se formava de todas. 43 Lycurgo dizia, que a Musica era natural ao homem; 44 & bem se vè (accrescentou Macrobio, 45) pois na musica dos orbes celestes começa nossa vida, & a das exequias celebra nossa morte.

9 Ensinou Deos a Musica aos homens para os enriquecer destas suas qualidades; erradamente attribuem sua origem naõ só os Poetas, huns a Apollo, outros a Mercurio; mas tambem os Historiadores, huns a Isis entre os Egypcios: outros a Bardo entre os Celtas: muytos a Orfeo, Museo, & Tamyrides entre os Traces: alguns a Oures, ou Pytagoras, notando a diversidade do som dos malhos de hum Ferreyro; & tambem disseraõ

28 *Ecclesiast.40.20.*
29 *Marsi. Ficin.in comment. ad cenviv : lat.c 9*
30 *Cassan.supr verf. Pythagoricis*
31 *Mexia suprà l 3.c.12.*
32 *Cassiodor d epist 40.*
33 *Supra c.16 n 7.ad fin.*
34 *4. Reg.3 15.*
45 *Ptolomeus apud Cassan. suprà, verf. Pythagoras.*
36 *D. Aug de doctr. Christ.l.2. cap.40.*
Hieron.Faler de laud.musi.
37 *Psalm 32.42.98.&passim.*
Bonifac Simon l.4 ep.10.
Fr.Leaõ de S Thom. na Benedict. Lusit. tract 1.p.1.cap 3.
38 *Plat.supra,& lib.17. Protagor med. Cassiodor. & Cassaneus supra.*
39 *Plut.l.5.Alcibiad.*
40 *Calepin. verbo Musa.*
41 *Plato suprà.*
42 *Calep.supra.*
43 *Refert Cassan.d part.1. consid 51.in princip.*
44 *Lycurg.apud Patrit.d.c.15.*
45 *Macrob.l.2. de Semon. Scipion.*

raõ que ſe tomáraõ do canto das aves; naõ teve inventor humano, teve naſcimento no Ceo, que a communicou ao Mundo por ſumma piedade.

10 Verdade he que depois a aperfeyçoáraõ varios Authores em diverſas Provincias (como ſuccedeo em todas as couſas que ſe foraõ achando) com ſons, ou tons accommodados ás materias. Marſias Grego achou a concordia das vozes muyto agudas; & a harmonia chamada *Phrygia*, muyto branda. Olympias Miſſio, ou Phrygio, a das vozes ſemelhantes; a harmonia *Meſophrygia*, tambem a *Lydia*, accommodada tanto para triſteza, como para alegria; ſe bem outros a attribuem a Cario, que diſſeraõ ſer filho de Jupiter; ou a Amfion, ou a Mellanopides; ou a Antippo Sapho Rainha de Lesbo: Pithoclides (dizem outros) compoz a *Meſſolydia* conveniente a tragedias. Damon Athenienſe, ou Polymeſto, a *Hypolidia* contraria á *Meſſolydia*; Pytherno Jonio a *Jonica*; Filoxeno a *Laconica*; Simon Magneſio a *Simodia*; Lyſias a *Lyſiodia*; & depois ſe ſeguiraõ tonos diverſos entre os Hebreos; já o Eccleſiaſtico 46 dizia, que os antigos haviaõ buſcado modos muſicos.

46 *Eccleſ.* 44.5. Riquirentes modos muſicos.

11 Tudo iſto era ſem regra certa pelo bom natural do ouvido; & com tudo Laſſus Hermineo, que vivco reynando Dario, eſcreveo da muſica, & foy o primeyro que ſe ſabe que della eſcreveſſe. 47 E Timotheo Mileſio no Imperio de Alexandre compoz ſobre ella dezaſete livros. 48 O Papa Saõ Gregorio Magno no anno de *Chriſto* ſeiſcentos pouco mais, ou menos, fez hum canto-chaõ para as Igrejas, que ſe governava pelas ſeis, ou ſete letras primeyras do A, B, C, 49 & no anno de ſeiſcentos & oytenta & dous, ou oytenta, & tres, o Papa S. Leaõ II. o reformou, mas ainda ſem regra certa; atè que Guido Aretino, Monge da Ordem de Saõ Bento, Abbade de Saõ Laufredo, ou do ermo da Santa Cruz de Avellana, 50 que viveo pelos annos de mil & trinta 51 no Pontificado de Joaõ XIX. inſtituhio arte com o artificio das ſeis vozes poſtas na maõ com muyta clareza; as quaes, por meyo de jejuns, & oraçoens, achou nos principios dos primeyros verſos do Hymno *Ut queant laſſis reſonare fibris, &c.* 52 que tinha compoſto Paulo Diacono, Monge do Monte Caſſino da meſma Ordem de Saõ Bento, em louvor do grande Bautiſta; 53 tendo alto myſterio achar as vozes para louvar a Deos no canto compoſto em louvor do Santo, que chamou *Voz* do Verbo encarnado. 54 Eſte livro de Guido (parece que ſe naõ imprimio) deſcobrio noſſo Rey Dom Joaõ IV. na livraria da Rainha de Suecia, dizem que original, depois de grandiſſimas diligencias que por toda Europa fez por ſeus Embayxadores, & outros Miniſtros, de que ſou teſtemunha, porque fiz muytas; a Rainha lhoenviou de preſente, & Sua Mageſtade o poz na ſua inſigne livraria da Muſica.

47 *Textor in offic. p. 2. tit. Citharœdi, & Poetæ.*

48 *Conrad. Geſner. in onomaſtic. prop. nom. verbo Timotheus.*

49 *Horat. Tigrino, compend. de Muſic. l. 1. c. 14.*

50 *Fr. Leaõ de S. Thomás na Benedict. Luſit. to. 1. p. 5. c. 16 § 2.*

51 *Libr. ſcos na hiſt. Pontif. p. 1. l. 4. c. 1. & 16 l. 5 c. 6.*

52 *Arnold l. 5. c. 77.*

53 *P. Fr. Leaõ ſup.*

54 *Iſai 40. 2 Matth 3. Marc. 1. 3 Luc. 3. 4. Joan. 1. 23.*

12 Eſta ſua vidade, & utilidade da Muſica reconhecéraõ

os homens mais ſabios, por muytas demonſtraçoens. Fizeraõ hieroglyfico da Muſica o Ciſne, ou o Rouxinol, pela melodia do ſeu canto, poſto que alguns a ſignificavaõ em huma cigarra ſobre huma cithara, por contarem os Gregos que tangendo Eunomio em competencia de Ariſteno, & quebrando-ſe hume corda da cithara, huma cigarra que paſſou por cima de Eunomio, lhe ſuprio com ſua voz aquella falta 55

13 Os Juriſtas 56 dizem q̃ aos Muſicos que ſervem, ſe naõ deve ſalario, ſe o naõ eſtipulaõ, por ſer ſerviço de gotto ineſtimavel. Marco Antonio pagou a Anaxenores com os tributos de quatro Cidades: Galba enriqueceo a Cano: Veſpaſiano a Diodoro: os Locrenſes levantàraõ eſtatua publica a Eunomio, 57 & os Thebanos a Cleon.

14 Plataõ 58 encomenda, que aos moços ſe enſine a Muſica; & Ariſtoteles 59 o approvou, accreſcentando que conduz para a virtude; Caſſaneo 60 ſe jactava de que aſſim ſe uſava em França no ſeu tempo: Santo Iſidoro 61 chegou a dizer: *Taõ torpe he naõ ſaber Muſica, como naõ ſaber letras*; & aſſim os Arcadios tinhaõ por deſcredito naõ entender de Muſica; 62 & o famoſo Temiſtocles foy notado de pouco polido, porque em hum ſaráo, dandoſe-lhe hũa Lyra para tocar, diſſe que naõ ſabia; da meſma falta foy notado Cimon illuſtre Athenienſe. 63 Pelo menos quando ſe naõ julgue com tanto rigor dos que totalmente ignoraõ eſta arte, naõ ſe póde negar que ella adorna muyto a qualquer homem grande. 64

15 Achilles, Epaminondas, Alexandre, Sylla, Cataõ Cenſorino, os Emperadores Tito, Adriano, & Alexandre Severo, eraõ muyto peritos em cantar, & tocar inſtrumentos. David foy o muſico excellente, 65 & o primeyro que compoz *Pſalmos*, que ſignifica *Verſo de louvores Divinos, que ſe canta com inſtrumento*; no que ſe diſtingue de *Canticõ*, que he o que ſe canta ſem elle. 66 Pythagoras foy grande cithariſta: Socrates já velho aprendeo Muſica: o glorioſo Rey de Portugal Dom Manoel era muyto inclinado a ella, & buſcava com grandes ſalarios os melhores muſicos: 67 o Senhor Rey Dom Joaõ o IV. naõ cantava, mas ſem controverſia, foy na muſica o mais ſciente de ſeu tempo; as compoſiçoens, que com nome ſuppoſto communicava ao Mundo, por ſuperiores eraõ logo conhecidas por ſuas em toda Europa; com deſpeza conſideravel, & diligencias particulares (em muytas o ſervi) ajuntou huma numeroſa livraria das obras muſicas melhores, & mais exquiſitas, & a tinha diſpoſta com notavel curioſidade, & clareza, para facilmente ſe achar nella qualquer papel; ſendo continuo nos conſelhos, & deſpacho dos negocios, todos os dias depois de jantar tomava huma hora de alivio, (regra dos q̃ ſabem trabalhar) 68 & eſta era exercitar, & enſinar os ſeus Muſicos, que tinhã muyto eſcolhidos, & quaſi ſempre em canto dos Officios Divinos, para que ſeu exercicio em tudo foſſe louvavel. O Author

da

55 *Pier. Valerian. in Hierogl. l. 28. tit de Lucina; & l. 26. tit. de cicada.*

56 *Gratian. diſcept. forēſ c. 185. n. 30.*
Emman. Barboſ. ad Ordin. Portug. l. 4 tit. 31. §. 5. n. 2.

57 *Textor in offic. tit. Citharœdi.*
Caſſan. d conſid. 51. verſ. Anaxenori, & verſ. Eunom.

58 *Plat lib 17. Protagoras, & dic. l 7. de leg.*
Refert Alex. ab Alex. genial. l 2 c. 25.

59 *Ariſt. de Rep. l. 8 c. 4. & 5.*

60 *Caſſan. ſup. verſ. Et hanc.*

61 *D. Iſidor. l. 3. etymol.*
Tam turpe eſt neſcire Muſicam, quàm neſcire litteras.

62 *Polyb. l. 4.*

63 *Tiraq de nobilit. c. 34. n. 12.*
Caſſaneus ſupra.
Plutarch. in vita Cimon.

64 *Quintilian. l. 1. c. 16. & 17.*
Polyb. ſup.
Athenæus l. 4. c. 10. & 11.

65 *D. Aug. Ep. 131.*

66 *Matute na Proſap. de Chriſt. idad. 4. c. 1. §. 3.*

67 *Damiaõ de Goes na Chron. del Rey D. Manoel p. 4. c. 84.*

68 *Diſſemos no cap. 9. n. 4 com os ſeguintes.*

da Biblioteca Hiſpana 69 diz, que os Portuguezes reynaõ na Muſica, & na Poeſia. Entre os mayores Eccleſiaſticos, os Santos Papas Gregorio, & Leaõ II. foraõ peritos neſta arte: como tambem o grande Origenes: 70 & ſobeja para o mayor credito eſcrever Caſſaneo 71 por teſtemunho de graves Authores, que *Chriſto* Senhor noſſo foy grande Muſico; naõ ſe podia duvidar que o ſoubeſſe ſer, mas os Euangeliſtas ſagrados declaraõ que depois da ultima Cea, antes de ſahir para o monte Olivete, diſſe hum Hymno; & a verſaõ Grega diz que o cantou. 72

16 Muſica excellentiſſima foy a ſoberana *Virgem* na *Magnificat*, que a Igreja por excellencia chama *Cantico*; 73 que parece ſer o cantico novo que David queria 74 que ſe cantaſſe ao *Senhor* em inſtrumento de dez cordas; novo em cantar a Encarnaçaõ do *Verbo* eterno já executada; & em dez verſos, que o devotiſſimo Gerſon 75 entende por dez cordas: Santo Agoſtinho 76 diz que a *Senhora* o cantou; da meſma fraſe uſa o douto Maldonado. 77 Eſcrevem graves Authorès 78 que no recolhimento do Templo tinha aprendido a cantar os Pſalmos; & ſemelhantes graças a Deos coſtumavaõ cantar as Santas mulheres, como fizeraõ Maria irmã de Moyſés, Debora, Judith, Eſther, & Anna figuras da *Virgem*, como notou o eruditiſſimo Carthagena. 79 A eſte canto a convidava o Eſpoſo nos Cantares, quando lhe pedia que foſſe para elle, porque era acabado o Inverno (tempo triſte em que ſe dilatou ſua Encarnaçaõ) & era chegado o florido, & alegre: *Que ſoaſſe ſua voz em ſeus ouvidos, porque ſua voz era doce, & ella fermoſa.* 80

17 Neſte cantico notou hum ouvido de bom goſto 81 todos os tonos da Muſica: o *Sublime* da Divindade: 82 o *Bayxo* & *Demiſſo* da Humildade: 83 o *Alto* da Omnipotencia: 84 o Tenor da Miſericordia: 85 o *Grave* da Juſtiça: 86 o *Agudo* da Alegria: 87 o *Suave* da Conſolaçaõ; 88 o *Aſpero* da Reprovaçaõ: 89 o *Pleno* da Fidelidade: 90 o *Artificioſo* da Revelaçaõ; 91 & a *Conſonancia* dos Inſtrumentos; 92 pelo que chamou filomena, modulando vozes, & tonos varios com melodia taõ doce, que he louvada atè dos hereges. 93

18 Achaõ-ſe nella com elegancia as ſeis vozes da verdadeyra SOl-fa; no HU-milde que profeſſou: 94 no RE-ſignado do ſeu eſpirito: 95 na MI-ſericordia que publicou de Deos: 96 no FA-vor grande a que ſe confeſſou obrigada: 97 no SOl-licito que reconhece a Deos de cumprir as promeſſas: 98 no LA-usperenne com que o magnifica; 99 & que melhor Muſica que ſó o material de ſua voz que fez dançar de alegria ao menino Joaõ no ventre da Máy? 100 Hum excellente Eſcritor 101 diſcurſa que toda ella he huma Muſica ſonora, cantada pela Santiſſima *Trindade*: accommodando com galantaria elegante às vozes de huma ſuave capella os dons com que as tres Peſſoas Divinas harmonicamente a illuſtráraõ.

19 Sen-

69 *Biblioth. Hiſp tom. 1. tit. Poëtæ Jacci*
Luſitani in poetica, ut in re Muſica regnare feruntur mira animi propenſione, velut enthuſiaſmo rapti.

70 *D. Hieron. in Catal. Scriptur. Eccleſ. Tir. q. ad Alex. ab Alex. l. 2. c. 25.*
Eraſm. in apoſtrophe gm. Alex. & in vit. Orig. Iuveſc. hiſt. Pontif. l. 4. c. 1. & 17.

71 *Caſſan. d. conſid. 31. verſ. ſed ut ſemel.*

72 *Matth. 26 30. Marc. 14 26.* Hymno dicto exierunt. *Alia verſio habet*, Hymno cantato.
Carthagen. hom. 3 de Paſſion. Chriſti in Matthæum 1 10. tom 3. pag mihi 284.

73 *Luc. 1.*

74 *Pſalm. 32. v. 2. & 3.* In pſalterio decem chordarum pſallite illi, & cantate ei canticum novum.

75 *Joan. Gerſon. tract. 1 ſup. Magnificat.*

76 *D. Auguſt. ſerm. 5. qui eſt 10. de ann.*
Audite quomodo tympaniſtria noſtra cantaverit; ait enim: Magnificat anima mea Dominum.

77 *Maldonado in 1. Luc. n. 163.*
Cecinit

78 *Refere Villegas Flos Sanctæ feſt. da Apreſent.*

79 *Carthagen. de arcan. Deip. l. 1. l. 6. tom 6 in fin.*

80 *Cant. 2. 14.* Sonet vox tua in auribus meis, vox enim tua dulcis, & facies decora.

81 *P. Maximil. Sandeus in Avinar.*
Marian. orat. 2. Maria viſitans, ante med.

82 Exultavit ſpiritus meus in Deo.

83 Reſpexit humilitatem ancillæ ſuæ.

84 Fecit mihi magna qui potens eſt.

85 Miſericordia ejus à progenie in progenies.

86 Diſperſit ſuperbos. Depoſuit potentes.

87 Exultavit ſpiritus meus.

88 Eſurientes implevit bonis.

89 Divites dimiſit inanes.

90 Suſcepit Iſrael puerum ſuum.

91 Sicut locutus eſt ad patres noſtros.

92 Abraham, & ſemini ejus.

93 *Calvinus, ac alii apud Caninium l. 4 c. 5.*

94 *Luc. d. c. 1.* Quia reſpexit humilitatem ancillæ ſuæ.

95 Spiritus meus in Deo ſalutari meo.

96 Et miſericordia ejus à progenie in progenies.

97 Quia fecit mihi magna qui potens est.

98 Sicut locutus est ad patres nostros.

99 Magnificat anima mea Dominum.

100 *Luc.d.c.*1.44. Ut facta est vox salutationis tuæ in auribus meis, exultavit in gaudio infans in utero meo.

101 *P.Ant.Guillel.le grandeza de la Santissima Trinitá disc.* 54. *v. in primo tomo.*

102 *D.Theodoret.in Gen* 9.47.

103 *Diremos no cap.*48.*n.*4.

104 *D.Clem.Alexand. ad Gen.*

105 *Daniel* 3.

106 *D.Cyprian.ep.*2. *D.Ephrem tom.*1.*in Psalm.*

107 *Tacit.ann.l.*14.*ant.med. & l.*16 *paulò post princip.*

108 *Extravag Docta Sanctorum, de vit. & honest.Cleric.*

19 Sendo a Musica taõ suave, taõ util, & em tudo divina, foy tal a quèda dos homens pelo primeyro peccado, & taõ mal usáraõ do que mais lhes convinha, que até este dom celeste huns applicáraõ mal; outros o depraváraõ; & alguns o condenàraõ. S. Theodoreto 102 entende que com musicas namoraraõ os descendentes de Caim aos de Seth, para casarem contra a justa prohibiçaõ que havia. 103 Saõ Clemente Alexandrino 104 conta que com ella levavaõ Amfion, & Arion as gentes aos idolos; & na Escritura Sagrada lemos que com a de instrumentos convocava Nabucodonosor para adorarem a sua estatua. 105 Contra os que a depraváraõ em lascivias escrevèraõ Saõ Cypriano, & Santo Efrem; 106 Nero a exercitava no publico theatro contra o decoro Imperial; 107 & semelhantes excessos prohibio hum texto Canonico 108 aos Ecclesiasticos; & Antisthenes condenou em Ilmenias tanger bem, como cousa que naõ convinha a hum Varaõ grande; Filippe Rey de Macedonia reprehendeo a seu filho Alexandre de ser bom musico; & Aristoteles perguntado sobre isto, respondeo que Jupiter nem cantava, nem tangia. 109 Tudo isto se entende do nimio, que he reprovavel; 110 & neste sentido emendando Filippe Rey de Macedonia a hum Cantor, & ElRey Antigono a outro que tangia, & dançava: lhes respondèraõ ambos, que naõ lhes convinha mostrarem-se taõ demasiadamente scientes naquellas artes. 111 Atreveo-se a malicia, ou ignorancia a querer deslustrar o mais louvavel por varios caminhos.

109 *Brus.l.*4.*cap.*17. *Textor d.tit citharœdi.*

110 *Tiraq de nobil.cap.*34.*n.*11.

111 *Plutarch. in apophthegm. Philip.& in lib.de discrim adulator. & amic.& l.de fortun.Alex. Ælian. var hist.*9.*c.*36.

CAPITULO XXIV.

Invenção da cithara, & orgaõ: derivação do nome Jubilèo; *nestes, & em outros instrumentos musicos se tocaõ algumas curiosidades: & se prosegue o assumpto de que a malicia humana de todos inventos usou mal. Brevemente se aponta o divino instrumento q̃ fez a Santissima* Virgem Mãy.

1 DE dizer o sagrado Texto 1 que *Jubal* foy pay dos que cantàraõ à cithara, & orgaõ se fez tradiçaõ que foy inventor dos instrumentos; & diz Genebrardo, 2 que por elle inventar este prazer, todo o prazer, tomou delle o nome de *Jubileo.*

2 Da mesma causa procedeo 3 chamarse *Jubilèo* entre os Hebreos hum instrumento que se tocava em aquella grande solemnidade, que se trata no Levitico; 4 & delle se chamava a mesma solemnidade *Jubilèo*: & porque este *Jubilèo* libertava

1 *Gen.*4.21.

2 *Genebrard. apud Matute na Prosap.de Christo,idad.*4.*cap* 1.§.7

3 *D.Hieron.ad c.*25. *Levit. Oleaster ibid. Munster in Levit. Eugubin in annot.ad c.ult Numer.*

4 *Levit.cap.*25.

as

as herdades vendidas, & os escravos, na maneyra que o Texto aponta, se chamou tambem *Jubilo* a liberdade, & remissaõ, como refere Josefo. 5 Aquelle instrumento era huma corneta de osso de carneyro, 6 significativo do que em lugar de Isaac sacrificou Abraham; 7 figura do Cordeiro Divino que havia de libertar o Mundo com *Jubileo* plenario. De osso de carneyro eraõ tambem os que se tocavaõ na festa chamada *Das trombetas*, o primeyro de Setembro, instituida em memoria daquelle sacrificio; 8 posto que outros instrumentos semelhantes se faziaõ de ossos de qualquer animal. Depois se veyo a fazer aquella corneta de qualquer osso; 9 & no tempo mais adiante se fez todo o genero de trombetas de pào, & de metal; mas sempre lhes ficou nome da primeyra materia, como se vè ainda nos Poetas Gentios. 10 Assim a frauta se fez primeyro de osso das pernas de grou, pelo que em Latim se chamou *Tibia*; 11 os Thebanos a faziaõ depois de ossos de veados; os Scythas de ossos de aguias, ou buitres; os Egypcios de canas; os Africanos, & Olyres Grego (posto que os Poetas digaõ que Pan) a fizeraõ curva da arvore lothos, ou buxo, 12 & com tudo sempre lhe ficou o primeyro nome.

3 Do nome daquelle antigo *Jubileo* se chamáraõ os que logramos os Christãos com mais felicidade; & Andrè Massio 13 lhes considera tambem respeyto a *Jubileo*, pelo prazer que o *Senhor* disse, 14 que a conversaõ dos peccadores causa no Ceo; grande brazaõ de *Jubal*, eternizar seu nome nestas derivações. O Illustrissimo por muytos titulos Dom Rodrigo da Cunha Arcebispo de Lisboa, no tratado que fez em explicaçaõ dos *Jubileos* 15 sendo Bispo do Porto, tocou mais brevemente esta materia; mas profegue como a Igreja Catholica instituhio em Roma o Jubileo centenario, principiado no tempo dos Apostolos, & como se foy reduzindo a menos annos.

4 Plinio 16 sem noticia das sagradas letras, disse que a cithara fora invençaõ de Orfeo, ou de Lino, ou de Amfion, com quatro cordas; outros 17 disseraõ que Corebo, filho de Ati Rey de Lydia, lhe accrescentára a quinta; Hyagnes Phrygio a sexta; Terpander a septima; Lycaon Samio a oytava; Prosasto Periote a nona; Estraco Colofonio a decima; & Timotheo a undecima. Que o primeyro que a ella cantára, fora Aristonico Grego: que aperfeyçoàra sua musica Olympias Missio: q̃ Amato Cretense cantára a ella amores; & Enopas cousas jocosas: que a Grecia a levára Cadmo filho de Agenor, & particularmente a Athenas a levàra Phyrnis Mitheleno descendente do grande tangedor Terpander; & a Italia Evandro com seus vassallos Arcadios; tudo se póde verificar em serem aquelles os mais destros na cithara depois do Diluvio.

5 Cassiodoro 18 affirma que a cithara he o mais sonoro de todos os instrumentos de cordas; & parece que Virgilio entende o mesmo, quando por ella entendeo toda a Musica. 19

5 *Joseph de antiqüit. c. 18.*
6 *Matute d §. 7.*
7 *Genes. 22. 13.*
8 *Matute suprà com o cabalde de Heb. P. Fr. Manoel do Sepulchro na Reseygaõ espirit p. 1. 8. n. 3.*
9 *Psalm. 97. v. 7.* Voce tubæ cornææ.
10 *Virg. Æneid. 7. in prine.* Et rauco strepuerunt cornua cantu, *ne passim.*
11 *Calepin. verb. Tibia.*
12 *Textor in officin. p. 2. tit. Cithara ed. & Cantor*
13 *Andr. Mass. sup. Josue c. 6.*
14 *Luc. 15. 7. & 10.*
15 *Arceb. D. Rodrigo da Cunha trat. da explic dos Jubil. cap. 1. n. 5. & 6.*
16 *Plin. l. 7. c. 56.*
17 *Textor suprà.*
Fr. Bernardino da Sylva na defensa da Monarch. Lusit. p. 2 c. 15 in prine
18 *Cassiod. l. 2. ep 16.*
19 *Virg. Æneid 12.*
Augurium, citharamque dabat; celeresque sagittas.

Assim o concedemos, se no nome de *Cithara* significaõ *Harpa*; como os Latinos fazem algumas vezes; 20 porèm se se restringem ao que especialmente chamamos *Cithara*, sigo antes ao Mellifluo S. Bernardo; que deu a primazia à *Harpa*, trazendo-a no sinete com esta letra: *Quid erit in patria?* 21 como dizendo: *Se cà no desterro do mundo ha consonancia taõ suave, qual a haverà là no Ceo, patria de toda a suavidade?* Na que David tocava, sentia, & fugia o demonio à melodia que naõ podia sofrer, como dissemos assima. 22

20 *Calepin. verb. cithara.*
21 *Brito na Chron. de Cister l. 3. c. 34.*
22 *Supr c. 21. n. 2. in fin.*

6 Por curiosidade se refere o que disseraõ Alciato, & outros Authores, 23 que se nos instrumentos, entre as cordas de tripas de carneyro, se puzer alguma tripa de lobo, naõ haõ de soar, por mais que as toquem: dura o temor ao carneyro ainda depois da morte.

23 *Alciat. emblem. ult. post mortem formidolosi.*
Sorapan. na medicina Hespanhola, refrán 14.

7 Orgaõ, segundo instrumento, de que se tem por inventor Jubal, conforme o texto, he nome generico a todos os instrumentos musicos; 24 o que especialmente chamamos *Orgaõ*, alcançou este nome por excellencia de todos os que se tocaõ com vento; posto que Plataõ 25 queyra que a frauta seja mais excellente; a Escritura santa em alguns lugares 26 o distingue, & particularmente da Cithara, 27 como o Texto do Genesis que o attribue a Jubal. 28 O Summo Pontifice Vitaliano, que faleceo pelos annos seiscentos & setenta, o introduzio nas Igrejas. 29 Mas ainda depois foraõ taõ raros, que o Emperador Constantino (quinto, ou sexto) enviou de Constantinopla hum orgaõ por cousa exquisita, a Pipino Rey de França.

24 *Quintilian. l. 9. c. 4. In sacris literis 2. Paralip. 23. 13. & c. 24. 27. & Psalm 136. v. 2.*
25 *Plat. dial. 7. de leg. ad med.*
26 *Psalm. 150. v. 4.*
27 *Matth. 15. in fine.*
28 *Genes 4. 21.*
29 *Ubese. hist. Pontif p. 1. l. 4. c. 12.*

8 Dos inventores de outros instrumentos trata largamente Alexandre Sardo 30 no livro dos inventores das cousas, em que accrescentou a Polydoro Virgilio, & do modo de dançar. Omittimos isto, & os tangedores insignes que nomea Ravisio Textor, 31 porque ajuntamos de varios Authores, mas naõ trasladamos o que està junto em hum. Jà dissemos 32 que David foy o primeyro que compoz Psalmos para se cantarem com instrumentos. Aos tangedores insignes accrescẽto o Portuguez *Peyxoto*, natural da Pena, lugar da Raya de Entre Douro, & Minho, & Tras os Montes: que em Castella no Paço do Emperador Carlos V. mostrando espantarse de que os seus Musicos temperassem os instrumentos, elles zombando, lhe deraõ huma viola destemperada para que tangesse; & elle, sô tocando as cordas para lhes tomar o ponto, as governou apontando com os dedos de maneyra, que fizeraõ harmonia suavissima; & os circunstantes admirados rompéraõ em dizer, que ou era o diabo, ou o *Peyxoto da Pena*, de quem tinhaõ fama, posto que o naõ conheciaõ de vista.

30 *Alex. Sard. de invent. rer.*
31 *Textor supra.*
32 *Supr à cap. 23. n. 15.*

9 Mostrou Deos os instrumentos aos homens para as mesmas utilidades que largamente expendemos na Musica 33 de que saõ parte; mas tambem delles usou mal a malicia, chegando

33 *No cap. precedente n. 3. & seguintes.*

do a empregallos contra Deos. Ao ſom delles convocava Nabucodonoſor para ſe idolatrar na ſua eſtatua; 34 & cada dia ſe uſa delles para fins illicitos. No anno de mil & doze hũ Otheiro Layco, & outros quinze homens, & tres mulheres, tomàraõ por capricho baylar muytos dias com varios inſtrumentos no adro de huma Igreja, com tal inquietaçaõ, que impediaõ os Officios Divinos ſem quererem deſiſtir; pelo que hum Sacerdote chamado Ruperto lhes lançou a maldiçaõ, com que bayllàraõ hum anno inteyro, de huma noyte de Natal atè outro tal dia, ſem poderem ceſſar, atè que Santo Hereberto Biſpo de Colonia os abſolveo daquella maldiçaõ; mas as mulheres morrèraõ logo, & os homens pouco depois com tremor, & palpitaçaõ. 35

10 Para honra dos inſtrumentos repetimos o que aſſima 36 tocàmos com o doutiſſimo Gerſon, 37 que o cantico da *Magnificat* que a *Virgem Mãy* Santiſſima compoz, he o inſtrumento de dez cordas que deſejava David. 38 O Veneravel Padre Frey Joſeph de Jeſus Maria 39 o expende, concordando os dez verſos entendidos por cordas, com a harmonia das creaturas racionaes, cõpoſta ſuavemente de nove ordens de Anjos, & da natureza humana; corda que ſe quebrou pelos primeyros Pays, & foy reparada pela Mãy da graça, que deu todos os inſtrumentos para o Mundo ſe levantar da ruina em que eſtava.

34 *Daniel* 3.
35 *Hirſaugiẽſ in Chron. relatus à Matute, na Proſap. de Chriſto ida-de* 4. *c.* 1. §. 7. *Balvecenſ. l.* 2 *c* 10. *Vener. Erchirid. tempor. Alii apud Franc. in Camp. Elyſ. q.* 97. *n.* 9.
36 *Sup cap* 23 *n.* 16.
37 *Gerſon. t. 1 ſerm.* 1 *ſup. Magnificat.*
38 *Pſalm.* 32 *v.* 2. *&* 3.
39 *Fr. Joſeph de Jeſ. Mar. hiſtor. de N Senhora lib.* 3 *c.* 25. *n.* 2 *com os ſeguintes.*

CAPITULO XXV.

Principio, progreſſo, & dignidade da Poeſia; como a Virgem Santiſſima a honrou; & ſendo dada por Deos para utilidades, os homens uſáraõ mal della.

1 A Poeſia he irmã gemea da Muſica; (de que tratamos) ou he o meſmo que Muſica, como diſſe hum erudito Author, 1 & aſſim quando os Poetas metrificaõ, ſe diz que cantaõ; 2 ſó em verſos ſoa bem a Muſica; & ſó na Muſica ſe logràõ os verſos; Muſa, & Muſica tem o meſmo nome, pelo que o Eccleſiaſtico 3 falla da Muſica, & de verſos como unidos.

2 Em vaõ trabalhou Plutarco, 4 inquirindo os principios da Poeſia; ſeu principio he Deos; 5 por iſſo Plataõ 6 chamou aos Poetas filhos dos Deoſes: do Ceo lhes vem o eſpirito, & ſe diſſe que tinhaõ em ſi alguma divindade, 6 pòde-ſe dizer que he natural ao homem, porque (ſegundo enſináraõ os Sabios) anda conjuncta á Filoſofia natural com que os homens do principio de ſua idade cuydaõ como haõ de viver; de que expende a razaõ Quintiliano; 7 & aſſim naſce juntamente com os homens, & ſó a natureza faz o Poeta, poſto que o aperfeyçoe a arte: 8 por iſſo ſe coroaõ de louro, que ſignifica a virtude

1 *Pedro Sanches de Viana no prolego da traducçaõ de Ovid. Metamorph.*
2 *Statius Thebaid. l.* 1. *in princ.*
Gentis ve canam primordia ditæ?
Virgil. Eclog. 4 *in princ.*
Sicelides Muſæ, paulò maiora canamus
Et l. 1. *Æneid. in princ.*
Arma virumque cano.
Lucan. l. 1 *in princ.*
Juſque datum ſceleri canimus.
Camoens Luſiad. cant. 1 *eſt.* 1.
Cantando eſpalharey por toda a parte.
Tontat. Toſſ Hieruſal. cant. 1. *eſt.* 1.
Canto l'armi pietoſi, èril Capitano.
Ariſtotel. no Orlando cant. 1. *eſt.* 1.
Le corteſie, l'audaci imprese il canto.
Marino no Adonis cant. 1. *eſt* 3.
E tu de'cigni tuoi'm impetra il canto.
Joaõ Baptiſta Mauricio, nel Taborre, cant. 1. *eſt.* 1.
Cantol'aſpetto in cui cãgiato volle.
Carlo Torren'l Numi guerriere cãt. 1. *eſt* 1
Canterò come un cor tutto ſcõpoſi;
Lope da Vega na Jeruſ. l. 1. *eſt.* 1.
Yo canto el zelo, y las baza ſias.
E na Philomena cant. 1 *eſt.* 1.
Y Philomena a mi llorar cantando;
E na Circè cant. 1. *eſt.* 1.
Yò cantarè tu engaño, y tu hermoſura.
3 *Eccleſ.* 44. 5. In peritia ſua requirentes mudos muſicos, & narrantes carmina ſcripturarum.
4 *Plutarch de Muſic.*
5 *Plato l.* 2. *de Rep.*
6 *Ovid l.* 3. *eleg.* 8.
At ſacri vates, & Divum cura vocamur.
Sunt etiam qui nos numen habere putent *Et* 6. *faſt.*
Eſt Deus in nobis, agitante calescimus illo.
Impetus hic ſatræ ſemina mentis habet.
Et alibi:
Eſt Deus in nobis, ſunt & commercia Cæli.
Sedibus ætherеis ſpiritus ille venit.
7 *Quintil. l.* 1.
8 *Horat. in art. poet.*
Ego nec ſtudium ſine divite vena,

 Nec

tude natural; & de hera, que he ſymbolo do trabalho com que ſe ſóbe à perfeyçaõ; 9 os que naõ fazem verſos, goſtaõ de os ouvir, a todos he natural a Poeſia.

3 Celio Rhodiginio 10 tira de Ariſtoteles, & de Quintiliano o modo porque a natureza começou a infundir nos homens a Poeſia, & foy, infundindo-lhes hũ principio que obſervava com pericia no ouvido, huma medida, & eſpaços que corriaõ com ſemelhança, & depois em ordem a aperfeyçoar eſta conſonancia, ſe foraõ introduzindo as ſyllabas, & pès mais largos, ou mais breves, conforme cahiaõ, & ſoavaõ melhor.

4 Naſcida com o Mundo creſceo a Poeſia em todas as idades delle. Ha quem diz, 11 que Adam compoz em verſo o Pſalmo 92 que anda entre os de David, intitulado, *In die ante Sabbatum.*

5 Enós ſeu neto, filho de Seth, he provavel que compoz hymnos em louvor de Deos, como abayxo 12 diremos.

6 Nos annos do Diluvio era Poeta Sambetha nora de Noè, 13 mulher de Japhet 14 ſeu filho; poſto que alguns 15 digaõ que era mulher do meſmo Noè, a qual foy a primeyra Sibylla, & eſcreveo vinte & quatro livros de Oraculos em verſo, 16 de que hoje temos alguns nos livros Sibyllinos; nelles refere que ſe achou na arca com ſeu marido, 17 & conta ſucceſſos nella, & antes do Diluvio, quaſi como ſe contaõ no Geneſis; era a que chamáraõ Sibylla Perſica, 18 ou Caldea, 19 por habitar em Babylonia cabeça de Caldea, como ella diz, 20 ainda que outros cuydàraõ que era a Eritrea

7 Seu filho Tubal vindo povoar Heſpanha pelos annos cento & cincoenta depois do diluvio, continuou a Poeſia neſte mũdo reformado, dando leys em verſo, como diſſemos aſſima. 21

8 O Santo Job, Regulo nos confins de Idumea, & Arabia pelos annos ſetecentos & quarenta depois do diluvio, compoz grande parte do ſeu livro em verſos exametros, com pès dactilo, & eſpondeo, como diz S. Jeronymo. 22

9 No tempo em que os Hebreos ſahiraõ do Egypto, era a Poeſia entre elles ordinaria: diz o ſagrado Texto 23 que cantàraõ com Moyſés em verſo as graças ao *Senhor*; que celebráraõ com verſos o poço de agua que no caminho achàraõ; & faz mençaõ de verſos em outras occaſioens.

10 Nos tempos adiante compoz David os Pſalmos em verſo, como affirmaõ muytos, & graves Authores; 24 elle parece que o declara em alguns; 25 & o moſtraõ figuras, & qualidades poeticas que nelles vemos, de *Repetiçaõ*, 26 *Continuaçaõ*, 27 *Reverſaõ*, 28 & outras. Caſſiodoro diz 29 que levantou a ſuavidade da Poeſia, & que delle aprendèraõ os antigos. Que as obras de ſeu filho Salamaõ, o Deuteronomio, & o Cantico de Iſaías hajaõ ſido eſcritos em verſo, dizem bons Eſcritores; 30 & nas de Salamaõ parece que os ajuda o ſagrado Texto; 31 ſe bem o grande Padre Saõ Jeronymo 32 he de outra opiniaõ

Nec rude quid proſit video ingeniũ alterius ſic.
Altera poſcit opem res, & conjnrat amice.

9 *Fr. Heytor Pinto tom. 2. dial. 4. cap. 13.*

10 *Cel. Rhod gin. antiq. lect. l. 7. cap. 4.*

11 *Matute na Proſap. de Chriſto idad 4 c. 1. § 2. ad fin.*

12 *Infra cap. 31. n. 9.*

13 *Lact ant Firmian. dinſt. viri. l. 1. c. 6. & de ira l. 1. c 22. Thom Boſſius de ſign. Eccleſ. l. 14. c. 2. poſt princ.*

14 *Matute ſup. idade 2. c. 1. §. 1.*

15 *Refert Genebrard. in Chron. ann. mundi 1261. in l. 1. oracul Sibyl.*

16 *Mexia na Sylva ae var. liç. l. 3. c. 4.*

17 *Oracul Sibyll. l. 1.*
O gaudia magna!
Quod ſo tita fui, poſt quam diſcrimina mortis.
Eflugis jactata meo cum conjuge multum.

18 *Varro apud Lacta t. ſupra.*

19 *Genebrard. ſuprà ann. mund. 1887.*

20 *Oracul. Sibyl. l. 3 ad fin. Vide in 2. p. c. 9 n. 2.*

21 *Supra c. 21. n. 5.*

22 *D. Hieron in prolog. coqor. ad lib. Job, & in Ep. ad Paulin. de omn. divin. ſcript. libr.*

23 *Exod 15 1. Numer. 21. 17. Deuter. 31. 30. & paſſim alibi.*

24 *Euſeb de prepar. Euangel. l. 11. cap. 13. Joſeph de antiq. l. 7. c. 10. poſt. med. Sabellic. Æneid. 1. l. 9. Caſſiodor. in prolog. ad Pſalter. c. 15. Matute ſuprà idad. 4. c. 1. §. 11. Marc. Ant. Flamin. in dedicator. paraphr. ad Pſalmos.*

25 *Pſalm 39. v. 4* Et immiſit in os meum canticum novum, carmen Deo noſtro.

26 *Pſ. 21. v. 3. 4. & 5. in verbo*, Speravetuut.
Pſal 40. v. ult. Fiat, fiat.

27 *Pſ. 41. v 67. 15. & 16. in verbis.*
Quare triſtis es anima mea?
Spera in Deo.

28 *Pſ. 128. v. 1. & 2. in verbis.* Sæpe expugnaverunt me à juventute mea.
Et Pſal. 66 v. 3. & 5. in verbis, Confiteantur tibi, &c.

29 *Caſſiod. r ſuprà.*

30 *Joſeph & Origen. relati à Vien. ſup.*

31 *1. Reg. 4. 32.* Et fuerunt carmina ejus quinque millia.

32 *D. Hieron. in præfat. ad trãslat. Iſai.*

niaõ, como tambem nos verſos dos Pſalmos. Aos Hebreos finalmente era como preceyto louvar a Deos em verſo; ſegundo hum texto de Eſdras inſinúa; 33 & aſſim lemos 34 que o fizeraõ David, Salomaõ, & outros, alèm dos que já referimos, na ſahida do Egypto.

33 2. *Eſd.* 12.45.
34 2. *Reg.* 22.1. & *l.* 3. *c.* 4. 3. *Paralip.* 1.1.16.35. & *l.* 2. *c.* 7.6.

11 Entre os Gentios, pelos annos de novecentos & cincoenta depois do Diluvio, mil & quatrocentos & cincoenta & nove antes do Naſcimento de *Chriſto*, (conforme ao computo, que ſigo na hiſtoria) tempo em que o Povo Hebreo começou a governarſe por Juizes, floreceo Orpheo, de naçaõ Thracio, primeyro Poeta que a Gentilidade nomeou famoſo, & como a inventor da Poeſia lhe chamáraõ filho de Apollo, & Calliope, ainda que ſe diz que antes delle fora hum Siagro, que havia cantado a guerra Troyana.

12 De Orpheo foy diſcipulo Muſeo, inventor da fabula de Hero, & Leandro, compoſta com taes conceytos, & affectos amoroſos, tal decòro, & imitaçaõ, que moſtra bem haver naquella antiguidade os primores, & todo o culto, & polido de que ſe prezáraõ os melhores modernos, entre os quaes o contáramos, ſe as hiſtorias naõ certificáraõ o contrario. Lino com grande nome foy quaſi ſeu contemporaneo; & entaõ houve aquelles engenhos, q̃ com ſcientificas allegorias fingíraõ o coro das nove Muſas preſididas de Apollo, propoſta a cada qual a ſua materia, cantando Calliope em heroyco os grandes feytos, & Clio todos os ſucceſſos paſſados, Erato amores em lyrico, Thalia couſas menos honeſtas em comico, Melpomene hiſtorias triſtes em tragico, Terpſicore guiando danças de Nynfas, Euterpe regendo as frautas dos paſtores; Polymnia uſando tons diverſos, & Urania modulando ao Divino.

13 Já havia as diverſas eſpecies de verſos, accommodadas aos aſſumptos. Caſſiodoro diz 35 que os primeyros foraõ o heroico para mover, & o jambico para aplacar. Do heroico ſe tem por inventora Phomonoe, Sibylla Delfica, 36 que viveo antes da deſtruiçaõ de Troya, 37 ſuccedida no anno de mil & duzentos & quatorze depois do Diluvio, & mil cento oytenta & hum antes de *Chriſto*; porèm já com S. Jeronymo diſſemos quanto antes havia Job eſcrito delle. O jambico ſe attribue a Arquiloco; 38 mas nem neſte, nem em outros ha certeza.

35 *Caſſiodor. l.* 2. *Epiſt.* 49.
36 *Conrad. Geſner. in onomaſt. proprior. nomin. Floſcul. biſt. p.* 1. *c.* 4.
37 *Floſcul. biſt. ſupra.*
38 *Horat. in art. Poet.*

14 Quaſi trezentos annos depois de Orpheo Thracio, no ſeculo em que ſobre Iſrael reynava David, & nos ſeguintes, ſahíraõ a luz os Poetas Gregos, & aſſim com enganos buſcou Plutarco 39 em Grecia os inventores da Poeſia, Antimaco, Apollonio, Rhodio, Ariſthenes, Parthenio, Heſiodo, heroicos: Alceo, Anacreonte, & Filoxeno, lyricos; Alexis, Hermippo, Ariſtophono, Dioro, Eutiches, & Menandro, comicos: Alcimenes, Ariſtarcho, Cleophon, Euripides, & Sophocles, tragicos: Architas, & Calimaco, epigrammiſtas: Phocylides, & Theacrito,

crito, elegiacos: Simonides, Tirteo, & Xenophanes, que foraõ varios, & outros entre nòs menos conhecidos. Hypponas teve tal dizer nas ſatyras, que Bubalo, & Antenio Pintores ſe enforcáraõ, porque elle os ſatyrizou em vingança de o haverem pintado em quadros como couſa ridicula, por ſer muyto feyo.

15 De todos foy Principe Homero, naſcido no anno do Mundo tres mil trinta & nove; depois do Diluvio mil trezentos & trinta & dous; antes de *Chriſto* mil & treze, reynando Salomaõ em Judèa; 40 os que o fazem naſcido depois, rompem o verdadeyro fio de muytas hiſtorias. Sete Cidades contendèraõ ſobre qual fora ſua patria; cujos nomes compoem eſte verſo.

40 *Floſcul. hiſt. ſup. cap. 6.*

Smyrna, Rhodos, Colophon, Salami, Chios, Argos, Athenas.

41 A cauſa da primeyra parece melhor. Na *Iliada*, & *Odiſſea* naõ foy ſó fundamento da arte poetica de Ariſtoteles, mas fonte de toda a ſabedoria Grega; o que ſe lhe taxa de trazer os Deoſes em muytos banquetes, imitou o uſo daquelles tempos. Correndo terras para aprender mais, ſe lhe turbou a viſta dos olhos em Ithaca, & a perdeo em Colophon, mas conſervando ſempre a do juizo, viveo cento & quatro annos; 42 outros dizem cento & oyto; 43 & Varaõ taõ grande morreo muyto cedo.

41 *Plutarch. in vita Homer. Aul Gell l 3. cap. 11. Cicer. o. ar. pro Archit. Sanazar. l. 2. Epigram.*

42 *Floſcul. hiſt. d. cap. 5.*
43 *Textor in Officin. p. 2. tit. de Poet.*

16 Dos Gregos paſſou a Poeſia perfeyta aos Latinos, que ſó conheciaõ aquelle ſimples Rhythmo, que diſſemos ſer natural. Numa Pompilio, ſegundo Rey de Roma, mais de trezentos annos depois de Homero, ordenou os ſacrificios, 44 em que ſe cantàraõ verſos, como couſa nova. O primeyro Poeta que em Roma compoz, foy Livio Andronico, (começou por fabulas) no anno de ſua fundaçaõ quinhentos & treze, quinze, ou vinte antes da ſegunda guerra Punica; 45 taõ tarde chegaõ as letras aonde reynaõ as armas. No anno ſeguinte naſceo Ennio, 46 que em verſos mal limados deu ouro de que Virgilio confeſſava que ſe enriquecia. 47 Pouco depois, florecendo Scipiaõ na guerra, floreceo Plauto, natural de Umbria, na compoſiçaõ de Comedias com tanta eloquencia, que ſe dizia, que ſe as Muſas houveſſem de fallar Latim, fallariaõ pela bocca de Plauto.

44 *Liv. Det. 1. l. 2.*

45 *Textor ſuprà.*

46 *Floſcul. hiſt. p. 1. cap. 8.*
47 *Sabellic. l. 2. cap. 7.*

17 Aqui paſſou Roma quaſi cem annos ſem Poeta de nome atè lograr o comico Terencio, Carthaginez de naçaõ, & dizem que eſcravo, cujo momo parecia ver os coraçoens dos que repreſentava; & outros tantos annos callou a Poeſia, atè que naſceo Virgilio em Mantua no de ſeiscentos & oytenta & tres da fundaçaõ da meſma Cidade, a oyto de Outubro, no do Mundo tres mil & novecentos & oytenta & quatro, depois do Diluvio 2327. antes do de *Chriſto* ſeſſenta & oyto, quando Marco Tullio accuſava a Verres; naſcendo o mayor Poeta, quando fallava o mayor Orador.

18 Logo com os ſeculos dos Emperadores ſuccedèraõ os

dos

dos Poetas, que creſcem na eſperança enganoſa dos Principes: com Octaviano vivco Ovidio Naſo natural de Sulmo, povo dos Pelignos em Italia, a quem o grande engenho foy ruina, como elle mandou pòr em Epitafio na ſua ſepultura; 48 & Horacio, agudo, judicioſo, claro, elegante, & cortezaõ, compoz a Arte Poetica, que temos Latina: ſeguiraõ-ſe Seneca tragico Heſpanhol de Cordova, que poz nos theatros alegre a Filoſofia; ſeu ſobrinho Lucano da meſma patria, que ajudado de ſua mulher Pola, de vinte & ſete annos deyxou verde na Pharſalia o alto de ſeu eſpirito, que as tyrannias de Nero naõ deyxáraõ madurar. Perſeo Hetruſco, que na luz encuberta das ſuas ſatyras, como Sol entre nuvens, involveo os vicios de Nero; & tambem lhe faltou a vida de vinte & nove annos, por fado das couſas grandes que duraõ pouco. Sylio Italico, naſcido em Roma de pays Heſpanhoes, que com o Poema da ſegunda guerra Punica ſe fez conhecido, celebrava cada anno o dia em que Virgilio naſcéra. Eſtacio Napolitano, cujas ſylvas parecem louros do Parnaſo, na ſua Thebaida, & imperfeyta Achilleida ſó admitte leytor ſeu ſemelhante. Marcial Aragonez, que de Roma veyo morrer na patria, havendo eſcrito com ſal, com fel, & com candor, fora louvavel, ſe fóra honeſto; mas do tempo de Domiciano que outra couſa ſe podia eſcrever? Juvenal Italiano de Aquinas, de coſtumes que o fizeraõ deſterrar, imperando o meſmo Domiciano; porque os vicios parecem mal aos meſmos que os ſeguem. Deyxo dous Catullos, Tibulo, & Auſonio, Lucrecio, & outros de que a liçaõ nos he menos familiar. Nomearey Daciano, por Luſitano de Merida, 49 de quem Gregorio Cilio 50 faz mençaõ entre os melhores Poetas, & em ſeu louvor temos epigrammas de Marcial. 51

19 Todos eſtes vivéraõ atè o anno cento do Naſcimento de *Chriſto*; & faltáraõ Poetas celebres mais de duzentos annos, atè Saõ Damaſo Portuguez de Guimaraens, 52 contado por Textor 53 entre os illuſtres Poetas, creado Papa anno de 367 honrou a Poeſia com o lugar, & com a ſantidade. Pouco depois viveo Claudiano de Alexandria, imperando Honorio, & Arcadio, taõ eminente no verſo, quam humilde nos aſſumptos. Logo a declinaçaõ do Imperio ſuſpendeo as Muſas, que vivem ſó entre proſperidades.

20 Grandes foraõ aquelles Poetas Latinos; mas ſeria ingratidaõ negar que aprendèraõ dos Gregos. Ennio ſe criou nas obras de Euchemera que traduzio: Plauto ſeguio o eſtylo de Demophilo, Philomenes, & Epicamo: Terencio parece que trasladou em Latim as Comedias de Apollodoro, & Menandro: Horacio no ſatyrico imitou a Lucilio; & o meſmo fez Perſeo: Ovidio nas Metamorphoſis ſeguio a Parthenio Chio: Eſtacio na Thebaida a Antimaco: Virgilio nas Eclogas foy imitador de Theriro: nas Georgicas, de Heſiodo: na Eneida de Parthenio, Piſandro, Apollonio Rhodio, & principalmente de

48 Hic ego, qui jacco tenero: rum luſor amorum, Ingenio perij Naſo Poeta meo.

49 *Mariana, hiſt. de Hespanha l.4.c.4.*
50 *Cilius de Poetis.*
51 *Martial.l.1.Ep.27. & 80.*
52 *Meralee l.1. cap.40. Marieta l.1.cap.15. Genebrard l.3. Vaſeus tom.1. Panuin.de Rom.Pontif. Illeſc.hiſt.Pōtif.p.1.l.2.c.6. in princip. Britto Monarch Luſitan.l.5.c.27. Vaſconcel.in deſcript.Luſit. Breviar Bracbar.& Ebor. Diſſemos largamente nas Excel. de Portug.cap.9.Excel.10.n.6.*
53 *Textor ſuprà.*

de Homero: Fulvio Urſino compoz hum grande volume dos furtos de Virgilio; furtos de que elle ſe prezava, quando reſpondia a ſeus emulos, apontandolhes os que fizera de Homero: *Que era de grandes forças tirar a maſſa da mão a Hercules*: 54 tiveraõ os Latinos o louvor de colherem mel nas flores: foy Grecia mar a que tornàraõ as aguas de Caſtalio, Libethride, & Hippocrene, donde tinhaõ ſahido.

54 Magnarum eſſe vitium Herculi clavam extorquere de manu. *Refert D. Hieron. in Prolog. ad quæſt. Gen.*

CAPITULO XXVI.

Proſegue o aſſumpto propoſto no Capitulo precedente.

1 ARruinado o Imperio Romano, & dividido entre varios Principes, teve Europa ſoccego, em que as Muſas quaſi reſuſcitàraõ, eſtendéraõ-ſe para as partes do Norte nas linguas Grega, & Latina, atè hoje com grande excellencia. Em Italia, & Heſpanha ſe empregàraõ mais nas linguas vulgares.

2 Em Italia foy o antigo Dante como o Ennio Latino, entre cujas humildades ſe achaõ gráos de ouro, O Dolce o foy na compoſiçaõ. De Petrarca Arcediago de Parma no anno de 1350. falecido no de 1374. chamado *Poeta, & Orador divino*, 1 ſe derivou a melhor doutrina; porque nos mirtos enxertou os louros: fez os amores caſtos: Laura lhe naõ impedio a laurea de Poeta Chriſtaõ. Arioſto foy Ovidio no fecundo, & mais agradavel na traça. Taſſo ſó peccou em naõ peccar; ſe alguma vez diſſimulàra as leys, fora menos ſevero: o Sabio diſſe 2 que naõ ſe deve ſer demaſiadamente juſto. Guarino, delicia das Muſas, com talento digno de Heroes repreſentou amantes: tanto artifice pedia mayor obra. Marino colheo todas as flores do Parnaſo; mas importàra à pureza que elle naõ eſcreveſſe; & aos engenhos que eſcreveſſe outra couſa. Preti he pequeno jaſmim com a ſuavidade de todas as flores. Naõ he poſſivel tratar de todos, nem decente nomear mais, porque naõ pareça eleyçaõ no que he de excellencia igual; ſómente Sanazaro naõ cabe em ſilencio, porque ſoube eſcolher aſſumpto digno de ſeu alto eſpirito.

1 *Zabarela conſil. 79. Cardinal. Tuſcan Concl. practic. lit. P. Conci. 333 in. 1. & 2.*

2 *Eccleſ. 7. 17.* Noli eſſe juſtus multum.

3 Em Heſpanha tinha a antiguidade na lingua vulgar hum rhythmo, quaſi natural, que os Portuguezes chamavaõ *Trovas*, & os Caſtelhanos Coplas; cuydo que *Trovas* ſe derivaria do verbo Francez *Trevever*, ou do Italiano, *Trovare*, que ſignificaõ achar, porque quem as fazia, achava aquelles conſoantes, ou toantes: & Coplas de *Copia*, que em Italiano he ajuntamento, por ſer aquelle rhythmo junta de toantes, & tambem ſe fazíaõ em mão Latim; Britto 3 na Monarquia Luſitana por curioſidade repetio algumas do tempo, em que os Reys de Leaõ conquiſtavaõ Heſpanha aos Mouros; outras por bem

3 *Britto Monarch. Luſit. p. 2. l. 7. cap. 6.*

galantes ſe conſervaõ manuſcritos, do tempo de Dom Affonſo Henriques, primeyro Rey de Portugal.

4 Dom Dinis, Rey ſexto deſte Reyno, ſendo moço, vivendo ainda ſeu pay Dom Affonſo Terceyro, foy o primeyro que em Heſpanha compos verſos, que merecem eſte nome; 4 mandou hum livro delles eſcrito por ſua maõ a ſeu avò Dom Affonſo X. Rey de Caſtella, que chamàraõ o Sabio; o qual eu vi na Livraria do Real Convento do Eſcurial, em folha de papel groſſo, de marca pequena, volume de tres, ou quatro dedos de alto, de letra grande Latina, bem legivel, & o que li era a noſſa *Senhora*, & outras couſas ao Divino. Seu filho Dom Pedro Conde de Barcellos, que eſcreveo o livro das geraçoens, deyxou em teſtamento o ſeu livro das *Cantigas* (aſſim lhe chama) a ElRey de Caſtella Dom Affonſo XI. ſeu ſobrinho, pelos annos mil & trezentos & cincoenta; 5 ElRey Dom Pedro ſeu neto fez tambem verſos; & do Infante Dom Pedro filho delRey Dom Joaõ I. ſe achaõ em louvor da Cidade de Lisboa, 6 jà com mais arte, com pè que chamaõ *Quebrado*, que foraõ muyto uſados. Do tempo delRey de Caſtella Dom Henrique IV. vemos impreſſas coplas de Hernando del Pulgar, no livrinho intitulado, *Vulgo*, *Revulgo*, com muyto bom eſtylo.

6 Começàraõ-ſe a compor verſos heroicos com doze ſyllabas, partindo-ſe, ou fazendo aſſento ordinariamente na ſexta, & tal vez na quinta, ſe era aguda, ou na ſeptima, ſe a palavra em que acabava era eſdruxula; chamavaõ-ſe *De arte mayor*, & tinhaõ a cadencia ſemelhante aos Herocos Gregos, & Latinos, & aos que hoje compoem os Francezes. Nelles eſcreveo Joaõ de Mena Poeta Caſtelhano, celebre no tempo dos Reys Catholicos Dom Fernando, & Dona Iſabel com muyta erudiçaõ, & artificio.

6 De cento & cincoenta annos a eſta parte, ſeguido aos Italianos, mudàraõ os Heſpanhoes aquelles verſos nos de onze ſyllabas, ou de dez, ſendo a ultima longa, & aguda, ſe bem os de dez ſe uſaõ menos, por naõ ficarem taõ cheyos; & aos Portuguezes ſe deve ſerem os primeyros, ou dos primeyros neſta mudança; 7 mas algumas vezes ſe faziaõ ſem conſoantes no fim, & ſe chamavaõ *verſos ſoltos*. Eſcreveo muytos em Caſtella o Boſcam no tempo do Emperador Carlos V. & depois em Portugal o illuſtre Poeta Jeronymo Corte-Real; 8 porèm jà ſe naõ uſaõ; porque a falta de conſoantes he falta de ſal; & aſſim galantemente Dom Luis de Gongora 9 ſe moſtrou enfaſtiado dos de Boſcam. Alguns lhes davaõ graça, pondo em boa academia do meyo do verſo conſoante do com que acabàra o verſo antecedente, como com excellencia fez Garcilaſſo de la Vega nas ſuas Eclogas.

7 No tempo do meſmo Carlos V. Garcilaſſo de la Vega, taõ cortezaõ como illuſtre, chegou a Poeſia Caſtelhana a hum ponto alto; ainda que por naõ haver couſa que ſatisfaça a todos,

4 *Mariſnos dialog dos Reys de Portug. dial. 3. c. 1.*
Faria no Epitom. das hiſt. Portug. p. 3. c. 7. n. 15.

5 *Fr. Franc. Brandaõ na Monarchia Luſit. p. 5. l. 16. c. 3. ad fin.*

6 *Refere-os Brito ſup. l. 1. c. 13.*

7 *Prova Manoel de Faria nò prolog. das divinas, & humanas flores.*

8 *Corte Real no poema do naufragio de Manoel de Souſa.*

9 *Gongora na fabula de Leandro.*
Que yo á pie quiero ver màs
Un toro ſolto en el campo,
Que en Bolcan un verſo ſuelto,
Aunque ſea en un andamio.

10 *Hernando de Huerta (mas naõ o que chamàraõ divino) nos escol. a Garcilasso.*

dos, hum seu Escoliador, 10 se atreveo a notarlhe descuydos com pouca razaõ. Jorge de Montemayor Portuguez, que metrificou naquella lingua, foy tambem dos primeyros que a illustràraõ; o mesmo fizeraõ Figueroa, & outros grandes talentos; entre os quaes Hernando de Herrera foy chamado *Divino*. No mesmo tempo, reynando em Portugal Dom Joaõ III. & nos seguintes, foraõ exaltando a Poesia Portugueza, Francisco de Sá de Miranda, que chamàraõ *Plataõ Lusitano*, pelas moralidades que a ella reduzio, Simaõ Machado, Antonio Ferreyra, Diogo Bernardes, & outros; sobre todos Luis de Camoens, insigne em todas as suas obras, particularmente nas *Lusiadas*, em que na imitaçaõ de huma só acçaõ, na honestidade della, na utilidade de sua leytura, na recreaçaõ acompanhada de erudiçaõ, & proporçaõ, (partes essenciaes do Poema heroico) venceo sinaladamente os antigos, & modernos: só lhes saõ comparaveis Homero, Virgilio, & Tasso, excedidos ainda em algũas cousas; 11 taõ louvavel no que disse, como em naõ dizer mais, atè nos peccados veniaes contentou.

11 *Prova tudo Manoel Severim de Faria na vida de Camoens.*

8 A graça do comico vio primeyro Hespanha nas comedias do Portuguez Gil Vicente, que ajudado de sua filha Paula, como Lucano de sua mulher Pola, entreteve com galantaria em estylo antigo, & naõ sem doutrina, a Corte dos Reys Dom Manoel, & Dom Joaõ III. Seguiraõ-se as de Simaõ Machado, Francisco de Sá de Miranda, Antonio, & Jorge Ferreyra, as de Camoens, & outros Authores com excellentes qualidades, que entaõ faltavaõ nas Castelhanas muyto humildes em tudo. Hoje excedem estas as de todas as naçoens, a que deu arte o insigne Lope de Vega Carpio; se outros depois viraõ mais, devem a luz áquelle Sol. He verdade que naõ observaõ as leys dos Mestres antigos, que outras naçoens fóra de Hespanha imitaõ mais, porèm aquelles Mestres as trocariaõ; se viraõ estas. Exceptua-se o *Pastor fido*, que excede a tudo.

9 Romance he Poesia propria de Hespanha, & das melhores; bem se vè nos de Dom Luis de Gongora, & nos pastorís de Francisco Rodrigues Lobo; ha poucos annos que os Italianos a querem imitar, mas naõ lhes succede com graça; nem a nòs nos seus Idilios.

10 Nomear os luzidos Poetas de nossa idade, fora numerar as Estrellas; sómẽte na Poesia Latina naõ passarey em silencio o Padre Antonio de Sousa meu Primo, Religioso da Companhia de *Jesus*, que em muy poucos dias, no anno de mil & seiscentos & dezanove, compoz aquella famosa Tragicomedia, que anda impressa, do descobrimento da India, que no Collegio de Santo Antaõ de Lisboa se representou a ElRey Dom Filippe III. de Castella; & meus dous amigos Diogo de Payva de Andrade, que no Poema *Chauleydos*, foy valente imitador de Estacio, & assim naõ he sua liçaõ vulgar; & o Padre Macedo bem conhecido em Europa toda por Poeta insigne,

& nas linguas Portugueza, & Caſtelhana, Soror Violante do Ceo, Religioſa da Ordem de Saõ Domingos no Convento da Roſa de Lisboa, que com admiravel eſpirito illuſtrou ſua patria, & acreditou o engenho das mulheres. O Author da Bibliotheca Hiſpana 12 diz, que os Portuguezes reynaõ na Poeſia.

11 Em proſa tambem ha Poeſia, dizem os que della tratáõ; porque hum poema conſiſte mais nas outras qualidades, que no metro; & aſſim o ſaõ os livros de cavallaria, os paſtoris, novellas, & comedias em proſa. De cavallarias he o melhor o noſſo Palmeyrim; dos paſtoris que vi, tenho por melhores os Francezes, como a *Citharea*, *Eſtela*, & outros modernos; perdoem as Arcadias de Sanazaro, & de Lope, & o noſſo Lobo, ſendo taõ excellentes. De novellas foraõ primeyros compoſitores os Italianos; Miguel de Cervantes as introduzio em Heſpanha, & nenhumas depois o igualáraõ. Venero a Argenis, Theagenes, & Clarichea. De comedias em proſa acho excellentes as Portuguezas de Jorge Ferreyra, intituladas, *Aulagraphia*, *& Euphroſina*, as quaes, mayormente a primeyra, vencem as Terencianas, em deſcobrirem, & repreſentarem ao natural o que no Mundo paſſa; viveo no tempo delRey D. Joaõ III. & principio delRey Dom Sebaſtiaõ.

12 Naõ nego que eſtas compoſiçoens militaõ na *Poeſia* tomada largamente; porèm a excellencia conſiſte no verſo pela conſonancia, locuçaõ, & comprehenſaõ de grandes conceytos em breves palavras; ſó niſto ſe verifica o furor ſoberano deſcido do Ceo. Plataõ diſſe, que a Poeſia ſem medida, & concento de rhythmo, fica huma pratica popular. 13

13 Como divinos foraõ ſempre honrados os Poetas dos juizos que conhecem a eſtimaçaõ das couſas. Sobre a gloria de qual era a patria de Homero contendéraõ ſete Cidades, como já diſſemos; 14 Eſmirna chegou a levantarlhe templo; Alexandre Magno ſó para guardar as ſuas obras eſtimou o precioſo cofre que achou entre os deſpojos de Dario; & invejava a Achilles haver ſido o Heroe da ſua Iliada; & quando tomou Thebas, mandou guardar a caſa, & familia de Pindaro. Zenodoto Efeſio teve grande lugar com o primeyro Ptolomeo Rey do Egypto, ſendo ayo de ſeus filhos. Por huma das felicidades do outro Ptolomeo Philadelpho ſeu ſucceſſor, ſe avaliou ter ſete Poetas Gregos no ſeu Paço. 15 Archelao Rey de Macedonia conſagrou ſummas honras a Euripides; & os Sicilianos, tendo prizioneyros muytos Athenienſes, davaõ liberdade aos que recitavaõ ſeus verſos. Hieron Rey de Sicilia enviou hum grande preſente a Archimelo Athenienſe em agradecimento de hum epigramma. Anazarbo, Cidade de Sicilia, levantou eſtatua a Oppiano ſeu natural. A Ennio enriqueceo Roma em vida, & honrou na morte, mandando a Scipiaõ Africano pòr a ſua eſtatua na ſepultura illuſtre da familia dos Cornelios

12 *Aur. Bibliotb. Hiſp. in verbis relatis ſupra c. 23. 25.*

13 *Plato lib. 24. dialog. Gorgiæ vel de Rhetor. poſt med.*
Si quis auferat ex tota poeſi concentum, & rhythmum, atque mentutam, aliud nequidquam præter ſermones quoſdam ſupererit? profecto ad turbam, populumque hi ſermones habentur.

14 *No cap. precedente. n. 15.*

15 *Floſcul. hiſt. p. 1. c. 8.*

nelios Scipioens, & pondo-se sua effigie nos lugares publicos com inscripçoens nobilissimas. A Horacio fez Octaviano Augusto notaveis favores; & a Virgilio mandou escrever no numero de seus principaes amigos: Octavia, irmã do mesmo Emperador, começando Virgilio a recitar alguns dos versos, em que no fim do livro sexto da Eneida fallava em Marcello seu filho já morto, se desmayou, & tornando em si, mandou que por cada verso dos que naõ ouvira lhe dessem dez sestercios; montaria o que lhe deu cinco mil cruzados; chegou a possuir seis mil sestercios, que importavaõ mais de duzentos & cincoenta mil cruzados, & teve huma nobre casa em Roma; quãdo entrava no theatro a recitar seus versos como era costume, o povo Romano se levantava, & lhe fazia o mesmo acatamento que ao Cesar. A Cornelio Gallo fez o mesmo Octaviano Prefecto, & Tribuno; só porque era elegante Poeta. A Estacio banqueteou, enriqueceo, & coroou Domiciano, para se acreditar; & a Sylo Italico fez Consul tres vezes. Vespasiano encheo de honras, & de dinheyro a Sylo Basa, Poeta Lyrico. Graciano deu o Consulado a Ausonio Gallo. Theodosio poz a Aurelio Prudencio nos mais sublimes postos. Carlos V. coroou a Petrarca, & a Ariosto com grandes honras. No tempo de hoje, em q̃ se faz menos estimaçaõ das artes, alcançou nossa excellente Poeta Soror Violante do Ceo, do Senhor Rey Dom Affonso VI. (exemplo unico) huma arrezoada tença.

14 Disse finalmente Marco Tullio, 16 que os antigos chamaraõ *Santos* aos Poetas, como particularmente recomendados pelos Deoses aos homens para lhe fazerem bem. O Romano Sylla, atè a hum que lhe fez muyto máos versos, deu boa soma de dinheyro, porque lhe naõ fizesse outros; 17 mas ha alguns que por nenhum preço deyxaraõ de os fazer; 18 a estes devèraõ as leys castigar: & assim Alexandre matou com fome a Chirilo, porque sendo mào Poeta, quiz cantar suas façanhas. 19 A Philoxeno meteo Dionysio Tyranno em cruel prizaõ, porque reprovou huns màos versos do mesmo Dionysio; & sendo solto por rogos de amigos, achando-se onde o Tyranno recitava outros seus versos, sahio da casa, & perguntando lhe ellè porque sahia, respondeo: *Porque he menor mal a mais cruel prizaõ, que ouvir taes versos.* 20

15 Deu o *Senhor* a Poesia ao Mundo para illustrar todas as sciencias, & faculdades, com as quaes se germana. O Apostolo Saõ Paulo allegou huma authoridade poetica para convencer os Athenienses. 21 Santo Thomàs 22 chama Poetas Theologos a Orfeo, a Museo, & a Lino; & as obras dos Santos Jeronymo, & Agostinho se vem cheas de erudiçoens poeticas. Santo Alberto Magno 23 disse, que a Poesia admirando, dá occasiaõ de filosofar, & que em quanto ás medidas pertence á Grammatica; em quanto á tençaõ, he parte da Logica. Quintiliano 24 refere, que os Sabios antigos chamàraõ à primeyra Filo-

16 *Tul. orat. pro Archia poeta.* Quasi deorum aliquo dono, atque munere cõmendati esse videantur.

17 *Eraſm l. 6. apophthegm.*

18 *Quia* stultus verba multiplicat. *Eccleſiaſt.* 10. 14.

19 *Refere Sorapan na Medicina Heſpanhola, reſ. an* 3.

20 *Bruſ. l.* 2. *c.* 1.

21 *Act* 17. 28.

22 *D. Thom. 1. methaph. lect. 4. verſ. hic oſtendit.*

23 *Albert. Magn. 1. met. tr. 2. cap.* 6.

24 *Quintilian. l.* 1. *&* 5.

Filoſofia, *Poetica*; & à primeyra Poeſia, Filoſofia, & que os livros dos Filoſofos eſtaõ illuſtrados com as ſentenças dos Poetas. Plutarco 25 (fallando das abelhas) comparou a Medicina à Poeſia, dizendo, que aſſim como os Poetas tiraõ allegoricamente da torpeza de algumas fabulas utilidades para o eſpirito, aſſim os Medicos, de venenos compoem antidotos para a ſaude. Accurcio 26 enſina, que havendo authoridades de Poetas, ſe alleguem para deciſaõ das cauſas; & aſſim as allegaõ os Juriſconſultos em muytos textos; 27 & tambem alguns do direyto Canonico, 28 como temos eſcrito em outra obra. 29 Pelo que diſſe Mattheos Gibraldis, 30 que a Juriſprudencia exorna ſeus eſtudos com Poetas, como com bellas, & ſuaviſſimas flores. A Oratoria (advertio Quintiliano 31) ſempre ſe valeo da Poeſia, ou para teſtemunho da Juſtiça, ou para ornato da eloquencia; porque alli ſe acha o eſpirito para a ſubſtancia, o ſublime para as palavras, o movimento para os affectos, o egregio para toda a acçaõ; & os animos dos ouvintes çançados com negocios, ſe alliviaõ nella. Nem hum papel, ou huma breve carta eſcreverá bem, quem naõ tocar de Poeta; naõ para imitar o meſmo eſtylo, como alguns ridiculamente fazem, ſendo o da proſa, & o do verſo muyto differentes; mas para a brevidade, & collocaçaõ; porque os Poetas eſtaõ coſtumados a eſcuſar palavras ſuperfluas, & a uſar das que ſignifiquem brevemente, para que o conceyto cayba no verſo; & tem o ouvido feyto a hum certo numero, cadencia, & toante, que os periodos da proſa requerem, & ſem iſto ficaõ deſagradaveis; donde veyo a dizer Marco Tullio 32 que muytos entendèraõ ſer a boa proſa imitaçaõ do verſo. Tambem as partes da Mathematica ſaõ familiares à Poeſia nas deſcripçoens: quam ſabiamente obſervaõ os Poetas a maquina dos Ceos com ſeus planetas, ſignos, & eſtrellas! que bem medem a terra, & confinaõ ſuas provincias! quam naturalmente deſcrevem os mares com ſuas enſeadas, ou alterados, ou quietos! na navegaçaõ, na milicia, na agricultura, atè nas artes mecanicas fallaõ com propriedade de profeſſores. A Muſica he o meſmo que a Poeſia, como fica dito no principio do Capitulo paſſado. Finalmente quanto a Poeſia conduza para a Politica, moſtra a Republica de Plataõ: concluamos referindo com Caſſaneu, 33 que os antigos ſó chamàraõ Sabios aos Poetas; diziaõ que eraõ pays, & capitaens da ſapiencia: 34 & as Cidades Gregas bem governadas faziaõ que os moços aprendeſſem primeyro que tudo a Poeſia, para nella ſe inſtruirem nos bons coſtumes, 35 ainda que por falta de vea natural naõ ſahiſſem Poetas.

16 Eſte dom de Deos taõ proveytoſo por tantas vias, devèraõ os homens empregar ſó naquellas utilidades, em recreaçaõ honeſta, & em compor louvores ao meſmo Deos, para o que he a Poeſia muyto propria, & por iſſo com hymnos o louvaõ os còros celeſtes, & a Igreja Santa os imita; 36 tem

25 *Plutarch. in mariâl.*

26 *Accurt. in gloſ. verb. Virgilius, in L. In tantum 6. §. in fin. ff. de ver. d. viſ.*

27 *D. L. In tantum § fin L. Qui venenum 136 ff. de verb. ſign L. Aul facta 16. §. Eventus ff. de pœn. Princ. I. ſt de leg. Aquil. & in proœm. digeſtor.*

28 *Cap. Quemadmodum jurejur.*

29 *In tract. Perfect. Doctor. qualit. 15. n. 10.*

30 *Gibald. de method. ac rat. ſtud. l. 1. c. 20. habetur in tract. Doctor juris.*

31 *Quintilian. ſupra, & l. 10. c. 10. recapitat. verb.*

32 *Tul. ſupra.* Adeò neceſſaria... ut ne deſint qui ſolutam orationem poetices videri imitationem, argumentis aſtruere nitantur.

33 *Caſſan. in Catal glor. mund. p. 10. conſid 45.*

34 *Plat 2 de Rep.*

35 *Strab. l. 1. Horat. l 2. ep. 1. Caſſan. ſupra.*

36 Cum Angelis, &c. Hymnum gloriæ tuæ canimus *In Præf. Miſſæ.*

virtude de aplacar a ira divina, como notou Santo Agoſtinho; 37 o que os Romanos Gentios entendiaõ; 38 para este effeyto ordenàraõ que as donzellas cantaſſem pelas ruas os verſos de Livio Andronico. 39 Nisto empregáraõ as ſuas Poeſias Job, Moyſés, & David, como diſſemos; 40 & em tempos menos antigos o Papa Saõ Damaſo, noſſo Rey Dom Dinis, Sanazaro, & outros illuſtres engenhos; & neſtes noſſos annos, o Papa Urbano VIII. reformando com excellente Poeſia os hymnos do Breviario Romano. O meſmo fizeraõ grandes matronas: a famoſa Emperatriz Athanais, ou Eudoxia, dos verſos de Homero compos a vida de *Chriſto*; & a celebre Romana Falconia a compoz dos verſos de Virgilio.

17 Melhor deſempenhou eſta obrigaçaõ a Soberana *Virgem*, gloria ſumma dos Poetas, com aquella divina Poeſia da *Magnificat*, a mais agradavel a Deos. Os doutiſſimos Maldonado, & Carthagena, 41 dizem que a compoz em metro: & a meſma *Senhora* revelou a Santa Brigida, 42 que alli fallàra ſua lingua couſas naõ cuydadas, com hum fervor de eſpirito que admirára a Santa Iſabel; fervor, que o Ceo inſpirava, como diſſemos, 43 ſer proprio da Poeſia, mas com excellencia em taõ celeſtial Poeta.

18 Com tudo a natureza depravada no peccado, nem deſte bem deyxou de uſar mal muytas vezes: os jogos ſcenicos inſtituidos em Roma por medicina alegre contra huma peſte que houve, 44 ſe convertéraõ em veneno com verſos laſcivos.

19 Ha couſas que naõ ſe pòdem ler em eclogas de Virgilio: nos Metamorfoſis, & na Arte de Ovidio: em Epigrammas de Marcial: em paſſos do Orlando de Arioſto: no Adonis, Epithalamios, & varias partes do Marino. Muytos naõ ſe contentàraõ com Poeſias particulares a damas, (galantaria toleravel) mas tomàraõ por aſſumpto de obras inteyras fazerem algumas celebres no Mundo; como Virgilio a Amarillis, Ovidio a Corina, Propercio a Cinthia, Catulo a Lesbia, Petrarca a Laura, Ronſardo a Caſſandra, Maria, Aſtrea, & Helena: hum noſſo Portuguez a Sylva; do que ſó Petrarca ſe moſtrou arrependido; 45 & Ronſardo conheceo o engano. 46

20 Eſtacio, & Claudiano cantàraõ acçoens indignas; o primeyro na Thebaida os odios dos irmãos, Etheocles, & Polynices: o ſegundo o roubo de Proſerpina. Das rans, moſquitos, & outros animaes immundos eſcrevèraõ alguns engenhos, chegando eſte crime a Homero, & Virgilio; em Heſpanha temos a Moſchea, & Gatomachia, ſem que a miſtura de alguma moralidade deſculpe tal vileza.

21 Igualmente peccaõ as jacaras de ladroens, galeotes, & bayxezas ſemelhantes; & mais que todos as Satyras, Poeſia diabolica, como dizem os Santos; 47 porque noſſa danada inclinaçaõ move para o mal com mayor força que a honeſta para o bem; & a cadencia do verſo imprime na memoria, & a

deyxa

37 *D. Aug de doctr. Chriſt l. 2. cap. 40.*

38 *Horat. l. 2. p. 1.*
Carmine Dii ſuperi, placantur carmine Manes.

39 *Textor in officin. p. 2. lit. de P. et in princip.*

40 *Cap. precedent. n. 8. cum ſeqq.*

41 *Maldonad. in Luc. n. 80. Carthagen. de arcan. Deip. & Joſeph, p. 1. l. 6. hom. 9. in fin.*

42 *Revel. de S. Brigida l. 6. c. 59.*

43 *Cap. precedent. n. 2.*

44 *Floret. hiſt. p. 1. c. 7. poſt med. verſ. anno mundi 3690.*

45 *Petrarcha ſoneto 1.*
Di me medeſmo meco mi vergogno,
E del mio vaneggiar vargogna il fruto.
El pentir ſe, &c.

46 *Ronſard. ſonet. 1. d. 1.*
Il cognoiſta que l'homme ſe decoit
Quando pleind d'erreur, un aveugle il renoit,
Pour ſa conduit. un enfant, pour ſon maieſter.

47 *D. Hieron. ep. de duob. fil.*

deyxa aos vindouros; & assim he peccado sem restituiçaõ. O demonio he taõ grande poeta, como se deyxa ver naquelles versos Latinos, que se lem igualmente começando pelo fim, como pelo principio; 48 mas querendo huma vez voltar ao divino huma quintilha amorosa, a fez errada; 49 tanta he a differença de hũa à outra poesia, & assim tanto se deve reparar na materia em que se versifica.

48 Sedula petosas irrisa sorte: paludes,
Sepositi donis non sitio ditis opes.
Signa tes; signa, temere me tangis, & angis,
Roma tibi subito motibus ibit amor.

49 *Referem Luis Affonso no Cisne de Apollo.*
D. Joaõ Orbs. Bisp. de Guadix, de ver. & falsi probat. l. 2. c. 11.
Maiate na Prosop de Christ. idade 4. c. 1. § 8.

CAPITULO XXVIII.

Origem da Rhetorica, & Oratoria, para utilidade publica; & males que a malicia dos homens causa com ellas. Trata-se dos Advogados.

1 A Rhetorica, & Oratoria he huma faculdade de achar, pereeber, & dizer em qualquer materia, o que pòde persuadir os ouvintes ao intento do Orador; 1 para o que naõ só usa de razoens, & de palavras, mas tambem de sons diversos na voz, & cadencia nos periodos, com que move os animos. Nisto participa os effeytos que notavamos na Musica; 2 & já com Quintiliano dissemos, 3 quanto se germana com a Poesia; & assim parece que naSceo no mesmo tempo: Isocrates 4 declarou sua antiguidade, quando disse, que por ella se differençavaõ, & aventajavaõ os homens dos brutos, & que sendonos estes superiores nas forças, ligeyreza, & outras partes, só os venciamos na arte de persuadir; os Antigos chamàraõ à Oratoria, 5 *Sapiencia.*

1 *Aristot. 1. Rhetor. c. 2.*

2 *Supra c. 23. n. 3. & 4.*
3 *Supra c. 26. n. 15.*
4 *Isocrat. in Nicocle.*

2 Fenicides Syro, em tempo delRey Cyro, ordenou a oraçaõ em prosa. Corax, & Cresias Syracusanos foraõ os primeyros, que sabemos que ao natural accrescentàraõ regras de artificio: Gorgias Leontino as cultivou em Athenas, & melhor seu discipulo Isocrates, cujo emulo se fez Aristoteles, lendo às tardes cadeyra publica de Rhetorica. Quasi no mesmo tempo foy Theodectes, & depois Hermagoras, & Hermogenes, que escreveo della. Eschino desterrado a levou dalli a Rhodas; & no tempo adiante, enfraquecendo-se os estudos em Athenas, passou o desta arte a Alexandria, aonde florecia a Filosofia com excellencia. Ultimamente se enfinou em Massilia. Cicero diz que o seu mayor ornato se deveo a Pericles Athenienfe, porque de antes se achava pobre de toda a belleza. 6 A este Pericles chamáraõ os antigos *Olympo*, porque diziaõ q̃ orando, parecia que tronava, ou fulminava; tal era a força de sua Rhetorica. 7

5 *Ompbalius de elocution. imit: ac apparat. c. 5. in print.*

6 *Hæc ex Volaterrano.*

7 *Textor in officin p. 2 tit. Orator.*

3 Consideraõ os politicos 8 grande fruto desta arte, naõ só aos particulares, mas tambem ao commum; porque com sua eloquencia emendaõ os Respublicos os costumes, louvaõ as virtudes, vituperaõ os vicios, persuadem a observancia das

8 *Apud Polianth. verbo Rhetor. P. Torres in Philos. pb. de Principes l. 6. c. 4.*
Solorzano emblema 27.

ley, á defenſa da patria, moſtraõ a verdade, conciliaõ os animos, inculcaõ as conveniencias. ElRey Agamenon para conquiſtar Troya dizia, q̃ mais queria ſete Nettores, que ſete Ayaces. ElRey Pyrrho publicava, que mais Cidades vencèra com a eloquencia de Cyneas, que com a força dos Soldados. 9 Rainha de todas as couſas lhe chamàraõ muytos, porque impera ſobre todas, aniquilando-as, ou engrandeeendo-as. Eſchines deſterrado em Rhodas, vendo que huns que liaõ a oraçaõ com que Demoſthenes o accuſára, a louvavaõ, & admiravaõ, lhes diſſe: *Que fora, ſe ouvireis a voz viva daquella féra?* 10 Cicero diſſe, que os primeyros que oráraõ, foraõ os fundadores das Cidades, & os Legisladores para moverem.. Os famoſos Capitaens uſavaõ do meſmo antes das batalhas, para excitarem o valor; & por eſtas utilidades diſſe Demetrio, que tanto podia a eloquencia na Republica, como o ferro na guerra. O doutiſſimo Biſpo Garcia Galarza nas ſuas Inſtituições Euágelicas moſtra, & exemplifica largamente, quanto eſta arte contribue á elegancia,& intelligencia da Eſcritura ſagrada. 11 De *Chriſto* Senhor noſſo diz o Euangeliſta Saõ Mattheos 12 que prègava com mageſtade; & o Proconſul Publio Lentulo em carta ao Senado Romano, eſcreveo, 13 *que era terrivel no reprehender, brando, amavel, & alegre no amoeſtar, guardando em tudo madureza*; quiz uſar o Prègador Divino dos meyos humanos para perſuadir.

4 Aſſim eraõ os Oradores muyto eſtimados. Iſocrates vendeo huma oraçaõ por vinte talentos, 14 que ſegundo Budeo, 15 eraõ doze mil eruzados. Em Roma Hortenſio ſe fez taõ rico, que pode comprar hũa pintura por oytenta mil cruzados; 16 & Marco Tullio de naſcimento pobre, chegou às mayores dignidades. No meſmo tempo foraõ muyto venerados, Servio Sulpicio, 17 Apollonio Mollon, & pouco depois o Emperador Auguſto honrou muyto a Aſinio Pollion, taõ preſumido, que taxava a Livio de mal inclinado: a Ceſar nos Commentarios de pouco verdadeyro: a Salluſtio de fallar ao antigo: a Cicero de eſtylo molle, & deſmayado. 18 De todas as naçoens houve muytos celebres, que os Eſcritores 19 nomeaõ; ainda hoje ſe faz em Caſtella grande eſtimaçaõ dos Advogados Rhetoricos, & eloquentes, porq̃ nos tribunaes de Juſtiça, como uſavaõ os Romanos, em voz viva patrocinaõ as cauſas. Os mayores homens, & Principes ſe davaõ antigamente ao eſtudo deſta arte: no famoſo Alcibiades ſe notava faltarlhe confiança para orar em publico; & Socrates lhe tirou o receyo cõ lhe advertir, que o mais numeroſo auditorio ſe compunha dos particulares, a que elle fallava confiado. 20 Em orar, & praticar foraõ celebrados Agamenon pela elegancia do eſtylo: Menelao pela artificioſa brevidade: Neſtor pela brandura com que perſuadia: Ulyſſes pela copia de palavras: Páris pelo engenho da traça: 21 Julio Ceſar pela efficacia no dizer: Auguſto pela ſuavidade: Tiberio

9 *Vide* P. *Mendoça in Viridar. l.6 orat.19. laud.Rhetor. & l.7.à principio.*

10 *D.Hieron. refert in prolog. ad Paulin.de omnib aivin.hiſt. tib. § 2. in fi.* Quid ſi ipſam audiſſent beſtiam ſua verba reſonantem?

11 *Galarza in Inſt.Euang. l.2. c.4. cum ſequent.*

12 *Matth.7.in fine.* Sicut poteſtatem habens.

13 *Refere-ſe no livro antigo chamado, Theologica Bibliotheca, & diremos na 2.ſart.c. 40.n.4.*

14 *Refert ex aliis Fr. Hector Pinto dial. 2 c 6.in 2.p.*

15 *Budeus de aſſe l.2.*

16 *Liſſemes c.22.n 10.*

17 *Refert Pompon. Juriſconſult. in L.2. §.deinde ff.de orig.jur.*

18 *Refert Text.d. tit. orat. in prine.*

19 *Cicer.de perfect. orat.Textor ſupra.Plutarch. de claris Rhetoric.*

20 *Mexia na Sylv l.2.c.44.*

21 *Cauſin.de eloquent. ſacr.l.1. c.5.*

Tiberio pela ponderaçaõ: 22 Adriano pela erudiçaõ: 23 Conſtantino pelo cuydado: 24 Graciano pela modulaçaõ da voz: 25 & noſſo Rey Dom Affonſo V. pelo bom natural. 26 Finalmente os Emperadores Leaõ, & Anthemio em hum texto de direyto civil 27 chamàraõ à voz dos Oradores, *Voz gloriosa*, pelas utilidades que cauſa.

5 Porèm a malicia as coſtuma perverter; ha Oradores engenhoſos para o mal, & como diſſe Quintiliano, 28 que mais querem ſer diſcretos, que bons; em vez de fazerem ſó demonſtraçaõ da verdade, & perſuadirem o util, daõ ao ſeu ſugeyto a apparencia que querem: authorizaõ os vicios, deſacreditaõ as virtudes, torcem as leys, embaraçaõ o juizo dos ouvintes; de modo, que ſe huma grande attençaõ naõ eſtiver ſempre vigiando, facilmente ſe acharà enganada nas cores com que a eloquencia pinta. A Rhetorica (dizia Iſocrates) 29 faz as couſas grandes, pequenas, & as pequenas grandes; laço de mel chamou Diogenes 30 à oraçaõ eſtudada, & vituperava os Oradores que fallavaõ bem, & obravaõ mal. Archidamo Lacedemonio perguntado ſe era mais poderoſo que Pericles, reſpondeo: *Eu o venci na guerra; mas elle quando falla diſto, o faz com tal facundia, que eu pareço o vencido.* Por iſſo Plutarco 31 notou, que aſſim como hum barco perigava, ſe toda a gente que hia nelle carregava a hum lado; aſſim era perigoſo na Republica orarem todos os Rhetoricos por huma parte, & que na diſcordia delles conſiſtia a ſegurança. A Ordenaçaõ deſte Reyno quer que nos lugares em que houver dous Advogados aventajados, ſe repartaõ a ambos os litigantes, & naõ advoguem por hum ſó. 32 Os Embayxadores de Achaya entre as condiçoens com que ſe ſugeytàraõ aos Romanos, metèraõ, que naõ admittiriaõ Oradores; porque viaõ qué eſtes com ſua eloquencia confundiaõ Roma; & que antes receberiaõ guarniçõeſ de Soldados, que profeſſores de tal arte, que com argumentos, & ſutilezas perturbariaõ a quietaçaõ das Cidades, enſinariaõ o povo a diſputar contra a juſtiça, & a offender as leys antigas com diſtinçoens atè entaõ ignoradas. 33

6 Taes ſaõ muytos Advogados (Oradores nas cauſas) ſendo por direyto peſſoas *egregias*, chamados, *clariſſimos*, & ſeu officio *dignidade illuſtre*, *digna de louvor*, & *gloria*; & aſſim devendo ſer (alèm de muyto doutos) ſinceros, tementes a Deos, amantes da juſtiça, deſintereſſados, & verdadeyros; a cuja caſa, como a oraculo ſagrado, vaõ conſultar os negociantes; 34 degeneraõ em cavilloſos, atrevidos, deſprezadores das leys, cubiçoſos, & patronos da falſidade, em cuja caſa ſe alimenta a injuſtiça. Saõ Bernardo ſe admira de que Deos os poſſa ſofrer; 35 os antigos lhe chamàraõ, *perturbadores*, *ſordidos*, *latrantes*, & *rabulas*: porque roem as fazendas, & os ouvidos; Apuleyo os cognominou *buitres togados*, & *ladroens nos juizos*. 36 Naõ ha taõ mà couſa (diz hum ſeu proverbio)

22 *Tacit. annal. l. 13.*
23 *Dion. Caſſan. in Hadrian.*
24 *Pompon Let. in Conſtantin.*
25 *Auſon. in gratiar. act. ad Gratian.*
26 *Mario dial. 4 c. 9. ad fin.*
27 *In L. advocatis 14. Cod de Advocat diverſ judic.* Qui gloriosa vocis cõfiſi munimine, laborãtium ſpem, vitam, & poſteros defendunt.
28 *Quintilian. l. 12.* Sunt qui diſerti eſſe malunt, quàm boni.
29 *Iſocrat apud Eraſm. l. 8. apophthegm.*
30 *Diogen. apud Laert. de Vit. Philoſoph. l. 6.*
31 *Plutarch. in Morali.*
32 *Ordin. l. 2. tit. 48. §. 27.*
33 *Refere o P. Lyſieux na Philoſophia Chriſt. p. 2. c. 8. no prin.*
34 *De his omnibus Garcia de nobilit. gl. 35. à n. 11. Et vide text. in L. Advocat. tit. 14. Cod. de Advoc. diverſ. judicior.*
35 *D. Bernard. in l. de Conſider.* Mitor quemadmodum aures divinæ poſſint hujuſmodi diſputationes advocatorum; & pugnas verborum audire.
Corrige Deus pravum morem, præcide linguas voniloquas, labia doloſa claude, &c.
36 *De his Gratian. diſcept. forens. tom. 1. c. 186. à n. 59.*

que hum advogado perito naõ poſſa fazer boa; 37 & he impio, & execravel; nem para defender huma couſa juſta contra cavillaçoens da parte contraria, ſe pòde uſar de mentiras para enganar o juiz; ſó ſe permitte artificioſa induſtria, que naõ chegue a falſidade. 38 Nas dilaçoens injuſtas peccaõ gravemente. Naõ vemos que o que eſtes lucràraõ ſe logre nos filhos. Grandes ruinas em que nos poz o peccado. Confeſſou Marco Tullio que duvidava ſe da eloquencia Rhetorica reſultavaõ mayores males, que utilidades. 39 De tudo o que a hiſtoria vay moſtrando introduzido no Mundo para noſſo bem, uſaõ os homens para ſeu damno.

57 Nulla cauſa adèò mala, quàm peritus advocatus non poſſit bonam facere.
Apud Gratian. ſupra.

38 *Cov 1.var.c.2.n.1. Cevallos communn.q.361. in fin. Diximus totum in noſtro tract. perfect Doct. qualit.13.n. 5 verſ. Item Advocati, & qualit. 23. àn. 21. ubi latiùs.*

39 *Tul. de invẽtione l.1. in princ.*

CAPITULO XXVIII.

Principio, & augmento da ſciencia Aſtronomica, & Aſtrologica em beneficio do Mundo; & como ſe uſa mal della.

1 PRoſegue a hiſtoria ſagrada 1 que naſceo a Adam outro filho que ſe chamou *Seth*, que ſignifica, *Deume Deos outro filho em lugar de Abel, a quem matou Caim*; & bem parece ſubſtituto ſeu nas virtudes, as quaes transferio tambem a ſeus deſcendentes, que por iſto ſe chamaõ no Texto ſanto 2 *filhos de Deos*. Foy Seth Author da Aſtrologia, & Aſtronomia, como de outros excellentes inventos.

1 *Gen.4.25.*

6 *Gen 6.2.*

2 Para as ſementeyras, & outros intereſſes enſinou a neceſſidade, ou conveniencia aos primeyros homens a obſervar as mudanças dos tempos, as occaſioens da Lua, & outros curſos naturaes, que ainda hoje os lavradores, & mareantes ſem letras notaõ, & com acerto pronoſticaõ, ſó pela experiencia. Joſefo no livro das antiguidades diz, 3 que do tempo de Seth, ſe poz logo a Aſtrologia, & Aſtronomia em principios de ſciencia; & Cedreno 4 accreſcenta que jà entaõ poz nome aos ſete Planetas.

3 *Joſeph de antiq.l.1.c.3. in fin.*

4 *Cedren in compend. hiſt.*

3 O Santo Henoch, quarto neto de Seth, levantou mais aquella doutrina, conforme a Genebrardo; & Euſebio; 5 & Noè, biſneto de Henoch ſe fez ſcientiſſimo nella, & a enſinou depois do diluvio, 6 & dividio o anno em quatro eſtaçõeſ de tempo, & em doze mezes ſolares; porque os annos lunares tinhaõ atè entaõ onze dias menos. Por iſto com o nome de *Jano* (corrompido de *Jain*, que em Hebreo ſignificava vinho, 7 de que elle fora inventor 8) o fingiraõ os antigos deos do anno, & o pintavaõ ordinariamente com dous roſtos, hum para o Oriente, outro para o Occidente, indicando o principio; & fim do anno, 9 donde teve epitheto de *bifronte*; 10 ſe bem alguns o pintavaõ com quatro, 11 pelas quatro eſtaçoens do tempo

5 *Genebrard in Chron, Euſeb. de prepar. Evang.l.9 c.4.*
6 *Marute na Proſop. de Chriſt. idad.2.c.1.§.1.*
7 *Genebrard. ſuprà.*
7 *Geneſ 9.20.*
9 *Macrob Saturn.l.1.c.7. Alex ab Alex.l.1.c.14 & ibi Tiraquel.comment.*
10 *Virgil. Æneid.7.*
Jamque bifrontis imago.
11 *Macrob.d.l.1.c.9.*

tempo: punhaõ-lhe huma chave na maõ com que abria hum templo significador, & delle se chamou em Latim a porta *Janua*, 12 & os gentios lhe levantáraõ templo com doze altares, correspondentes aos doze mezes. 13

4 Depois proseguiraõ muytos o estudo da Astrologia Astronomica, com Filosofia natural. Atlante agigantado Rey da Mauritania, quando nasceo Moysés, foy nella taõ sabio, que muytos o tiveraõ por primeyro Astrologo, 14 & se fabulou 15 que sustentava o Ceo sobre seus hombros, revezando aquella carga com Hercules, que tambem tiveraõ por insigne nesta sciencia. Archas filho de Orchomeno se fez nella taõ famoso, que os Arcadios (que delle tomàraõ o nome) diziaõ que eraõ mais antigos que a Lua conhecida. 16

5 Applicavaõ-se com tanta curiosidade, que Thalès hindo olhando para as Estrellas, cahio em hũa cova, & lhe disse hum criado, que bem o merecia quem olhava para o ar, & naõ para onde punha os pès. 17 Entrando o Romano Marcello por armas Çaragoça de Sicilia, & mandando que ninguem matasse o ingeniosissimo Arquimedes, (cujas maquinas a tinhaõ defendido muyto tempo 18) o achou hum Soldado traçando na area huma figura da esfera, & perguntando-lhe quem era; ou (como escrevem outros) dizendolhe que fosse com elle a Marcello; taõ embebido estava no que fazia, que naõ respondeo; & o Soldado enfadado o matou; o que Marcello sentio muyto, & lhe deu honrada sepultura. 19 Huns para melhor contemplarem as Estrellas, se subiaõ ao monte Olympo, 20 que se dizia ter a cabeça sobre a meya Regiaõ fria do ar, chegando-se ao elemento do fogo; outro esteve annos no profundo de hum poço, que achou secco, entendendo, que por aquelle rotundo via melhor as Estrellas.

6 Assim por partes se foy descobrindo mais. Palamedes, Thalès Grego, & Sulpicio Gallo Romano explicàraõ os eclipses: Cleostrato achou os signos: Pythagoras a Estrella de Venus: Endimion as qualidades da Lua; & porque sempre a contemplava, se fingio, que era sua dama: Hyparcho inventou varios instrumentos Mathematicos: Aniximandro Milesio discipulo de Thalès formou a esfera; 21 outros dizem que Arquimedes; 22 Eolo achou a sciencia dos ventos; 23 donde os Poetas o chamàraõ Deos delles. 24

7 A Sabedoria, & Omnipotencia Divina com piedosa providencia tinha creada, & disposta a maquina celeste com tal ordem que, se pudesse filosofar della; & a deu a conhecer aos homens, para bem da agricultura, & da navegaçaõ; tambem da milicia, diz Plataõ, 25 & da saude dos corpos humanos, seguindo Hyppocrates; pelo que Galeno 26 a requer nos 27 Medicos, & em muytos lugares 28 mostra que se applicou a ella; posto que os modernos 29 a naõ tenhaõ por necessaria; ella tirou a ignorancia que haveria nos eclipses, cometas, & outros

12 *Ovid. Fast. 1.*
13 *Varr. l. 5. rer. hum. Macrob. l. c. 9.*
14 *Plin. l. 7. c. 56. Berof. l. 3. D. Aug. de Civit Dei l. 6. c. 39. n fin.*
15 *Ovid. Metamorph. l 9.*
16 *Viana no comment. à Ovid. Metam. l. 4. n. 49. com Aphrodisco, problem. 175.*
17 *Stob. serm. 78.*
18 *Liv. dec. 4. & 5. Plutarch. in Marcel.*
19 *Mexia na Sylv. de var. liç. l. 1. c. 43.*
20 *Jul. de Castilho hist. dos Godos lib. 1. disc. 4.*
21 *Plin. l. 7 c. 56. & l. 12. c 12. Textor in officin. p 2. tit. Astrolog.*
22 *Cicer. Tuscul. 1.*
23 *Plin. suprà. Cum Natal Comite Viana in climent. ad Ovid Metam. l. 1 n. 27.*
24 *Homer. in Odiss. Virg. Æneid. 3. Ovid Metam. 1.*
25 *Plat de Rep. dial. 7. Vultur. l. 3 c. 1.*
26 *Hippocrat. L. de aere, aquis, & loc & l 1. de diet. & 1. de carn. & in prognost.*
27 *Galen 1 epid. com 1. text. 1.*
28 *Idem Gal. l. 3. aph. 14. & de crisib l. 3. c. 6.*
29 *Latè Franco in Camp. Elys. q. 75.*

outros ſucceſſos naturaes, como a tinhaõ huns antigos, que quando a Lua ſe eclipſava, cuydavaõ que era effeyto de palavras veneficas que alguem lhe dizia cà da terra, & para que as naõ ouviſſem, tocavaõ muytos inſtrumentos de metal; 30 & os Godos, quando Gentios, que ouvindo trovoens, imaginavaõ que ſe fazia guerra a Jupiter, & atiravaõ ſettas para o Ceo pelo ajudarem. 31 Finalmente nos dá a cauſa porque em algumas Provincias, pela declinaçaõ da eſfera, dos equinoccios em diante ſe naõ vè o Sol em ſeis mezes do anno, & he dia continuado outros ſeis mezes; 32 que a naõ ſabermos a razaõ, tiveramos por outro aquelle Ceo.

8 Por eſta ſciencia naõ paſmàraõ os homens em caſos eſtupendos que ſe viraõ. No anno de *Chriſto* ſeiscentos ſetenta & ſeis ardeo hum Cometa tres mezes, & naõ choveo tres annos: 33 no de novecentos trinta & quatro, negou o Sol a luz por eſpaço de dous mezes, & depois delles ſe fez no Ceo huma rotura porque ſahia muyto fogo. 34 No tempo em que reynava noſſo Rey Dom Dinis, choveo em partes do Norte dez mezes continuos; 35 no anno de 1366. a 22. de Outubro appareceo no Ceo da meya noyte em diante hum movimento, em que corrèraõ as Eſtrellas de Levante para Poente; & ſendo juntas ſe dividíraõ, correndo para duas partes, & depois pareceo que muytas deſciaõ à terra, & ſe desfaziaõ em foguey ras, & o Ceo ſe moſtrava partído, o que durou grande eſpaço de tempo: 36 deſmayariaõ as gentes à viſta de taes prodigios, ſe a Aſtrologia lhes naõ deſcobrira a razaõ natural.

9 Quando ſe naõ achou cauſa em outros portentos, ficou eſta ſciencia moſtrando que eraõ aviſos do Ceo; como foy no que os Romanos viraõ, quando Annibal andava em Italia, apparecendo o Sol de ſangue, & voando pelos ares huma grande pèdra; & outras vezes em que choveo terra, & ſangue, o Sol ſe vio vermelho, & duplicado, & huma noyte pareceo claro dia. 37 Ella no anno de ſetecentos noventa & ſete, em que Irene tirou os olhos a ſeu filho Conſtantino Emperador de Conſtantinopla, moſtrou ſer prodigio eſcurecerſe o Sol por eſpaço de dezaſete dias. 38 Ella fez entender ao grande Arcopagita Dionyſio, quando *Chriſto* morreo, que eſcurecerſe o meſmo Sol, era final de que o Deos da natureza padecia, 39 porque ſuccedeo em Lua chea, (que neſta conjunçaõ era a Paſcoa dos Judeos) quando naõ pòde haver eclipſe do Sol por via natural. Ella ajudou a moſtrar em Roma, que era milagre nevar no quinto dia de Agoſto. 40 Ella enſinou a ElRey Dom Affonſo X. de Caſtella, que chamàraõ *Sabio*, que a rebelliaõ de ſeu filho Dom Sancho, & a tempeſtade que ſuccedeo a ſuas imaginaçoens temerarias, naõ era natural, com o que reconhecco ſuas culpas, & a perfeyçaõ (que negava) com que a Sabedoria Divina obrára os Ceos. 41 Ella finalmente leva ao conhecimento de Deos, como levou a Abraham, de quem Suidas

42 contra

30 *Plin. l. 2. c. 12.* Ad quod alludunt, & ſic intelliguntur.
Liv. l. 26. ab u. be cond. Plutarch. in Paul. Æmil D. Ambroſ. ad popul. ſerm. 82. D. Auguſt. de rect. Cathol. converſat. Juven. ſatyr. 6. Ovid. Met. l. 4. ubi Viana num. 27. & l. 7. ubi Viana n. 14.

31 *Mariana hiſt. Hiſp. l 5. c. 1.*

32 *Caſtilho hiſt. dos Godos f. 1. diſc 1.*
D. Diogo de Agreda nos lugar. com. de letras hum. verb. Thile.
Franciſc. Lop. de Gomara, hiſt. gener. das Indias f. 1.
Britto na Chron. de Ciſter l 1. c. 15.

33 *Horat. Scoglius Catacenſ. in Chron. ad fin. hiſt. à primord. Eccleſ. p. 2.*

34 *Brito Monarch. Luſitan. l 7. c. 20.*
Faria Epit das hiſt. Portug. p. 2. c. 8. n. 20.

35 *Faria ſupra part. 3. nas memorias do mundo no fim do cap. 7.*

36 *Duarte Nunes de Leaõ na Chronica de D. Pedro Rey de Portugal.*

37 *Liv. dec. 1. l. 3. & 10. & dec. 3. l. 4. 5. & 8.*

38 *Horat. Scoglius ſupra p. 2.*

39 *Refere o meſmo S. Dionyſ. in epiſt. Polycarp. ad fin.*

40 *Vilhegas no Flos Sanct. p. 1. feſta das Neves 5. de Agoſto Frey Diogo do Roſ. no Flos Sanct. Portug. na meſma feſta.*

41 *Marian. hiſt. Hiſp. l. 14. c 15.*

42 conta, que ſendo muyto moço, & dandoſe à Aſtrologia, obſervando o curſo, & qualidades dos ſignos, & eſtrellas, conheceo, que a magnificencia das couſas creadas naõ podia conſtar de força propria, mas tinha hum ſó Creador; porque ſe governava, & movia. Os tres Reys Magos foraõ Mathematicos, & Aſtrologos: o Naſcimento de *Chriſto* ſe lhes moſtrou em eſtrella, & ó naõ ſer natural os allumiou, como em ſeu lugar diremos. 43

10 Por ſuas utilidades he a Aſtrologia Aſtronomica excellente, & louvavel; 44 & aſſim juſtamente levantàraõ os Athenienſes eſtatua ao inſigne Beroſo. 45 O Santo Rey Ezequias foy dos mayores Aſtrologos; poz-lhe Deos o final milagroſo de ſua vida no relogio, 46 dizem Authores 47 que foy por ſe accommodar com ſeu genio. Julio Ceſar ſe empregou muyto no eſtudo 48 deſta ſciencia, & compoz livros della; & *Chriſto* Senhor noſſo approvou nas turbas o argumento que della tiravaõ para pronoſticarem os tempos. 49

11 Naõ ſe devem deſprezar ſeus pronoſticos pelo movimento dos aſtros, atè os limites que elles indicaõ naturalmente. Anaxagoras pronoſticou, que no anno ſegundo da Olympiada 78 cahiria do Sol hum penedo, & cahio junto de Egos rio de Thracia. Phericides Syro pela agua que ſe tirava de hum poço, & por argumentos dos aſtros entendeo, que haveria huma tempeſtade com grande terremoto; & ſuccedeo; & o antiquiſſimo Rey Anaco pronoſticou o diluvio de Deucalion muyto antes de ſer. 50 Porèm outros ſe infamàraõ com ditos ridiculos, como Cognon Egypcio, que eſcrevendo ſete livros com bom credito, os deſdourou com dizer a ElRey Ptolomeu, por ganhar ſua graça, que o cabello da Rainha Berenice eſtava collocado entre os Aſtros. 51

12 A malicia dos homens converte eſte bem grande, em grande mal, eſtendendo-ſe à Aſtrologia judiciaria, como ſe na inclinaçaõ dos Aſtros eſtiveſſe efficazmẽte o arbitrio humano, ou a diſpoſiçaõ divina, & ſucceſſos futuros; mal pòde alcançar o reſervado a Deos, 52 quem atè no q̃ he natural, erra muytas vezes, donde veyo o proverbio: *Quanto os Aſtronomos medem; tanto os Aſtrologos mentem.* 53 Diogenes vendo que hum Aſtrologo explicava as eſtrellas pintadas em huma taboa, & q̃ chamava algumas *errantes*, diſſe: *Naõ mintas, bom homem, que as eſtrellas naõ erraõ, mas eſtes*, apontando para os ouvintes: 54 ſó Deos por Profetas revela o que ha de vir; & tal vez condicional, & revogavelmente, como a ſubverſaõ de Ninive, o caſtigo de Acab, a morte de Ezequias. 55 O entendimento mais levantado, qual foy o de S. Agoſtinho, confeſſou, que applicando algum eſtudo á judiciaria, naõ achára mais que enganos, & aſſim a abomina. 56 Ecio Poeta diſſe, 57 que os judiciarios (pronoſticando ordinariamente felicidades aos ricos) enchem as orelhas alheas de palavras, para encherem as ſuas

42 *Suidas. verb Abraham.*

43 *Na 2.p.c.33.n.5.*

44 *Laèl Gabr. Pirovan. in defenſ Aſtronom.*

45 *Plin.l.7.c.37.*

46 *4 Reg. 20.11. Iſai.38 8.*

47 *Matuena Proſap. de Chriſt. idad.4.c.6 § 9.*

48 *Patrit de Regn.l.2.c.18.*

49 *Luc.14.54.*

50 *Eraſm.Chi.4.cent.1.prov.46.*

51 *Textor d.tit.Aſtrolog.*

52 *Act.1.7.*

53 *Marſil Ficin.l.4.c 36 Quantùm Aſtronomi metiuntur, tantùm Aſtrologi mentiuntur.*

54 *Stob.ſerm.87.*

55 *Joan.3. 3.Reg.21. & l.4.c.20.*

56 *D. Aug.Confeſſ.l. 4 c.3.l.5.c. 3.& c.6 & de Chriſt.l.2. c.21. & de Civ.Dei l 5. uſque ad c. 8. & contra Academ.l 1.c 7.*

57 *Apud Aul.Cel.l.14 c.1.*

ſuas bolſas de dinheyro. Hum diſſe a Alexandre, que lhe importava fazer matar ao primeyro que encontraſſe quando fahiſſe do Paço; mandou matar hum homem que encontrou com hum jumento; o condenado ſabendo a cauſa, allegou que o jumento hia diante rio-ſe Alexandre, & no jumento ſe executou a ſentença do Aſtrologo. 58 A hum que affirmava, que eſtando a Lua, & a cabeça do Dragaõ juntos com o Planeta Jupiter, quem pediſſe qualquer couſa, ainda que a pediſſe a Deos, a alcançaria, perguntou Ludovico Vives: *E tu, porque naõ pedes a Deos neſſa occaſiaõ que te faça rico, para que a pobreza te naõ obrigue a mentir tanto.* 59 Notouſe, 60 que o grande Rey de Napoles Dom Affonſo, a nenhum Aſtrologo deu couſa alguma, ſendo liberaliſſimo com os profeſſores de qualquer arte.

58 *Aul.Gel.ſuprà.*

59 *Ludov.Vivis in dial. Sapientis inquiſitio.*

60 *Æneas Sylv.l.4.de reb. geſt. Alphonſi Reg.*
Vide alia apud Epiſcop. Heroſc. de vera, & falſ.prophet.l.3.c.29.

13 Algumas vezes ſuccedeo o que eſtes diſſeraõ. Ao Emperador Frederico ſe pronoſticou que morreria em *Florença*; naõ quiz entrar em aquella Cidade, & morreo em *Florençuela*. A ElRey Dom Pedro de Caſtella, que morreria na *Torre da Eſtrella*; procurou ſaber ſe havia lugar deſte nome, para naõ hir a elle, naõ ſe achou; na manhã em que foy morto, ſahindo do Caſtello de Montiel, olhando para a torre da omenagem, leo hum letreyro que dizia: *Eſta es la Torre de la Eſtrella*. A Dom Alvaro de Luna, que morreria em *Cadafalſo*, tinha hum lugar aſſim chamado, nunca a elle quiz ir, & morreo em *Cadafalſo* degollado. A ElRey Dom Fernando o Catholico, que morreria em *Madrigal*; ſempre fugio de entrar em hum lugar deſte nome no Biſpado de Avila, poſto que alli tinha Freyra huma filha natural que amava muyto, & morreo em *Madrigalejo*. 61

61 *Refere eſtes pronoſticos D. Joaõ Ant.de Verano Epit.de Carlos V fol.6.verſ.*

14 Mas o cumprimento deſtes pronoſticos vemos nos que lhes daõ credito; porque Deos caſtiga por onde ſe pecca. 62 Echillo Poeta Siciliano, por ſe lhe ter pronoſticado que o materia huma couſa que lhe cahiria ſobre a cabeça, vivia ſempre no campo; & eſtando ſentado, huma Aguia deyxou cahir do alto huma tartaruga, que levava nas unhas, ſobre a ſua cabeça, que era calva, & tinha deſcuberta, tendo-a por pedra, para nella quebrar a concha da preza, & a poder comer; & a pancada o matou. 63 Naõ admira tanto (diſſe hum curioſo) 64 a deſgraça do Poeta, quanto o acerto da Aguia; quem conſiderar o ſucceſſo, entenderá que foy eſpecial caſtigo; & aſſim aquelles caſos naõ ſaõ exemplo do acerto da arte, mas da pena de quem lhe dá credito.

62 *Epiſtop Horoſcus de vera, & falſ.prophet.l.2.c.8.in princ.*

63 *Mexia na Sylv.l.1.c.19.*
D.Diogo de Agreda ſuprà; verbo, Eſchilo.
Plin.l.10.c.3.

64 *Lope de Vega, no fim de Arcadia na expoſiçaõ dos nomes, letra E.*

15 Ha tambem outras couſas para ſahirem certos os pronoſticos. Se promettem bens, animaõ a ſolicitallos: & a diligencia he mãy da boa ventura. 65 Se promettem males, deſanimaõ os fracos, com que facilmente ſe ſugeytaõ aos infortunios. Tal vez por bom diſcurſo ſe prediz o que vem a ſucceder por razoens naturaes; & tal ſe acerta acaſo, & o vulgo celebra hum deſtes acertos, & naõ ſe lembra de muytos erros. Póde tambem haver pacto com o demonio, que diga o que já eſta

65 *Proverb.10.4.*

eſtà feyto, ſem ſe ſaber; ou o que elle determina fazer no que lhe for poſſivel,& por outras vias,de que tratañ os Doutores.66

16 Os pronoſticos ſe devem deſprezar, ſem todavia nos expormos aos màos voluntariamente, por naõ parecer tentar a Deos. O grande Antonio de Leyva, tendoſe-lhe pronoſticado que morreria em França, & ſeria ſepultado em S. Dionyſio, que elle imaginava ſeria o Moſteyro ſepultura dos Reys em París, entrou em França intrepidamente com exercito; là morreo, & foy ſepultado em S. Dionyſio; mas era huma Ermida dedicada a eſte Santo. 67 Ou foy pena de ſe meter no perigo a que dava credito, ou premio de o deſprezar; porque morreo com grande opiniaõ em ſerviço de ſua patria. A Providencia de Deos diſpoem muy tas deſtas couſas para algum fim; 68 a judiciaria per ſi nada acerta.

17 Favorino Filoſofo argumentava aſſim: 69 Os judiciarios, ou vos promettem felicidades, ou adverſidades: ſe felicidades, & faltaõ,ſois miſeravel eſperando em vaõ; ſe ſuccedem, padeceſtes na dilaçaõ da eſperança, & eſta eſperança vos tem levado a flor, & mayor goſto do ſucceſſo. Se promettem adverſidades, & mentiraõ, vos fizeſtes miſeravel, temendo ſem cauſa; ſe fallàraõ verdade, eſſe temor vos fez miſeravel antes de o ſerdes; & aſſim nunca vos convem uſar de pronoſticos ſemelhantes. Enganaõ-ſe alguns que o tem por conveniencia para prevenirem os males, & peccando apreſſaõ os que naõ viriaõ; para tudo he o melhor remedio o que inculcou o judicioſo Garcilaſſo, & bem o proſeguio Lupercio, imitando ambos a Horacio. 70 Viver bem, & qualquer ſucceſſo naõ prejudicarà. Chriſtãmente o tirou da doutrina do verdadeyro Meſtre, 71 que manda vigiar ſempre.

18 Por eſtas razoens em proveyto noſſo a Ley Divina, & Conſtituiçoens canonicas, & civis prohibem a Aſtrologia judiciaria. 72 & ſó com o lume da razaõ a prohibiaõ as leys dos Gentios prudentes. Em Alexandria ſe naõ admittiaõ ſeus profeſſores, ſenaõ com certo tributo, que era final de infamia, & chamava-ſe *Blacenomino*, que ſignificava eſtulticia, porque o pagavaõ do dinheyro que neſcios lhes davaõ. 73 De Roma foraõ por vezes deſterrados. 74 Tacito 75 lhe chamou ſciencia infiel aos poderoſos; falſa aos que nella eſperaõ, prohibida ſempre, & nunca deyxada em Roma. Muytos Authores 76 trataõ de ſeus enganos, & nada acaba de deſenganar aos homens cegos pelo peccado. O que os Aſtrologos pòdem pronoſticar, he, que haverà doenças, frios, tempeſtades, chuvas, ſecuras, terremotos, eſterilidade: ou abundancia de frutos, & ſemelhantes effeytos naturaes, debayxo da diſpoſiçaõ Divina; & os judiciarios pelo conhecimento dos Aſtros em que alguem foy concebido, & naſcido, lhe pòdem pronoſticar boa, ou mà ſaude, breve, ou larga vida, feliz fortuna em fazenda, & honras: que ſerà pacifico, ou litigioſo, & outras couſas deſta qualidade

66 *Magiſter Sentent. l. 2 diſt. 7. §. 4. & 5. Epiſcopus Horoſcus de vera, & falſa prophet. l. 1 c. 14. Carthag de arcan. Deip. & Joſeph, l. 15. hom. 6 §. 8. Navarr. in c. nov. de jud c. in prine. notab. 2. n. 25. & ſeqq. D. Thom. 1. p. q. 115 art. 4 & opuſc. 25. c. 4.*

67 *Illeſcas na hiſt. Pontif. p. 2. d. 6. c. 27. da vida de Paul. III. §. 3.*

68 *Adverte Carthagena ſuprà.*

69 *Apud Gel ſuprà. Crinit. l. 8. de honeſt diſcipl.*

70 *Garcilaſſo, na elegia ao Duque de Alva.*

Mas ſe toda la machina del Cielo
Con eſpantable ſon, y con ruido
Hecha pedaços ſe viniere al ſuelo,
Deve ſer aterrado, y oprimido
Del grave peſo, y de la gran ruina,
Primero q̃ eſpantado, y cõmovido.

Bartholomeu Leonardo Lupercio, ſonet. 2. em fol. 331.

Vive tu a la razon, y a la juſticia,
Y caygan todos los celeſtes orbes,
Que no los temerás quãdo cayeren.

Horat. Ode 3. l. 3.

Non ſi fractus illabatur orbis,
Impavidum ferient ruinæ

71 *Matth 25 13. Marc. 23 33.*

72 *Levit. 19. 11. Quem locum, & aliũ de judiciariis intelligit Carthag. de arcan. Deip. l. 11. hom. 6. § 1. Jus canonicum cauſ. 26. q. 2. 3. & 4. per tot. Concil. Bracbar. 1 c 9. & 10. Concil. Tolet. 2. can. 11. Jus civile per tot. tit. C. de maleſac. & Mathemat.*

73 *Ex Suida refert Horoſc. de ver. & falſ proph. l. 2. c. 19.*

74 *Tacit. annal. l. 2. 12. & 18. Dion Caſſius l. 49.*

75 *Tacit. hiſt. l. 1.* Genus hominum potentibus infidum, ſperantibus fallax, quod *Romæ*, & vetabitur ſemper, & retinebitur.

76 *Cel. Rhodigin. antiq. lect. l. 12. cap. 11. Valeſ. in ſacra Philoſoph. c 3.*

lidade, mas tudo em geral, dizendo que serà pela mayor parte; & nada em particular, ou com certeza; porque os astros contèm só disposiçaõ, & inclinaçaõ no appetite sensitivo, que he potencia corporal em orgaõ corporeo; mas sempre sugeyto ao livre alvedrio; que pòde frustrar aquellas disposiçoens. 77

19 Ainda na Astronomia permittida, & louvavel excedem os homens ridiculamente. S. Paulo 78 reprehendia os Galatas de observadores dos dias; mezes, annos, & tempos; & hoje (nota hum curioso Escritor 79) chegaõ alguns a reparar nas horas para vestir novo, para comprar, vender, porse a caminho: até para contar dinheyro, (mayor ignorancia, se he para o receber, & para cortar as unhas.) Tudo erros nascidos do peccado, como acima 80 propuzemos.

20 Ha outra ignorancia em usar de sortes: he fóra do fio de nossa historia, em que só se offerece o fallar da Astrologia; pòdem-se ver os Authores que tratàõ dellas. 81 Outro modo de adivinhar se chama, *por gasto*; 82 saõ cousas indignas de se escreverem. 83

77 *Ita latè Carthagen. de arc. Deip. l* 11 *hom.6.§ 9 cum D. Thom. unde distichon:*
Nos elementa movent: elementa regunturab astris;
Astra Deo parèt; ultima causa Deus.

78 *D Paul. ad Galat.4.10.*

79 *Franc. in Camp. Elys q.75. n.21.*
Vide Aug. de Civ. Dei l.5.c.7.

80 *Suprà c.18.n.3.*

81 *D. Thom.2.2.q 95 art.art.8. Novissimè Henric. Engelgrave in Cal. Empyr. in fest. S. Mathiæ §.1.*

82 *Marian. hist. Hespanh. l.4.c. 19.*

83 *Vide plura de sortilegiis, & aliis divinat. in jure Canonic. per tot. caus. 26. & Episc. Hostiensem de vera, & falsa prophet. l.2.c.6. cum seqq.*

CAPITULO XXIX.

Como se inventàraõ as letras; suas differenças; modos de escrever, & em que se escrevia; sua utilidade, & como a malicia dos homens usa mal dellas.

1 DIz Suidas 1 Author grave, que Seth, de quem tratàmos no capitulo passado, filho de Adam, inventou as letras Hebraicas; Josefo refere 2 que seus descendentes vivendo em virtude, & inventando assim a Astronomia, como outras excellẽtes cousas, & sabendo por profecias de Adam que haveria no Mundo hum estrago em que tudo pereceria; levantàraõ duas columnas, huma de ladrilho, outra de pedra, em que escrevèraõ noticias do que inventàraõ, para que se conservassem aos vindouros; & q̃ em seu tempo (que foy pelos annos quarenta do Nascimento de *Christo*) se dizia que a de pedra durava ainda em Syria. Porèm Genebrardo, a quem segue Cedreno, 3 especifica que o mesmo Seth, & seu filho Enós levantàraõ aquellas columnas; taõ antigas saõ as letras.

2 De entaõ atè hoje se continuáraõ sem intermissaõ. Plinio 4 refere, q̃ em Babylonia se achàraõ huns ladrilhos com letras, que segundo o tempo q̃ aponta, levavaõ de antiguidade a Nino mais de setecentos annos, que vinha a ser mais de trezentos antes do diluvio. Jorge Veneto escreve, 5 que Aglaes, grande Magico antes do diluvio, deyxou escritos em pedras, & em práchas de metal documentos daquella arte diabolica. Finalmente he certo, que o Santo Henoc (o qual no anno do mundo 987. antes do diluvio 669. foy passado ao Paraiso Terreal 6) deyxou escrito aquelle livro de que fallaremos no capitulo seguinte.

1 *Suidas, verb. Seth.*

2 *Joseph de antiq. l.1.c.3 in fine.*

3 *Genebrard. in chronograph. l 1. Cedren. in com. hist.*

4 *Plin. l 7. cap. 56.*

5 *Venetus tom.1. probl lect.2.*

6 *Genes 5.24.*
Supra c.3.n.3. & diremos na 2.p.c. 12.n.7.

3 Noè, & ſeus filhos paſſáraõ as letras depois do diluvio a eſte Mundo reformado. Affirma-ſe que o meſmo Noè poz muytas couſas por eſcrito, eſpecialmente em livros rituaes. 7 Achaõ-ſe os vaticinios q̃ eſcreveo a Sibylla Chaldea ſua nora. 8 Beroſo 9 diz, que logo hum anno depois do diluvio ſe começou em Chaldea a eſcrever hiſtoria que ſuccedia. Pelos annos cento & cincoenta veyo Tubal, filho de Japhet, & neto de Noè, povoar Heſpanha, & lhe deu leys eſcritas, de que jà fallámos. 10 O Santo Job, que viveo pelos annos ſetecentos & quarenta, deyxou eſcritos ſeus trabalhos, como tambem no ſeguinte capitulo diremos; & na ſahida do Egypto, que foy pelos annos de oytocentos oytenta & oyto, deu o *Senhor* Ley eſcrita aos Hebreos. 11

4 Com menos noticias attribuíraõ Eſcritores antigos 12 a invençaõ das letras, huns aos Phenices, outros aos Aſſyrios, & Babylonios; & alguns diſſeraõ que Cadmo inventára dezaſeis, Palamedes quatro na guerra Troyana; outras quatro Simonides Medico; & outros lhes aſſináraõ outras origens. Os que menos erràraõ, foraõ os que fizeraõ Authores dellas aos Egypcios, aprendendo as de Mercurio Trimegiſtro, chamando aſſim a Moyſés, como entende Eupolemo, Author Grego. 13

5 No principio foraõ letras hieroglificos, que ſignificavaõ toda huma palavra, & alguns todo hum conceyto, & pela mayor parte eraõ figuras de animaes, dos quaes fez hum livro Horapollo, Eſcritor Grego, que Bernardino Trebacio traduzio em Latim; & Pedro Mexia na Sylva de varia liçaõ aponta, & declara alguns. 14 Deſte modo eſtavaõ eſcritas as columnas de Seth, & Enòs, 15 de que acima tratàmos. Ainda muyto depois do diluvio os uſáraõ os Egypcios. 16

6 Os antigos Romanos ſe ſerviaõ de prègos, ou cravos de metal, que lhes ſerviaõ de letras, como entre nòs as figuras de algariſmo, para ſignificarem o numero dos annos; 17 pregando cada anno hum na porta do Templo, ou edificio, de que queriaõ que ſe ſoubeſſe a antiguidade; coſtume que tomáraõ dos Vulſinos. 18 E pòde ſer que a ſervirem os cravos de letras alludiſſem a Iſaías quando em nome de *Chriſto* diſſe: *Em minhas mãos te eſcrevi*; 19 & Jeremias, dizendo que o peccado de Judá eſtava eſcrito na ſua maõ com ferro. 20

7 Os caracteres de letras começáraõ em menor numero: a neceſſidade os foy accreſcentando, & ficàraõ differentes entre varias naçoens: os Ethiopes tinhaõ ſós ſete, & cada huma tinha quatro ſignificados, 21 com que eſcuſavaõ mais; os Hebreos, Syrios, & Chaldeos tinhaõ vinte & duas; 22 os Latinos tiveraõ ſó quinze, depois chegàraõ a vinte & tres, tomáraõ dos Gregos mais o Y; o Emperador Claudio accreſcentou mais tres letras; mas uſáraõ-ſe em ſua vida ſómente. 23

8 Tambem a figura em varias partes foy, & he differente; & ainda entre huma meſma naçaõ ſe mudou por alguma mudan-

7 *Beroſ.l.1.de ſtor.Chald. Pineda na Monarch Eccl.p.1.l.1.c. 14.§.4.*
8 *Diſſemes ſup.c.25.n.6.*
9 *Beroſ d.l.1.*
10 *Sup.c.11.n.5. & c.25.n.7.*
11 *Exod.25.cum ſeqq.*
12 *Tratão diſto Plin.l.7.c.56. Tac.annal.l.11.poſt princip. Alex.ab Alex.Gen.l.2.c.30. Herodot.l.5. Diodor.Sicul.l.6.c.18. Apollon.Tyan.in vit Apollon.l.4. Euſeb.de præpar.Euang.l.10.c.7. Georg Valla Place.l.1.c.51.de expet: Pineda ſuprâ. P.Mexia na Sylva l.3.c.1. Pereyra in Gen.in præf.n.4.*
13 *Eupolem apud Via.n.no prologo da traducçaõ, & cõmenta Ovid. Metam.*
14 *Mexia na Sylva l.1.c.3.*
15 *Zonaras annal.c.de lit. Hierog. Franc.in Camp.Elyſ.q.3 n.2.*
16 *Tacit.ſuprà.*
17 *Liv.dec.1.l.7.in princ.*
18 *Alex.ab Alex. Genial. l.1. c.6.ad med.*
19 *Iſai.49.16.* In manibus meis deſcripſi te.
20 *Jerem.17.1.* Peccatum Juda ſcriptum eſt ſtylo ferreo in ungue adamantino. *Ungue, id eſt,* manu *per ſynecdochen, pars pro toto.*
21 *Alex.ab Alex.ſupra.*
22 *D.Hieron.in prolog.ad lib. Reg.*
23 *Tacit.ſupra.*

mudança de dominio, ou de ſucceſſos, como entre os Hebreos moſtra Saõ Jeronymo; 24 & Plinio, & Tacito dizem, 25 que a letra Grega antiga era quaſi da meſma fórma que a Latina; depois ſe diverſificou tanto. Em Heſpanha, & no mais que os Romanos domináraõ, ſe introduzio a Latina, & depois a Gotica, pelo dominio dos Godos, a qual de duzentos annos a eſta parte ſe foy deyxando, & ſe tornou á Latina, de que em toda Europa uſaõ hoje os doutos. O vulgo em muytas Provincias uſa de quaſi tanta diverſidade de letras, quantas ſaõ as linguas. Em Portugal ainda os Eſcrivaens publicos uſaõ nos proceſſos da letra que chamaõ *fazenda*, que ſe devèra extinguir por barbara. Em Caſtella na Livraria do Real Convento do Eſcurial vi, & venerey hum tomo das obras de Santo Agoſtinho, que andaõ impreſſas, eſcrito originalmente de ſua maõ; letra Latina groſſa, (que chamamos *ferral*) redonda, & muyto bem formada.

9 Na ſignificaçaõ dos caracteres tambem ha diverſidades; muytas naçoens naõ eſcrevem as palavras com muytas letras, como fazemos em Europa, mas cada huma das ſuas ſignifica huma palavra, & tal vez hum conceyto, como hieroglifico. Entre os Hebreos a voz, & nome de cada letra, tem ſignificaçaõ de alguma couſa. A primeyra que chamaõ *Aleph*, ſignifica *diſciplina*: a ſegunda *Beth*, ſe interpreta *caſa*: outra que he *Ghimel*, ſignifica *abundancia*: outra q̃ he *Daleth*, tem ſignificaçaõ de *taboas, ou livros*; & aſſim as mais. 26 Os Romanos tinhaõ certos ſinaes, principalmente para os Notarios, porque brevemente comprehendiaõ o ſentido de muytas letras; 27 Maſſalla eſcreveo hum livro ſobre cada huma.

10 A meſma variedade ha no modo de eſcrever. Os Ethiopes naõ faziaõ as regras de lado a lado, mas de ſima para bayxo; o que os Gregos chamaõ *Tæpocon*. Os Egypcios as começavaõ do lado direyto para o eſquerdo, ſendo o principio da ſua regra na parte aonde a noſſa faz o fim, & deſta maneyra liaõ; 28 o que ainda hoje fazem os Arabigos, & outros; & aſſim vi eſcrever alguns Mouros de Berberia. Hum Francez Eccleſiaſtico, grave, & doutiſſimo, que lia, & entendia Hebreo, Syriaco, & outras linguas pouco verſadas entre nòs, & tinha nellas muytos livros, me moſtrou que os Syriacos fazem o meſmo, & quando lem hum livro, começaõ do fim delle, & vaõ folheando ao revez atè o principio. Diziame que diziaõ elles, & com algũa razaõ, que os olhos naturalmente podm a viſta primeyro na parte do papel que nos fica á maõ direyta; pelo que era mais natural começar a ler dalli.

12 Dizem que primeyro ſe eſcreveo em folhas de palma; 29 & della ficou chamar-ſe *folha* o em que eſcrevemos. Depois, do interior da cortiça de algũas arvores que facilmente a deſpedem, ſe tiravaõ humas teas futis, em que ſe eſcrevia; porque eſtas em Latim ſe chamaõ *liber*, ficou eſte nome aos livros.

30 Tam-

24 *D. Hieron. ſuprà. Bellarmin. in inſt. ling. Hebraic. Britto na Monarch. Luſit. p. 1. l. 2. tit. 3. aonde traz as figuras differentes.*

25 *Plin. l. 7. c. 58. Tacit. ſuprà.*

26 *D. Hieron. tom. 2. Epiſt. in Epiſt. ad Paul. de interpret. Alphabet. Euſeb. de prep. Euang. l. 10. Mexia ſup. l. 3. c. 1.*

27 *Alex. ab Alex. c. 30. ad fin. l. 2.*

28 *Idem Alex. ſupra.*

29 *Plin. l. 13. c. 11.*

30 Tambem ſe eſcreveo em pannos de linho, concertados com certas confeyçoens, & em tudo ſe eſcrevia, naõ com pennas, mas com cannas cortadas para iſto. Mais adiante ſe eſcreveo em taboas enceradas, muyto lizas, nas quaes ſe formavaõ as letras com pontas muyto delgadas, chamadas, *eſtylos*, de que faz mençaõ Job; 31 (& de que eſcrevia em laminas de chumbo) donde ſe derivou dizerſe do que eſcreve elegante, que *tem bom eſtylo*. Andando o tempo, ſe tiráraõ ſubtilmente com huma agulha as feveras de hum junco chamado *papyro*, que ſe cria em Egygto, junto do Nilo, 32 & em Syria junto do Euphrates; & com farinha, & outras couſas ſe formava delles hum genero de papel; já eſte ſe uſava quando Numa Pompilio reynava em Roma, como ſe moſtrou de livros que ſe acháraõ entre ſeus oſſos na ſua ſepultura. O nome deſte junco *papyro* ficou em Latim ao papel; que ultimamente ſe inventou de panno de linho pizado dentro da agua, atè ſe fazer polme, que tomado em hum vaſo como joeyra, da grandeza que querem a folha, alli ſe eſtende por ſi natural, & admiravelmente, na groſſura neceſſaria, & eſpremido em imprenſa, & depois enxuto ao ar, fica ſendo papel: nas partes da Aſia, onde naõ ha linho, o imitaõ com algodaõ. Tambem o em que ſe eſcreve, ſe chama *Charta*, de huma Cidade aſſim chamada perto de Tyro, donde viria alguma boa materia das acima ditas.

12 Coſtumava-ſe eſcrever ſó de huma parte do papel, ſem eſcrever na pagina das coſtas delle, mas paſſando da primeyra pagina à outra folha; como hoje fazem muytos em França eſcrevendo cartas miſſivas; & he conveniente, porque muytas vezes a tinta que repaſſa o papel, eſcurece as letras. Prova-ſe eſte coſtume de hum texto de Ulpiano, 33 no qual pelas eſcrupuloſas formalidades que ſe obſervavaõ nos teſtamentos; ſe perguntou ſe ſeria valido o q̃ ſe eſcreveſſe em folha eſcrita de ambas as partes, que iſſo ſignifica a palavra *Opiſtographus*, de que trata, 34 como *Syngrapha*, o papel eſcrito ſó de huma parte; 35 fazia duvida ſer o coſtume em contrario; mas o Juriſconſulto reſpondeo que valia.

13 As eſcrituras publicas ſe faziaõ antigamente em paſtas de chumbo delgadas, depois em pergaminho; dizem que tomou o nome de Pergamo Cidade de Aſia, aonde ſe inventou reynando nella Eumenes; 36 porèm vè ſe ſer invençaõ alguns annos mais antiga; de que quando Eleazar enviou a Ptolomeu a Ecritura Sagrada com os ſetenta & dous Interpretes, (poſto que era quaſi no meſmo tempo de Eumenes) hia jà eſcrita em pergaminho com letras douradas, ſegundo conta Joſepho; 37 ainda hoje em todas as partes de Europa os titulos de couſas grandes ſe eſcrevem em pergaminhos. Nos principios do Reyno de Portugal ſe davaõ os foraes, & privilegios às Villas, & Cidades em huma tira feyta delles, taõ comprida, que em huma, ou duas regras coubeſſe tudo o que ſe queria eſcrever;

30 *Calepin. verbo, Liber.*

31 *Tob.* 19. 21. Ut exarentur in libro ſtylo ferreo, & plumbi lamina

32 *Vide Ovid. Metam. l.* 15. Perque papyriferi ſeptem fluа flumina Nili.

33 *L. Charta* 4. *ff. de bonor. poſſ ſecund. tab.*

34 *Calep. verbo, Opiſtographus. Alex. ab Alex. d. c.* 30. *in princ. Quidquid dicat gloſ in d. c. t. chart.*

35 *Alex. ab Alex. d. c.* 30. *poſt princ.*

36 *Iidem ibi ante med.*

37 *Joſeph de antiq. l.* 12. *c.* 2. *poſt princ.*

& ſe guardava enrolada; chamava-ſe, *eſcrever em bandeyra*, depois ſe prohibio.

14 Cicero, & Plinio 38 referem que houve hum homem chamado Eſtrabon, de taõ excellente maõ no eſcrever, & de taõ aguda viſta, que eſcreveo a Iliada de Homero (que he hum largo livro em pergaminho) que coube no vaõ de huma noz: caya a fé diſto ſobre ſeus Authores. Dizem que eſte homem via a diſtancia de cento & trinta & cinco mil paſſos; & (por authoridade de Marco Varro) que na guerra Punica, do Lilibeo promontorio de Sicilia via a Armada, que ſahia do Porto de Carthagena de Levante, & contava o numero das nàos.

38 *Cicer. 4. Academ. Plin. l. 7. c 21.*

15 Divina, & utiliſſima foy a invençaõ das letras; porque ſendo ſós vinte & tres; ſe fazem com ellas taõ largos diſcurſos, tantos livros, & ſe explicaõ todos os penſamẽtos ſó com variar, & miſturar humas meſmas differentemente: nellas ſe falla com ſilencio: fazem os auſentes preſentes: triunfando dos tempos, conſervaõ os exemplos paſſados, & eternizaõ as acçoens illuſtres, as quaes ſem eſſe beneficio eſtariaõ ſepultadas com ſeus Authores. Os Athenienſes guardáraõ com grande cuydado muyto mais de mil annos a nào dos Argonautas para memoria daquella primeyra acçaõ nautica: & com tudo a conſumíraõ as idades, poſto que a hiaõ reformando; ſó as letras a pudèraõ livrar do eſquecimento. Atè aos ſurdos fazem converſaveis. Vemos que com muytos ſe falla pela maõ, formando com os dedos as letras; & de noyte às eſcuras percebem alguns o que ſe lhes eſcrevem nas palmas das mãos, ou nas coſtas, & mais he poderem eſcrever os cegos de naſcimento. Eraſmo 39 conta, que alguns aprendèraõ, lavrando-ſe em huma taboa de marfim, ou metal, as letras do A, B, C, & trazendoſe-lhes à maõ muytas vezes com hũ ponteyro muyto delgado, por aquellas cavaduras, chegáraõ com attençaõ a pòr na memoria aquella imagem das letras, & a maõ jà coſtumada a eſcrevia com alguns erros, & emendando-ſe, vieraõ finalmente a eſcrever com acerto.

39 *Apud Mexia, Sylva de var. liç. l. 3. c. 2. no fim.*

16 Mas tambem das letras uſou mal a malicia. Em quantas cartas ſe uſa dellas para máos fins? Acima diſſemos, 40 que já antes do diluvio ſe ſervio dellas o Magico Aglaes para perpetuar aquella arte diabolica; atè aos banquetes, que chamavaõ *Amatorios*, (de que em outra parte diremos 41) ſe eſtendeo o mal. O mayor ſe executa nos livros, de que tratamos no ſeguinte capitulo, por naõ fazer mais largo o preſente.

40 *Neſte cap. n. 2.*

41 *Abayxo cap. 39 n. 9.*

CAPITULO XXX.

Como ſe introduziraõ os livros; quaes foraõ os primeyros; & as primeyras, & mayores livrarias; como ſe inventou a Impreſſaõ; utilidades de tudo; como a malicia as perverte. Moſtra-ſe nos livros hiſtoricos.

1 DA muyta eſcritura, que naõ cabia em hũa ſó folha; ſe ajuntàraõ muytas, atè fazerem volume, que de qualquer materia que foſſem as folhas, ſe chamou *livro*, como reſpondeo Ulpiano, 1 tomando largamente o nome da interior cortiça das arvores, que em Latim ſe chama *liber*, 2 em que algum tempo ſe coſtumou eſcrever, como fica dito. 3

2 O primeyro livro 4 de que temos noticia eſcreveo Henoch Santo, quinto neto de Adam, ſeiscentos & ſetenta annos antes do diluvio; do qual cita huma profecia, referindo ſuas palavras o Apoſtolo S. Judas Thaddeo na ſua Epiſtola Canonica. 5 Dizem Tertulliano, & o Veneravel Beda, 6 que havendo-o Noè conſervado no diluvio, o conſumiraõ os Judeos; Origenes 7 o allega com duvida, porque no ſeu tempo ſe havia reformado com miſturas apocrifas. 8

3 Depois do diluvio ſeria o primeyro o da hiſtoria que Beroſo 9 diz, que ſe começou a eſcrever em Chaldea logo paſſado hum anno.

4 Mas o primeyro que temos de fé, foy o de Job, que alguns diſſeraõ 10 que Moyſés eſcrevèra no Egypto, para exemplo de paciencia aos Hebreos affligidos, & que para os aliviar, o compuzera em colloquios de varias peſſoas, & grande parte em verſo, em tres linguas, Hebrea, Arabiga, & Syriaca, como S. Jeronymo 11 diz que o achou; porèm o Santo Doutor o attribue ao meſmo Job; & Origenes diz, que Moyſés naõ fez mais que illuſtrallo com traducçoens, & outras couſas; viveo Job pelos annos ſetecentos & quarenta depois do Diluvio.

5 Seguio-ſe a hiſtoria do Geneſis, & o mais que ſe continùa atè o capitulo trigeſimoquarto do Deuteronomio, atè onde eſcreveo Moyſés, 12 & dalli em diante proſeguíraõ Joſuè, & outros Eſcritores Santos.

6 Depois ſe eſcreveo tanto, que ſó Galeno eſcreveo cento & trinta volumes: Servio Sulpicio Juriſconſulto cento, & oytenta: Theofraſto trezentos: Chriſippo ſetecentos: Ariſtarcho fez commentarios ſobre mil livros: Salamaõ (ſegundo Genebrardo) 13 compoz oyto mil; parece que por livros entende o que refere a Eſcritura ſagrada; 14 que as ſuas parabolas foraõ tres mil, & os verſos cinco mil. Mas aquelles volumes, & livros naõ eraõ da grandeza dos que hoje aſſim chamamos;

1 *In L. Librerũ §2 ff. de legat. 3.*
2 *Calepin. verb. Liber. Alex ab Alex. Gen. dier. l. 2. c. 30. poſt princip.*
3 *No cap precedente n. 11.*
4 *D. Aug. de Civ. Dei l. 15. c. 23. Scripſiſſe nonnulla divina Henoch illum ſeptimum ab Adamo, negare non poſſumus. Perer. in Gen. l. 7. à n. 156. in q 6. Tertul. de idolatr. & pudicit. & de cult. virg.*
5 *Epiſt. S. Jud. Thaddei n. 14.*
6 *Tertul. L. de habit. mulier. Beda in d. Epiſt. Jud. Thad.*
7 *Orig. in Joan. cap. 1. tom. 8. ad verba, Hæc in Bethania: ante med. & hom. ultim. ſuper lib. Num.*
8 *Innuit D. Aug. ſup. Notat Matute proſap. de Chriſt. ibid. l. 1 c. 6. §. 2*
9 *Diſſemos no c. precedente n. 3.*
10 *Refert Matute d. c. 6 §. 3. ex Ant. Beuter. in annot.*
11 *D. Hieron. in prolog. Cogor's ad lib. Job.*
12 *Matute d. §. 3.*
13 *Genebrard. in Chron. l. 1.*
14 *3. Reg. 4 32.*

mamos; eraõ tratados como os noſſos capitulos; aſſim o vemos nos primeyros livros de Plataõ, nas obras de Origenes, de Saõ Joaõ Chryſoſtomo, & de outros Padres antigos; ou eraõ livros pequenos de tres ou quatro capitulos, como o de Ruth, & outros na ſanta Biblia; cuydo que nenhum dos antigos eſcreveõ tanto como Santo Agoſtinho, Santo Thomàs, o Abulenſe, Toſtado, o Padre Soares, Bartholo, & outros modernos.

7 O primeyro que ajuntou livraria, foy Piſiſtrato Tyranno de Athenas. 15 Depois a ajuntou mais numeroſa, & celebre Ariſtoteles. 16 A mayor foy a de Ptolomeu Philadelfo Rey do Egypto em Alexandria. Joſefo 17 diz, que tinha ella duzentos mil volumes, & que Demetrio Phalerio ſeu prefecto dizia a ElRey, que brevemente teria quinhentos mil; outros affirmaõ 18 que tinha ſetecentos mil. Poz nella a ſagrada Eſcritura, que a ſua petiçaõ lhe inviou Eleazar Summo Sacerdote, com os ſetenta & dous Interpretes, que ſeparados traduzíraõ a mayor parte em Grego, uniformes milagroſamente. 19 Para alcançar aquelle favor tinha ElRey dado liberdade a cento & vinte mil Hebreos, que por varios caſos haviaõ ido cativos a ſeu Reyno, & fez ao Summo Sacerdote grandes preſentes, & aos Interpretes eſplendido tratamento, como diz Joſefo. Foraõ prefectos daquella livraria o Poeta Calimacho Cyrineo, 20 de quem faz mençaõ Ovidio, 21 chamando-lhe *Bartiado*, por ſer filho de Barto; & o douto, & eloquente Demetrio Phalerio, 22 a quem os Athenienſes levantàraõ trezentas & ſeſſenta eſtatuas, 23 & derribando-as depois diſſe elle: *As eſtatuas derribàraõ, mas naõ as virtudes, porque mas tinhaõ levantado.* 24 Os Soldados de Julio Ceſar queymàraõ aquella livraria, quando no alcance de Pompeo pelejou com a gente do outro Ptolomeo irmaõ de Cleopatra. 25 Em competencia ajuntou Eumenes outra em Pergamo, que Plutarcho 26 refere ter duzentos mil volumes. Em Roma foy Aſinio Pollio o primeyro que teve livraria, que dedicou aos livros dos Vates, & poz nella a imagem de Marco Varram, ſendo ainda vivo, por lhe fazer honra. 27 A primeyra Chriſtã ajuntou Pamphilo Martyr, cuja vida eſcreveo Euſebio, & continha trinta mil volumes. 28 Eſtas foraõ as livrarias mais inſignes entre outras de que trataõ varios Authores. 29

8 Das que hoje exiſtem he a mais celebre a Vaticana em Roma. Na Cidade de *Oxfort*, em Latim *Oxonia*, Univerſidade afamada de Inglaterra, quaſi vinte leguas de Londres, ſe vè a Oxonienſe, occupando campo de hum grande Convento, repartida em galarias com diviſaõ das ſciencias, & artes, taõ numeroſa em volumes, taõ bem diſpoſta na ordem, taõ curioſa nos retratos dos homens ſcientes, nas pinturas dos inſtrumentos das ſciencias, & artes, que ſem duvida he huma das grandes couſas do Mundo. Duas vezes fuy de propoſito a vella, & em muytas mais achàra novidades que admirar. Tem groſſa renda com

15 *D. Iſidor. Etymol. l 6. Aul Gel. noct. Attic. l. 6. Volaterran. 8. antropo og.*

16 *Strab. l. 13. Floſcul. hiſt p. 1. t. 8.*

17 *Joſeph de antiq l. 12. c 2.*

18 *Aul. Gel. Amian. Marcelin. & Seneca referidos pelo P. Mexia na Sylva l. 3. c 3.*

19 *Aug. de Civ. Dei l 18. c. 42. & 43. Cum multis Epiſcopus Gatarza, Euang. Inſt. l. 1. c. 12. Matute na Proſop. de Chriſt. idad. 2. c. 2. §. 1.*

20 *Textor in officin. p. 2. tit. de Poet.*

21 *Ovid. Triſt. 2.*
Nec tibi Bartiade nocuit, &c.

22 *Joſeph ſupra.*

23 *Textor ſupra p. 1. tit. ſtatuas qui meruer.*

24 *Laert de vit Philoſoph l. 5. in Democr. poſt med.* At virtutem illi non everterunt, cujus gratia illa erexerant. *Textor ſupra.*

25 *Paul. Oroſ. 30. Mexia ſupra.*

26 *Plutarch. in Marc. Ant.*

27 *Alex. ab Alex. l. 2. c. 30. ad med.*

28 *D Iſidor. l. l. 6.*

29 *Textor d. p. 1. tit. Bibliotheca. Mexia d c. 3. Fr. Hector Pint. dial. 1. cap 3. in 2. p.*

com que ſempre ſe vay augmentando de todos os livros, & ainda pequenos papeis, que ſe vaõ imprimindo em toda Europa, naõ me parece que ha algum que alli ſe naõ ache em todas as linguas, nas noſſas hiſtorias, poetas, & outros livros Portuguezes, & atè nas minhas compoſiçoens indignas de tanta honra, o experimentey.

9 Chamàraõ-ſe as livrarias *Bibliotehcas* de *biblus*, ou *biblos*, que ſignifica *livro*, porque *biblos* era hum junco, ou arvore de Egypto, do qual, ou de cuja cortiça ſe fazia hum dos generos de papel em que ſe eſcrevia, no modo que no capitulo precedente diſſemos; 30 & porque era o mais fino dos que entaõ ſe uſavaõ, era dedicado para os livros ſagrados, 31 & dahi veyo chamarmos *Biblia* ao volume da Eſcritura ſanta.

10 Muyto devemos ao cuydado dos antigos que nos conſervàraõ tantos livros manuſcriptos com immenſo trabalho. No anno de *Chriſto* mil & quatrocentos & quarenta & dous, ſe vio em Europa a Impreſſaõ, invento engenhoſo que facilita a cõmunicaçaõ das ſciencias, & immortaliza os eſtudos. Dizem que primeyro a houve na China, & que nos chegou pelos Tartaros, & Moſcovitas. O certo he, que o devemos a hũ Alemaõ de Mogunçia; 32 huns eſcrevem que ſe chamava *Joaõ Fauſto*: outros *Joaõ Vitembergio*, ou *Gutemvirgis*, merecedor de viver pelas letras a que deu vida. Depois (duvida-ſe em que anno) Conrado, tambem Alemaõ, levou eſta invençaõ de Alemanha a Italia; & o Summo Pontifice Nicolao V. reſtaurador das letras quaſi perdidas, lhe deu o primeyro emprego digniſſimo, & feliciſſimo em Roma, no livro da Cidade de Deos, de Santo Agoſtinho; & logo depois ſe imprimiraõ as excellentes Inſtituiçoens de Lactancio Firmiano. 33

11 Para exemplo dos Impreſſores, refiro, que indo eu em Hollanda ver a famoſa Officina *Elzeveriana*; entre os livros que em varias linguas ſe eſtavaõ imprimindo, era hum na Caſtelhana, enviado de Madrid; & começando eu a ler hũa folha delle, me impedio cortezmente *Elzevir*, meſtre, & ſenhor da Officina; ſem me valer a authoridade de Embayxador que eu era do Senhor Rey Dom Joaõ IV. aos Eſtados geraes daquellas Provincias unidas, dizendo, que tinha por crime deyxar ler couſa alguma do que imprimia, antes de o Author o publicar, porque furtando-ſe o bom penſamento, ou novidade que elle achàra, ficava velho, & ſem louvor quando ſahia o livro. Em louvor da Impreſſaõ, & credito dos Impreſſores ha muytos eſcritos; daõlhe dignidade de Arte Liberal; & por varias razoens que os favorecem, ſe lhes deve honra, premio, & eſtimaçaõ; naõ he eſte lugar de nos alargarmos niſto quanto puderamos.

12 Para grande utilidade moſtrou Deos a invençaõ dos livros. Por elles herdamos, & participamos dos Sabios antigos as flores da Poeſia; as memorias da hiſtoria, os exemplos da politica

30 *Cap. preced. n. 11.*

31 *Hæc ex dictionar. Calep. Nebriſſ. & noſtri Cardoſo, verbo, Biblos, hiratica.*
Et ex Alex. ab Alex. d. c. 30. poſt princ.

32 Polyd. Virg. de rer. invent. *Pineda in Monarch. Eccleſ. l. 1. c. 13. §. 4.*
Floſcul hiſt. p. 2. c. 5.

33 *Cum Raphael. Volaterran. Mexia Sylv. de var. lig. l. 3. c. 21.*

politica, o conhecimento da Filoſofia, os remedios da Medicina, as regras da Juriſprudencia, as noticias da Mathematica; inſtrucçoens da Rhetorica, documentos para todas as artes; ſobre tudo a Ley Divina, com a explicaçaõ, & doutrina dos Concilios, & dos Santos Padres. Se naõ houvera livros, o que aquelles primeyros Varoens alcançàraõ por revelaçoens, eſtudo, & experiencia, eſtivera ſepultado com elles; pouco ficaria na tradiçaõ, que ſe corromperia com o tempo, & ſeria neceſſario ir aprendendo ſempre de novo, como ſe o Mundo começaſſe novamente.

13 Mas tambem com alguns livros ſe offendem os bons coſtumes. Que excellente eſtylo eſtragou Petronio! fez-ſe arbitro das acçoens de hum Emperador laſcivo: com engenho digno de Scipiaõ eſcreveo couſas dignas de Nero. Naõ cheguemos cõ mais eſcandalo a exemplificar em modernos. Quantos livros ocioſos, quantos infamatorios, quantos hereticos tem ſemeado os mayores males? foraõ neceſſarios expurgatorios, & fazer catalogo dos prohibidos, porque ſendo os livros inſtrumentos de enſinar as virtudes, ſe tiraõ delles muytos vicios. Já Seneca diſſe, 34 que naõ importa ter muytos livros, mas bons; & que (ainda nos que naõ ſaõ reprovados) ſe deve regular a liçaõ; porque huma certa he mais util, poſto que a varia deleyte.

14 Os livros hiſtoricos ſe vem com laſtima privados das mayores utilidades para que ſe devêraõ eſcrever. Introduzioſe a hiſtoria, principalmente para que os exemplos do paſſado regulaſſem o governo commum no futuro, incitaſſem os particulares á virtude, 35 & admoeſtaſſem aos poderoſos do que ninguem ouſa advertillos. 36

15 Para ſe conſeguir, enſináraõ os grandes meſtres, 37 que a narraçaõ ha de conter as cauſas, principio, progreſſo, & fim dos ſucceſſos, com a ordem, & deſcripçaõ dos lugares, & tempos: & juntamente os conſelhos, & acçoens das peſſoas que nelles intervieraõ, com o louvor, ou vituperio que merecêraõ; para que como eſpelho, ou como huma viva pintura das couſas moſtre claramente as que devem ſeguir, ou evitar: & como huma trombeta do juizo, reſuſcite da ſepultura os mortos 38 com gloria, ou com infamia: & ſaybaõ os que obraõ, que finalmente ſe haõ de pòr no theatro dos ſeculos ſeus procedimentos. 39

16 Mas pela malicia dos homens, já he quaſi impoſſivel eſcrever aſſim. Porque para perfeyta narraçaõ, naõ ſó he neceſſario que o Eſcritor viveſſe no tempo dos ſucceſſos, como requeria Plutarco; 40 mas tambem que intervieſſe nelles, como accreſcentava Theopompo: 41 que (como diſſe S. Jeronymo) 42 de hum modo ſe conta ó que ſe ouvio, & de outro modo o que ſe vio, & porèm para avaliar juſtamente, naõ ha tempo taõ feliz que permitta ſentir o que a juſtiça quer, & dizer o que

34 *Senec. ep. 45. in princ.*

35 *Polyb. l. 1. Diodor. Sicul. in proœm vit. Phil. & Alex. & l. 1. ant. in præf. Eraſm. in præf. in Sueton.*

36 *Demetrius Phaler. ad Regem Ptol. apud Plut in Græc. apophthegm. & Laert. de vit. phil. l. 5 c. 5.*

37 *Polyb. hiſt. l. 16.* Neceſſarium eſt eoſdem aliquando laudare, rurſus aliquando vituperare. *Tacit. annal. l. 3.* Præcipuum munus annalium reor ne virtutes ſilentur, utque pravis dictis, factiſque ex poſteritate, & infamia metus ſit. *Com. Agrip. de verit. ſcientiar.* Hiſtoria eſt rerum geſtarum cum laude, aut vituperatione narratio: quæ magnarum rerum conſilia, actiones, exitus, Regumque & magnorum virorum actus, cum temporum, ac locorum ordine, & deſcriptione, tamquam viva quædam pictura, ante oculos exponit. *Rodolph. Agricol. de form. ſtud.* Quoniam ii & benefacta laudando, & quæ contra facta ſint vituperando, non docent quidem, ſed quod efficaciſſimum eſt, exemplis propoſitis, quæ recte, recusve fiant, veluti in ſpeculo oſtendunt. *Diodor. Sicul. Antiq. l. 12.* Hiſtoriæ primum ſtudium, primaque conſideratio eſſe videtur inſoliti, gravisque caſus principio cauſas inveſtigare.

38 *Nicet. Jo. com.* Haud abs re liber viventium appellatur hiſtoria, retumque deſcriptione tubæ clanger, quo jam olim mortui, veluti ſepulchro excitati, in medium producuntur.

39 *Eraſm. in præfat. in Sueton.* Dum utrique cernunt horum literis ſuam vitam omnem, mox in totius orbis, imò ſæculorum omnium theatrum producendam.

40 *Plutarch in Peric.* Difficilis inveſtigatu res eſt hiſtoria vera, cum poſterioribus præteritum tempus cognitionem rerum præcipiat.

41 *Apud Polyb. d. l. 12.*

42 *D. Hieron. in præfat. ad Pentateuch.* Aliter enim audita, aliter vita narrantur.

que na verdade se sente, como se queyxava Tacito: 43 os louvores perigaõ na lisonja, as reprehensoens no odio, como dizia Sallustio. 44

17 A Impressaõ, que foy beneficio para os escritos mais se divulgarem, augmentou estes inconvenientes, porque no mundo naõ houvesse beneficio sem elles; & assim vemos que nas historias antigas, como mais seguras por menos divulgadas, naõ callou a verdade o vituperio de muytos, & nas modernas só se achaõ louvores, como se naõ houvera peccados.

18 O certo he, que nas historias só se alcançaõ as generalidades do que passou; menos estimaçaõ merecem nas particularidades, & circunstancias, pois só pendem do animo, ou respeyto do Historiador. Nas da patria devèraõ ter mais credito pelas mayores noticias; porèm desmerecem pela payxaõ com que fallaõ, ou callaõ; vè-se na emulaçaõ dos Francezes, & Hespanhoes: & nos Padres Pineda, & Mariana Castelhanos, quando se lhes offerecem as guerras com Portugal. Assim em todos ha faltas: nos estranhos por menos noticiosos, nos naturaes por mais suspeytos. Nem os mais verdadeyros alcançaõ tudo; he taõ precioso porem de sua casa, que lhes he ley fingirem oraçoens, ou praticas de Capitaens antes das batalhas, & de superiores em outras occasioens. A que bem naõ perverteo o peccado, ou naõ procurou perverter? Na Historia de Paulo Jovio puderamos fazer demonstraçaõ mais larga, porque professou ser venal, & fingir a seu arbitrio: mas porque seria alargarmonos demasiado, baste apontar alguns Authores que o daõ a conhecer. 45

41 *Tacit. histor.* 1. Rara temporum ea est felicitas ubi sentire, quæ velis; & quæ sentias, dicere licet

44 *Salust. in Catilin.* Quæ delicta reprehenderis, malevolentia, & invidia dicta putant: ubi de magna virtute, atque gloria bonorum memores, quæ sibi facilia factu putet; æquo animo accipit; supra ea veluti ficta pro falsis ducit.

45 *Aubert. Miræus in Chron. Josseph Scaliger. in vita patris sui Julii Cæsar. Scaligeri. Just. Lips. l.1. politic.9. Anton Possevin. in bibliot. l.10.c.42. Robert. Turnet. l.de hist. c.6 Melchior Canus in locis Theolog. l.11.c.penult. Osorius de reb. Emmanuel. l 6.pag.178. Maffeus hist Ind. l.8. Joan. Boter in dictis membrabil. apud Fave. l.3. apolog. in Jovium n. 8. Cavell. apolog. in eundem c. 7. P. Samaniego in vit. Scot. l 4 c.2.n.2.*

CAPITULO XXXI.

Como teve principio invocar a Deos em culto Divino, & a malicia se atreveo a offender este sagrado. Trata-se do santo, & mysterioso nome Ihehovah.

1 COnclue o Santo Historiador do Genesis, no quarto capitulo, dizendo, q̃ de Seth, de quem atègora tratámos, foy filho Enòs, que começou a invocar o nome do *Senhor*. 1 Já de antes se sacrificava, como vimos em Abel, & Caim. 2 Enòs começou a introduzir louvores vocaes, orações, & santos ritos; 3 mas naõ como Sacerdote, porque Melchisedech foy depois o primeyro; 4 só como leygo de voto, & reverente a Deos.

2 O doutissimo Cardeal Cayetano 5 entende q̃ começou Enòs a invocar o nome de Deos *Ihehovah*; o nome *Tetragrammaton*, quer dizer, composto de quatro letras, porque conforme ao Minorita no Triunfo de *Christo*, 6 os Rabinos o escrevem com quatro letras, que saõ *Joth*, *He*, *Vau*, *He*, & se pronuncia *Iheuhe*, & naõ *Ihehovah*.

1 *Genes.* 4.26.
2 *Supra* c.17.n.2.
3 *Sic explicat P. Benedict. Per. in Gen. l.7.n.98 vers. verùm.*
4 *Vide infra in 2.p c 7.n.1. & c. 12.n.11.*
5 *Caiet. apud Matut. Prælap. de Christ. idad 1 c.5 §.1. Et apud P. Bened. ser. Genes. sect. 22. n.3.*
6 *Triumph. Christ fol 24.tit.3.*

O su-

7 *Scot. in 3. dist. 9. n. 8.*

3 O ſubtiliſſimo Scoto 7 diz que eſte nome ſignificava a entidade, & eſſencia de Deos. Com elle ſe deu o *Senhor* a conhecer a Moyſés na Çarça, quando lhe diſſe: *Eu ſou o que ſou*; 8 Genebrardo accreſcenta 9 q̃ ſignificava em plurar: *Os que ſomos*, por ſerem tres Peſſoas, havendo dito em ſingular, *Eu*, por ſer huma ſó eſſencia, huma vontade, & hum ſó Deos.

8 *Exod. 3. 54.* Ego ſum qui ſum.
9 *Genebrard. de Trinit. l. 1.*
10 *Joachim in Apocalyp. c. 1.*

4 Donde tira o Abbade Joaquim 10 ſer eſte nome declaratorio da *Santiſſima Trindade*, a que ajuda a explicaçaõ da gloſa Hebrea no capitulo primeyro do Geneſis; 11 & o douto Pedro Affonſo Hebreo convertido 12 notou, que daquellas quatro letras Hebreas ſe cõpoem tres nomes diverſos de Deos, ſignificando-ſe as tres peſſoas; lendo-ſe a ſegunda letra, *He*, duas vezes, porque na ſegunda peſſoa ha duas naturezas, divina, & humana; Jacobo Fabro 13 moſtra que ſempre que a noſſa verſaõ lê na Eſcritura Sagrada tres vezes *Deos*, o diz o Hebreo huma ſó vez com o nome *Ihehovah*, ou *Iheuhe*. O erudito Diogo Matute de Penafiel na Proſapia de *Chriſto*, 14 ſegundo eſte penſamento, conſidera com o meſmo Pedro Affonſo, & com outros Eſcritores, que quando o Sacerdote Hebreo lançava a bençaõ em nome de Deos, eſtendia os primeyros tres dedos em ordem a eſta ſignificaçaõ, que miudamente expende; & aponta a conveniencia que houve em ſer Enòs neto de Adam, & aſſim terceyra geraçaõ do mundo, quem primeyro invocou a Deos com eſte nome trino, & admiravel.

11 *Gloſ. Hebr. in c. 1. Gen.* Elohin Tetragrãmaton creavit Cælum, & terram; id eſt Trinus, & Unus.
12 *Petr. Alphonſ. in dial. contra Hebr.*
13 *Jacob. Fabr. cit. in Triumph. Chriſt. d. tit. 1.*
14 *Matute d. idade 1. cap 4. §. 2. & 3.*

5 O Doutor Angelico 15 diz, que he nome proprio de Deos, porque, como nota S. Joaõ Damaſceno, 16 ſignifica hum mar de ſubſtancia infinita, que comprehende tudo indeterminadamente; os outros ſaõ limitados, que naõ dizem todo o ſer de Deos; quem diz *Sabio* naõ diz *Omnipotente*; quem díz *omnipotente*, naõ diz *immenſo*; & aſſim os outros. Mas quem diz, *Deos he o que he*, diz hum abyſmo illimitado que tudo comprehende.

15 *D. Thom. p. 1. q. 13. art. 11.*
16 *D. Damaſc. l. 1. Fidei Orthodox. c. 12.*

9 Macrobio 17 acha affinidade entre o ſanto nome *Ihehovah*, & o de *Jao*, que a gentilidade adorava; aſſim pelo toante da voz, que podia ſer corrupta, como porque a *Jao* tinhaõ os gentios pelo mayor Deos de todos, como dizia hum verſo Grego; 18 & allega a Diodoro Siculo, 19 que diſſe qué Moyſés recebéra a ley de *Jao*, a quem os Hebreos invocavaõ por *Deos*. Santo Agoſtinho 20 eſcreve, que Varraõ o teve por Jupiter, que os Romanos chamavaõ tambem *Jove*, em cuja voz ha a meſma affinidade; & os mais ſabios debayxo do nome *Jove* veneraõ hum ſó Deos verdadeyro, 21 como diremos na ſegunda parte. 22

17 *Macrob. Saturnal. 1.*

18 Summum cunctorum divum tu dicito *Jao*.
19 *Diodor. Sicul l. 1. Biblio hec.*
20 *D. Aug. l. de conſenſ Evang. c. 22. & 23. & de Civit. Dei l. 6. c. 7. & l. 7. c. 5.*
21 *Matute ſup. §. 5.*
22 *P. 2. c. 7. n. 12.*

7 Era aquelle myſterioſo nome ineffavel entre os Hebreos, como, depois de outros Authores, refere o doutiſſimo Padre Bento Fernandes ſobre o Geneſis; 23 aonde o achavaõ eſcrito, diziaõ, *Adonai*, que ſignifica *Senhor*. 24 Eu noto que tambem os Gentios (cujos ſabios queriaõ imitar as noticias

23 *Fernand. 4. Gen. ſect. 22. n. 6.*
24 *Fernam Ximenes de Aragam na doutrina Catholica cap. 20. eſcandalo 5. no princ.*

que

que alcançavaõ da Ley Divina) fizeraõ ineffavel o nome de hũ Deos que fingiraõ occulto, debayxo de cujo amparo estava a Cidade de Roma; o qual nome sabiaõ só os Sacerdotes, & naõ se podia publicar, porq̃ os inimigos naõ lhe fizessem preces para deyxar a tutela da Cidade: ou lho levassem cõ palavras venc-ficas, a q̃ a antiguidade attribuhia muyta força; (por isso os Tyrios tinhaõ seus Deoses atados com cadeas aos altares. 25) E porque o Sacerdote Valerio Surano o descobrio, foy condenado á morte; assim o contaõ Plinio, Joaõ Annio, Alexandre ab Alexandro, Marco, Servio Honorato, & outros. 26 O nome era *Ramosso*, 27 a que a cegueyra attribuhio divindade, que fora filho de Tusco primeyro Rey dos Aborigines, póvos de Italia, & de Roma, filha de Atlante Italo, Rey dos antiquissimos de Hespanha, a qual com Portuguezes deu principio áquella Cidade de seu nome, como em outra obra temos escrito largamente; 28 posto que Joaõ de Mariana 29 cuyda que aquelle nome occulto naõ era de algum Deos, mas o que tivera a Cidade antes que se chamasse Roma.

25 *Alex. ab Alex Gen. dier. l. 4. c. 12. post med.*

26 *Plin. l. 28. c. 2.*
Joan. An. in l. 5. Berof. Alex. de Alex. sup. l. 2. c. 22. ad med
Servius in Virg. l. 1. n. 30.

27 *Britto na Monarch Lusit. p. 1. lit. 12.*

28 *Nas Excellenc. de Portug. c. 14. Excellenc. 3. n. 6.*
Britto d. l. 1. c. 13.
Faria no Epit. das hist. Portug. c. 1. n. 24.

29 *Marian. hist. de Esp. l. 1. c. 10.*

8 Finalmente aquelle nome *Ihehovah*, por sacrosanto, cheyo de altos mysterios, trazia o Summo Sacerdote da Ley Velha esculpido em huma lamina de ouro sobre a cabeça, como escrevem o grande Padre Saõ Jeronymo, & com elle outros Escritores graves. 30 Illustrissima gloria para Enós, na opiniaõ do Cardeal Cajetano, haver dado principio a taõ soberana invocaçaõ!

30 *D. Hieron. Ep. ad Paulin. Fr. Manoel do Sepulchro na Refryçaõ espirit. p. 1. c. 6. n. 51 ad fin.*

9 Genebrardo, 31 & outros Authores naõ querem q̃ Enós haja sido Author daquelle nome; entendem que o mesmo Deos o disse primeyro a Moysés, & seguindo-se essa opiniaõ, dizer o Texto que *Enòs começou a invocar o nome do Senhor*, se verificaria em ser o primeyro q̃ com o nome de *Adonai*, ou de *Elohim*, que o *Senhor* já tinha desde Adam, reduzio a fórma o culto Divino, levantando Altares, & compondo Oraçoens, & Hymnos, como dizem outros Escritores: 32 porque nestes naturalmente se louva a Deos, & já naquella antiguidade havia Poesia, como já mostrámos acima; 33 & assim teria a honra de ser o primeyro que na Ley da Natureza compoz cantico em louvor de Deos, como na Ley Escrita foy o primeyro aquelle que cantou Moysés em graças da liberdade do povo, 34 & na Ley da Graça foy tambem o primeyro excellente sobre todos o de *Maria soberana*, visitando a Santa Isabel: 35 & em huma, ou outra opiniaõ sempre Enòs ficou muyto glorioso.

31 *Genebr. d. l. 1. de Trinit.*

32 *Matute supra dic. §. §. 1. Fern. nand. 4 Gen d. sect. 22 n. 3.*

33 *Supra c. 25.*

34 *Deuteron. 32.*

35 *Luc. 1. 46.*

10 Sendo o culto Divino a cousa mais sagrada, & a nòs mais util, se lhe atreveo a malicia humana fazendo della peçonha. Deu culto ao Demonio em Deoses falsos, como veremos na segunda parte, quando a historia chegar ao principio da idolatria; 36 & atè nos Templos santos, & culto do verdadeyro Deos busca occasioens de peccar. A's festas mais solemnes com impia curiosidade concorrem ociosos, a ver o q̃ devèraõ fugir.

36 *Part. 2. cap. 6.*

Já

Já no tempo de Museo Poeta Grego antiquissimo pelos annos 1460. antes do Nascimento de *Christo*, havia este costume barbaro. Conta na fabula que inventou de Hero, & Leandro, 37 que este se namorou de Hero vendo-a na celebridade que se fazia em hum Templo, a que fora, como outros moços que em semelhantes occasioens hiaõ, naõ para assistir aos sacrificios, mas por ver as donzellas que acodiaõ a elles. De Museo, & naõ de si, o repetio Dom Luis de Gongora 38 na mesma fabula; o mundo sempre foy o mesmo; abomina aquelle Poeta Gentio este costume: grande confusaõ para os Christãos!

37 *Musæus in fab. de Hero, & Leandro.*

38 *Gongora na fab. de Hero, & Leandr.*

CAPITULO XXXII.

Foy a mayor ruina dos homens ficarem com o entendimento cego pelo peccado; & disto lhes resultaõ as mayores calamidades.

1 OS males que temos apontado por occasiaõ da historia que seguimos, & os mais de que fora infinito tratar, resultaõ aos homens de haverem pelo peccado cahido em ignorancia, o que nos foy a mayor ruina. Perdida a justiça original, (diz Santo Thomàs) 1 se descompuzeraõ em certa maneyra todas as forças da alma que naturalmente estavaõ bem ordenadas; & ficou vulnerada a razaõ, em que está a prudencia: a vontade em que está a justiça: a irascivel, em que está a fortaleza: & a concupiscivel, em que está a temperança; & assim disse David, que o homem cahido naõ entendeo. 2 Por isto nos precipitamos.

1 *D. Thom. 1. 2. q. 85 art. 3.*

2 *Ps. 48. vers. ultim.* Non intellexit.

2 Porque a natureza, com magnificencia digna de seu Author, fez estudo em que este Mundo fosse muyto ornado, & gracioso para nos contentar. A vontade legisladora de nossas acçoens, entre as bellezas que ambiciosas de nosso amor se lhe apresentaõ, duvída a qual deve amar. Se por si se resolve, como naõ tem luz propria, a payxaõ a engana; se busca luz no entendimento, que lhe foy dado por conselheyro; este 16 percebe por meyo dos sentidos, que lhe trazem as imagens em que faz base, & primeyro objecto de seu conhecimento: usa das impressoens, q̃ nascem da materia, & dellas pendem suas operaçoens: 3 que conselho se póde esperar de faculdade taõ familiar aos sentidos falsos: faculdade pensionaria a quem mais nos persegue: faculdade que naõ nos pòde dar outros avisos, senaõ os que aprender de nossos inimigos? Quando a vontade cuyda que tem no entendimento hum leal Achitophel, experimenta hum infiel Chusay, que com capa de zelo a encaminha a precipicio, 4 ignoraõte se deyxa persuadir do q̃ a lisongea: desejando o bem, cahe no mal que temia: naõ distinguindo as cousas, se leva das appa-

3 *Vide infra a c. 45. n. 5. cum seqq.*

4 *2. Reg. 15. cum seqq.*

apparencias: avalia o alquime por ouro, o cryſtal por diamante: eſtima o que naõ tem meritos: recuſa o que devera abraçar: aborrece a quem a encaminha melhor; & como o enganado Abner, 5 aceyta os cumprimentos de quem lhos faz para a matar. Pòde gemer com David: 6 *Naõ tenho luz em meus olhos, puzeraõ-ſe contra mim meus amigos chegados*; pois o entendimento, amigo chegado ſeu, que lhe devera acudir, raramente a allumia nas occaſiões de neceſſidade. Niſto eſtá noſſo corpo de melhor condiçaõ; porque ſe perde a luz de hum olho, ſe val do outro que fica: a alma, tendo ſó huma potencia luminoſa, ſe eſta lhe falta, naõ tem outra parte donde eſpere luz; fica bayxel em tempeſtade tenebroſa, que aſpirando ao porto do acerto, dá nos rochedos de mil erros, porque naõ teve o farol que o aviſaſſe donde ſe devia guardar.

5 2. *Reg* 3.
6 *Pſalm.* 37. *v.* 10. & 11.

2 Por iſſo filoſofou com elegancia o Padre Lyſieux, excellente Eſcritor, 7 que ſe as creaturas naõ foraõ taõ bellas, o homem naõ ſeria taõ miſeravel; porque ordinariamente as perfeyçoens que lhe deleytaõ a viſta, lhe affeaõ o coraçaõ, dando materia a deſordens; o que ſe ordenou para bem do homem conſtituido em graça, lhe fez o peccado em algum modo prejudicial, naõ chegando o entendimento a conhecer o que devera; como o Satyro, que levado da belleza do fogo que naõ tinha viſto, o quiz abraçar, & aprendeo, que naõ ſe ha de abraçar o que ſe naõ conhece. Se o homem conhecèra muytas couſas que o namoraõ, nem as amàra, nem tivera tantas penas: & ſe ſoubera uſar de outras, tiràra dellas a utilidade para q̃ Deos as creou, & naõ degenerariaõ em ſeu dano: màs (diſſe bem Petrarca 8) buſcamos com eſtudo couſas de miſerias; fazendo triſte negociaçaõ da vida, que nos fora alegre, ſe nos governaramos bem; & já Saõ Joaõ Chryſoſtomo 9 havia dito, & moſtrado, que ninguem he offendido ſenaõ de ſi meſmo.

7 *P. Lyſieux, Capuchinho Francez, na Philoſoph. Chriſt. p. 1. c. 8.*

8 *Petrarcha de proſp. & adverſ. fortun. in præf. ad Azon.*
Tanto ſtudio miſeriarum cauſas, & dolorum alimenta conquirimus, quibus vitam, quæ ſi rectè ageretur, feliciſſima prorſus, ac jucundiſſima rerum erat, miſerandum, ac triſte negotium efficimus.

9 *D. Chryſoſt. in hemicui titulus:* Quod nemo læditur, niſi à ſemetipſo.

4 Que miſeria mais ignorante que pormos a felicidade da vida, ou no que deſeja noſſo appetite ſem o poder alcançar, ou nas mãos da fortuna pelo que pòdem negar, ou conceder; & naõ a pormos no noſſo arbitrio? na noſſa maõ eſtà felicitarmonos, uſando bem dos ſucceſſos alegres, & applicando às adverſidades a magnanimidade da tolerancia, com que fazendo virtude ſolida dos bens, & dos males, naõ deyxaremos de ſer felices: iſto, que os Eſtoicos alcançáraõ por ſombras, nos enſinou ás claras *Chriſto* Senhor noſſo quando levantou o mundo, como veremos na ſegunda parte; 10 agora que ſó o moſtramos cahido, dizemos que o peccado nos faz miſeraveis, porque nos fez neſcios; & aſſim no livro da Sabedoria 11 ſe equivocaõ os neſcios com os infelices, & eſtes confeſſaõ q̃ viveraõ cançados, porque viveraõ ignorantes. Deyxadas por innumeraveis, outras provas, o verifiquemos na honra, vida, & fazenda, couſas que mais eſtimamos; veremos como errando a eſtimaçaõ no modo, fazemos amargoſo o que nos fora ſuave governado por razaõ.

10 *P. 2. c. 53. n. 5.*

11 *Sap. 5. n. 6 & 7.* Sol intelligentiæ non eſt ortus nobis, & laſſati ſumus in via iniquitatis, & perditionis, & ambulavimus vias difficiles, viam autem Domini ignoravimus. *Et n.* 21. Pugnabit cum illo orbis terrarum contra inſenſatos.

CAPITULO XXXIII.

Como os homens errão nos meyos por que procuraõ honra, & por iſſo a perdem; poem-ſe primeyro exemplos na imitação, & no deſejo de moſtrar valor. Trata-ſe dos deſafios.

1 COm razaõ eſtimaõ os homens ſobre tudo a honra, pois como diſſeraõ Salamaõ, & o Eccleſiaſtico, 1 val mais que todas as riquezas; & Ariſtoteles 2 moſtra que he o mayor bem da vida. Notou bem Tacito; 3 que deſprezar a reputaçaõ, ſeria deſprezar as virtudes. Deos manda que tratemos da noſſa; & 4 elle tratou da ſua. 5 Mas he cegueyra do entendimento errarem muytos homens os meyos, & por elles vem a cahir em deshonra; façamos demonſtraçaõ em alguns exemplos de todas as idades do homem; que logo da primeyra, & ſem ceſſar na ultima, reyna nelle o deſejo de honra como natural.

2 Aos moços tanto que entraõ na puberdade, ſuccede o que a humildade de Santo Agoſtinho 6 confeſſou, ou repreſentou em ſi o meſmo com eſtas palavras: *Sem ſaber o que fazia, andava taõ cego, que entre os da minha idade me envergonhava de ſer mais honrado; quando os via jactar de ſuas maldades, & gloriarſe mais das mais torpes, folgava de commetter as meſmas, não ſó por apetite dellas, mas tambem para que me louvaſſem. Que couſa he mais digna de ſer vituperada que o vicio? & eu porque naõ me vituperaſſem, me fazia mais vicioſo; & quando não havia occaſiaõ para me igualar aos mais perdidos, fingia que fizera o que naõ tinha feyto, porque naõ pareceſſe menor que elles, & me tiveſſem por mais vil, por ſer mais caſto.* Que propria diſcriçaõ o que fazem muytos! E mais abayxo, diz o Santo, *que tem vergonha de não ſerem imprudentes*; 7 poem a honra no que he deshonra, que mayor cegueyra do entendimento?

3 Creſcidos já os homens aos annos juvenis, libraõ ordinariamente a honra no valor: & juſto he que ſe deſprezem delle, porque, como o Doutor Angelico 8 moſtra, he louvavel virtude. Porèm o natural naõ baſta; antes advertio Vegecio, 9 que poucos valeroſos gera a natureza, muytos faz a induſtria; Marco Tullio, & Seneca 10 lhe chamàraõ ſciencia, & ſe define: *Firmeza do animo nas occaſioens em que he mais difficultoſo tella*: ou, *Virtude moderativa do temor, & da audacia para bom fim.* 11 Donde ſe vè, que nem he valor o que ſe naõ exercita cõ juſtiça, nem o q̃ degenera em temeridade, antes ſerà vicio. 12

Neſta

1 *Proverb.* 12. 1. *Eccleſ.* 41. 15.

2 *Ariſt.* 4. *Ethic.*

3 *Tacit ann.* l. 4. Contempta fama, contemnuntur virtutes.

4 *Matth.* 5 16. Videant opera veſtra bona.
Luc. 12. 35. Lucernæ ardentes in manibus veſtris.

5 *Exod* 20. 3. Non habebis Deos alienos coram me.
Iſai. 42. 8 & 48 11. Gloriam meam alteri non dabo.
Matth. 16. 13. Quem me dicunt homines eſſe filium hominis?
Luc 9 19 Quem dicunt eſſe turbæ?
Marc. 8. 27. Quem me dicunt eſſe homines?
Diſſemos largamente na harmon. poſt. p. 2. §. 1.

6 *D. Aug.* l. 2 *Confeſſ.* c. 5. Neſciebam, & præceps ibam, &c.

7 *Idem d.* l 2. *cap.* 9. Eamus, faciamus, & pudet non eſſe impudentem.

8 *D. Thom.* 2. 2. *q.* 123. *art.* 1. 2. 11. & 12.

9 *Veget de re milit.* l. 3. c 26. Paucos viros fortes natura procreat bona inſtitutione plures reddit induſtria.

10 *Tul. Tuſcul* 4.
Senec. de benefic. l. 2. c 34. & *ep.* 85.

11 *Ex D Thom a q.* 123.

12 *Senec. ſupra.*
Lactant. de vero cult. l 6. c. 14.
O Conde de Villamediana na comedia da gloria de Niqueia.
No ha de intentar imposſibles,
El que aſpira a ſer valiente.

Neſta medida, & conſideraçaõ ſe erra.

4 Cuydá o de idade florente, que he valor buſcar de noyte com quem brigue, ou nas converſaçoens entender, & picar com todos, principalmente com os brandos, que naõ teme; ſe acaſo tem hum bom ſucceſſo, imagina-ſe o mais valente do Mundo, & crê que os que o vem o admiraõ: ſe diſcurſára com juizo, conhecèra que naõ he valor, mas brutalidade, como lhe chamaõ os Eſcritores, 13 affectar brigas; que os ſeſudos o tem por louco eſcuſarà deſgoſtar os parentes, eſconderſe das juſtiças, eſtragar a ſaude, conſumir a fazenda, & naõ tomarà trabalhos, de que poem culpa à fortuna.

5 Peyor he o que libra a honra, & valor na deſconfiança: ſe vè fallar bayxo, (o que na verdade naõ he corteſia) cuyda que fallaõ delle: ſe lhe dizem huma palavra, pede interpretaçaõ, & ſobre pouco mais de nada faz hum deſafio. Eſte, & o que o aceyta, naõ tem entendimento para conſiderarem que vaõ, ou a morrer, ou a matar; que para os bons he igual miſeria; 14 ſe o tiveraõ, conheceriaõ que o verdadeyro valor deſpreza a morte, mas naõ aborrece a vida; 15 antes amando-a, faz mayor fineza em a guardar ſó para arriſcalla pela virtude. 16 Ha differença grande entre eſtimar a virtude em muyto, ou a vida em pouco: arriſcarſe ſem grande, & juſta cauſa, ou he de irracional, ou de infeliz. 17

6 Tem elles por juſta cauſa ficarem (como dizem) carregados; & em quem ſe quer moſtrar valeroſo, he demaſiado medo confiar taõ pouco de ſi, & temer a deſeſtimaçaõ por huma palavra, ou couſa que ſe pòde encubrir, ou diſſimular com prudencia; faõ como Lucrecia, que ſe matou pelo receyo do que poderiaõ dizer de ſua honra; & Santo Agoſtinho 18 a cõdemna de fraca, & diz que devera confiarſe no interior eſforço, com que havia procedido. O que nella moveo a laſtima naõ foy o valor, mas a facilidade com que ſe deyxou vencer da vergonha; fizera heroicamente, ſe fora taõ valeroſa em deſprezar os diſcurſos do Mundo, eſtando em ſi honrada, como o foy em reſiſtir ao appetite; mas mereceo perder eſte louvor por amar o credito indiſcretamente. Saõ tambem eſtes como os Gladiatores, que ſe mataváõ no anfitheatro de Roma por adquirirem reputaçaõ de valentes: *Trazer a honra embicada, he de a ter pouco ſegura*, dizia hum noſſo Principe Poeta.

7 Ha outro erro, principalmente no deſafio, em ſe confiar do inimigo que no campo lhe pòde ter armada trayçaõ, a que todo o valor naõ poſſa vencer: que couſa mais neſcia que fiar ſua vida de quem lha quer tirar? tal confiança naõ he prudencia de valor, he ignorancia de temeridade, & honra que indiſcretamente ſe faz ao inimigo: que mayor abſurdo que moſtrarſe ignorante, por ſe moſtrar valente? ſendo o entendimento a couſa de mayor honra, & porque os homens ſe differençaõ dos brutos, ficarà valente bruto. Os famoſos antigos; a quem eſtes

13 *Gnicciardin. in Hypom. polit.* Qui ſe periculis objicit, nec priùs qualia ea ſunt conſiderat, ferum, ſeu beſtialem rectè appelaveris.

14 *Tacit. hiſt. l. 1.* Perite neceſſe ſit, aut, quod æquè apud bonos miſerum eſt occidere.

1 *Q. Curt de reb. Alex. l. 5.* Fortium virorum eſt magis mortem contemnere, quàm odiſſe vitam.

16 *Ex Eraſm. Apophthegm.* Illi fortes non ſunt, qui quovis modo vitam contemnunt, ſed qui tanti faciunt virtutem, ut hujus gratia vitam, alioquin charam, negligant.

17 *Cicer. in Caton.* Magnum eſt diſcrimen inter eum qui virtutem magni facit, aut qui vitam parvi æſtimat: nam ſemet in vitæ diſcrimen conjicere, aut infelicium eſt, aut belluarum.

18 *Aug. de Civ. Dei l. 1. c. 16. ad fin.*

eſtes querem imitar, naõ eraõ niſto cegos; buſcavaõ hum grande que lhes ſegurava o campo; deſte modo teve Marco Servilio varaõ Conſular, vinte & tres deſafios, & em todos matou o contrario; 19 alguns dizem que foraõ muytos mais.

19 *Plutarc. in Æmil.*

8 Sobre tudo naõ conhecem a Ley de Deos. He valor, ou he furor naõ ver, & naõ temer, que debayxo dos pés tem o inferno aberto, o que alli morrer? naõ entender que no meſmo campo eſtá Deos deſafiado pela quebra de ſua Ley, armado de rayos, & de juſtiça? Naõ ſó *Chriſto* noſſo bem nos prègou; 20 mas tambem o Demonio confeſſou em huma occaſiaõ 21 que a alma he precioſa ao homem ſobre tudo. *He poſſivel* (exclama o grande Salviano 22) *que naõ eſtimais voſſas almas, que o meſmo Demonio vos diz que ſaõ taõ precioſas?* Marco Tullio, 23 com ſer gentio, diſſe: *A fortaleza he hum affecto do animo obediente à ſumma Ley*: quem he timorato, he muyto homem: de Simeaõ diſſe o Euangeliſta S. Lucas 24 duas vezes em huma ſó regra, que era *homem*, porque logo ajuntou que era timorato; & Ariſtoteles: 25 *Quem tem taõ pouco medo que naõ teme os Deoſes, naõ he valeroſo, mas infame.* Deſta mà opiniaõ ſe deve ter medo. *Naõ he valor* (notou Plutarco 26) *naõ ter algum medo: os antigos puzeraõ o valor no medo da reprehenſaõ, & da ignominia, porque os que temem muyto as leys, ſaõ mais ouſados contra os inimigos.*

20 *Matth. 16. 26. Marc. 8. 37.*

21 *Job 2. 4.*

22 *Salvian l. 3. ad Eccleſ. Cat.* Quis furor eſt viles à vobis animas veſtras haberi, quas etiam Diabolus putat eſſe pretioſas?

23 *Tul. Tuſcul. 4.* Fortitudo eſt animi affectio legi ſummæ obtemperatus.

24 *Luc. 2. 25.* Homem erat in Jeruſalem, cui nomen Simeon, & homo iſte juſtus, & timoratus.

25 *Ariſt. L. Magnor. Mor. 2.* Si aliquem valdè facias impavidum, quòd Deos non timeat, non fortis, ſed infamis eſt.

26 *Plutarch. in Cleomen.* Fortitudinem mihi videntur non vacuitatem à metu, ſed metum reprehenſionis, & ignominiæ antiqui judicaſſe; qui enim maximè leges timentii adverſùs hoſtes ſunt audaciſſimi.

9 Quando houvera alguma falta, todo o amigo da honra eſcolhera ficar deſayroſo em hũa aldea, a troco de ſer glorioſo em todo o mundo, & nem pobre aldea he todo o mundo a reſpeyto da Corte do Ceo; ſó quem negar a Chriſtandade, negarà a força deſte argumento. Bem a conheceo ha poucos annos neſta Cidade de Lisboa hum Fidalgo bem qualificado, & conhecido por valeroſo, que deſafiado por outro de iguaes qualidades, reſpondeo que ſe preſava mais de Chriſtaõ, q̃ de valente: que elle coſtumava recolherſe pela meya noyte para ſua caſa, (que era apartada do mais povoado) que quem quizeſſe lhe poderia fallar no caminho, & dalli em diante por diſcurſo de hum mez ſe recolhia ſempre àquellas horas a cavallo ſem criado; paſſou a payxaõ ao outro, & ficou imitavel aquelle exemplo. Imberto Delfim de Vienna recuſou o deſafio de Amadeu Conde de Saboya, reſpondendo que ſe o valor dos Principes conſiſtia na força do corpo, ſeriaõ vencidos pelos touros; & ficou taõ louvado, como o deſafiante eſtava colerico. 27 Outro Fidalgo em Lisboa deſafiado em huma madrugada, reſpondeo, que para couſas de mais ſeu goſto naõ coſtumava levantarſe da cama taõ cedo. Muytos outros ſe eſcuſáraõ Chriſtã, & galantemente, & ficáraõ acreditados de valeroſos, & entendidos. 28

27 *P. Zacar. de Lyſieux na Philoſoph. Chriſt. p. 1. c. 19.*

28 *Multa præclara ſcripta de duellis vide per Alciatum in tract. de ſingulari certamine, & in conſilio in materia duelli poſt illum tract.*

10 Muytos poem o valor na lingua; & tanto que David ouvio o muyto que o Gigante blazonava, logo pode inferir que o havia de vencer. Na guerra proxima que tivemos ſe notava que os que fallavaõ menos, obravaõ melhor.

11 Outro

11 Outros querem parecer valentes offendendo à trayçaõ, ou acompanhados em as ſaltadas, & ſaõ avaliados atrayçoados, & fracos. Alguns oſtentaõ forças corporaes como touros, ſendo que o valor ſó conſiſte nas forças do eſpirito. 29

12 Aſſim cahem todos em deſcredito por onde buſcavaõ honra. Se ſe empregaſſem na defenſa natural, 30 no ſerviço da patria, 31 ou em outra juſta cauſa, que por naõ ſe poder levar por razaõ, 32 neceſſitaſſe preciſamente das armas, teriaõ nellas melhor ſucceſſo, porque ſaõ piedoſas a quem ſaõ neceſſarias. 33 Quem naõ buſca as brigas, ſahe bem dellas; a juſtiça he o meyo da vitoria: 34 ſeria ſeu valor verdadeyro: alcançariaõ por elle honra, & eſcuſariaõ queyxaremſe das calamidades, cauſadas ſó por ſuas deſordens.

29 *D. Ambroſ. offic. l. 1. c 38.*

30 Como *diſſemos acima c. 21. n. 12.*

31 *Xenoph. de reb geſt. Gr. lc. l 2.* Beati quicumque pugnantes pro patriâ.
Ariſt. Rhetor. l. 2 c. 2.
Pugnare pro patria optima res.

32 *Terent. in Eun act. 4. Scen 7.*
Omnia prius experiri, quam armis; ſapientem decet.
Caſſiodor. l. 3. Ep. 1. Tuc utile ſolum eſt ad arma concurrere, cum locum apud adverſarium juſtitia non poteſt invenire.

33 *Liv. dec. 1 l. 9 in princ.* Pia arma, quibus nulla, niſi in armis relinquitur ſpes.

34 *Polib l. 1.* Cauſæ æquitatem multum in bello valere compertum eſt.
Propertius Frangit, & attollit vites in milite cauſa.
Quæ niſi juncta ſubeſt, excutit arma pudor.

CAPITULO XXXIV.

Para o intento do Capitulo precedente, ſe poem outro exemplo nos que procuraõ altos poſtos, & ſe condena a ambiçaõ, & tyrannia

1 NA idade varonil libraõ os homens a honra em alcançarem poſtos ſuperiores, & he a todos como natural.

2 Aos mais illuſtres, por generoſidade influida com o ſangue 1 pelo exemplo dos progenitores, de que naõ querem bayxar, 2 qualquer fortuna os naõ deſanima. 3 Saõ palmas que naõ cedem ao pezo; 4 antes os trabalhos os excitaõ a empreзas mayores. 5 A ElRey Poro vencido perguntou Alexandre, como ſe atrevèra a reſiſtirlhe, devendo-o conhecer pela fama. E o vencido diſſe: *Reſponderey com a meſma liberdade com que perguntaſte: tinhame por mais forte que todos, porque naõ havia experimentado minhas forças. O ſucceſſo da guerra moſtrou que tu o es mais, mas ainda naõ ſou pouco feliz, ſendote ſegundo.* Proſeguio o vencedor: *E que te parece que agora farey de ti?* Poro regiamente: *Faze o que te enſina eſte dia, em que ves como ſaõ caducas as felicidades.* 6 Annibal, & Scipiaõ mendigos em caſa delRey Antioco, tratando de quaes foraõ os mayores Capitães, & dando-ſe a Annibal o terceyro lugar depois de Alexandre, & Pyrro, Scipiaõ, que o eſperava, lhe diſſe rindo: *E que dirieis ſe me houvereis vencido?* Annibal reſpondeo: *Então fora meu o primeyro lugar.* 7 Ceſar ameaçava os piratas, que no mar o tinhaõ priſioneyro, dizendo-lhes que chegando a terra os faria enforcar; & quando queria dormir, os mandava callar, tratando como criados, os que podiaõ diſpor delle, como ſenhores. 8 Dom Pelayo fogeyto aos Mouros que tinhaõ conquiſtado Heſpanha, naõ ſofreo afronta feyta a ſua irmã; levantouſe,

1 *Horat. l. 4 Ode 4.* Fortes creantur fortibus.
Multa pulchrè Caſſiodor. var. l. 2. Ep 15.

2 *Virg. Æneid. l. 12.* Et te animo repetentem exempla tuorum:
Et pater Æneas, & avunculus excitet Hector.
Tobie. 2. 18 Nolite ita loqui, quoniam filii ſanctorum ſumus. *Optimè apud Caſtellan. Lex 6. tit 18. p. 2. ubi Greg. Lop. verbo vergueça, & vide ſa. etiè Bart. in L. Ut vim n. fin. de juſt. & jur.*

3 *Virg. l. 6* Tu ne cede malis, ſed contra audacior ito.

4 *Alciat. emblem. 36.*
Nititur in pondus palma, & conſurgit in altum.
Quo magis, & premitur, hoc magè tollit onus.

5 *Carol Paſchat in axiom. polit.* Virorum fortium animi, non modò accepta inſigni aliqua clade, non remittuntur aut infringuntur, quin potius ad majora audenda incenduntur.

6 *Q. Curt l. 8. de reb. Alex.*

7 *Plutarch. in Annibal. poſt med.*

8 *Naõ o P. Lyſieux na Philoſ. Chriſt. p. 1. c. 41. no princ.*

& fe fez Rey. 9 Franciſco I. Rey de França preſo na batalha de Pavía, recuſou entregarſe ao rebelde Borbon; & com voz imperioſa, eſtando cahido em terra mandou que chamaſſem Lanoy, a quem ſe entregou. 10 O Cid Ruí Dias atè depois de morto apunhou a eſpada contra o que ſe atreveo a pegarlhe na barba, & o fez cahir de medo. 11

3 Os de qualidade mediocre lá tem hum aſcendente mayor, poſto que remoto, do qual tomaõ algumas vezes mais que dos chegados, por razoens que os Filoſofos, & Medicos apontaõ; 12 ſaõ como as aguas, ſymbolo da vida, 13 naſcidas em montes, que poſto que ſe achem em valles profundos, encanadas pela induſtria recobraõ força, & ſóbem quanto deſcèraõ; ou como as arvores, a que o inverno derribou as folhas, mas conſervaõ o vigor em huma ſó raiz, poſto que as outras ſecaſſem. O eſpirito levantado com que Baſilio Macedo; ſendo pobre eſcudeyro que curava de cavallos, ſoube chegar a ſer Emperador de Conſtantinopla, ſe pòde attribuir à deſcendencia antiga que por hum lado tinha do Arſecides Reys dos Parthos; 14 & o illuſtre eſpirito de Marco Tullio Cicero à aſcendencia paterna, poſto que muyto remota, que tinha nos Reys Volſcos. 15

4 Alguns de condiçaõ humilde faz a liberalidade da natureza generoſos; eſtendem as azas fóra do ninho: dizem que lhes baſta deſcenderem de Adam Rey de todo o mundo; querem parte do que elle teve, fazèdo direyto da prerogativa perdida pelo peccado. Iſicrates Athenienſe, filho de hum çapateyro, venceo aos Lacedemonios: reſiſtio ao famoſo Thebano Epaminondas, & Artaxerxes Rey da Perſia o eſcolheo por ſeu General contra os Egypcios. Eumenes filho de hum carreteyro foy taõ abalizado Capitaõ, ainda que pouco feliz, que mereceo que Plutarco, & outros graves Eſcritores hiſtoriaſſem ſeus ſucceſſos. Arſaſes de pays naõ conhecidos, ſacodindo o jugo de Alexandre, conſtituhio o Reyno dos Parthos taõ temido dos Romanos: & nos Reys ſeus deſcendentes ficou o renome de *Arſaſides*, como nos Emperadores Romanos o de *Ceſares*. Ptolomeo filho de hum pobre homem chamado Lago, ſuccedeo ao meſmo Alexandre no Reyno de Egypto, & Syria, & ſe fez taõ excellente, que os Reys de Egypto, tambem delle ſe chamàraõ *Ptolomeos* largo tempo. Agatocles filho de hum Oleyro ſe fez Rey de Sicilia, & atemorizou os Carthaginenſes. Em Heſpanha o inſigne Portuguez Viriato, filho de hum paſtor, poz em duvida ſe Heſpanha dominaria a Roma, ou Roma a Heſpanha, como confeſſáraõ os meſmos Romanos. Deyxo o Lavrador Wamba, que foy Rey illuſtre, porque ſendo milagre, 16 naõ faz exemplo. Em tempos menos antigos Lamuſio III. Rey dos Longobardos foy engeytado, filho de huma mulher vil. Primislao III. Rey de Bohemia, foy filho de hum Lavrador. Filho de outro foy Lucio Arendulo, Capitaõ famoſo

9 *Marian. hiſt. de Heſpanh. l. 7. cap 1.*

10 *Ilheſcas na hiſt Pont p. 2 l. 6. c. 26. da vida de Clement. VII § 3. ad fin.*

11 *Jul. de Caſtilho hiſt. dos Godos l. 4. diſ. ur ſ. 4.*

12 *Apud Gaſpar dos Reys Franco in Camp. Eliyſ. jucundar. queſt. q. 44. à n 25.*

13 *Eccleſ 40. 11.*

14 *Floſcul. p. 2. cap. 4.*

15 *Gaſa ſa in Euang. Inſtit. l. 7. c. 8 prop. fin. verſic. hoc tempore.*

16 *Brito Monarch. Luſit. p. 2. l. 2. c. 25.*

famoso, de Francisco Esforcia, cujos filhos, & descendentes foraõ Duques de Milaõ. O excellente Capitaõ Castrûcho Astracano, Italiano de Luca, foy engeytado sem pays conhecidos. Entre os Romanos, ElRey Tarquino Prisco, foy filho de hum pobre estrangeyro de Corintho; Tullio Hostilio foy pastor; Servio Tullio filho de huma escrava; Terencio Varro, Consul, & Dictador, filho de hum carniceyro. O Consul Ventidio Veso havia sido recoveyro. O Dictador Lucio, Lavrador de Cayo Mario, Consul sete vezes, & que triunfou duas vezes, foy o pay Carpinteyro no lugar chamado Arpinas. O Imperio tiveraõ Gordiano, & Licinio filhos de Lavradores: Probo filho de hum Hortelaõ: Valentiniano filho de hum Cordoeyro: Maximino de Ferreyro; outros dizem de hum que fazia carros: Elio Pertinaz, & Diocleciano tiveraõ pays humildes, cujos officios se naõ sabiaõ: de Emiliano nem a patria se sabe: Vespasiano tambem teve nascimento bayxo: o pay de Bonoso, que tambem tocou o Imperio, fora Mestre de escola. Entre os Emperadores Gregos Marciano, & Anastasio foraõ de sangue ignobil; o mesmo dizem de Justino, & Justiniano primeyros destes nomes: o pay de Micael Calefates embreava navios; & outros muytos houve de pouca nobreza, que chegàraõ a Principados; entre os mais abalizados se deve contar a famosa Semiramis Rainha de Babylonia, que foy engeytada sem ter pay conhecido, filha de huma pobre mulher chamada Decreta. Naõ tratamos de Ecclesiasticos.

5 Limitar as esperanças, desanimarà a virtude, que cresce com ellas. Naõ he reprovavel aspirar a dignidades para servir a Deos; 17 louvavel he procurar honras, mas com fundamentos que as façaõ possiveis, & por bons meyos. Nisto se erra. Nectabano Rey do Egypto pedio a Lycero Rey de Babylonia Arquitectos que lhe fabricassem huma torre, que naõ tocasse na terra, nem no Ceo. O engenhoso Esopo, a quem Lycero communicou o negocio, creou quatro Aguias, ensinando-as a levantar nas unhas voando, cada huma sua esporta, & dentro della hum menino, & foy-se com isto a Nectabano, dizendo, que levava os Arquitectos que pedira. Sahio Nectabano a sinalar a paragem para a torre, & muyta gente para ver a maravilha. Esopo largou as Aguias com os meninos que levavaõ instrumentos de pedreyro, là de sima (como lhes tinha ensinado) gritàraõ que lhes levassem pedra, & cal; & Nectabano se deu por vencido. Historia, ou ficçaõ, 18 exemplo de hum ambicioso que deseja fabricar torres no ar; posto que comece, là lhe falta a materia, & cede à confusaõ.

6 Ainda para o possivel, degeneraõ os pretendentes em taõ ambiciosos, que fazem ley necessaria de crescer, ou penar; a ambiçaõ os deshonra; 19 outros vicios affeaõ o interior, mas guardaõ segredo na afronta que fazem; a ambiçaõ gosta de a publicar, esforça-se a acçoens que a daõ a conhecer, & o nego-

17 *D. Paul. 1. ad Timoth. 3. 1.*

18 *Rodenes in Martyr. 1. epigram. 6. Naximus Planudes in vita Æsopi.*

19 *Leit D. Bernard Ep. 126.*

negociante faz de ſi vergonhoſo eſpectaculo; ſegue as facçoens da Corte conforme prevalecem; com todas ſe ſuſtenta (o que he muyto facil a quem ſe reſolve a naõ ter honra; quem naõ quer navegar direyto, com qualquer vento pòde navegar) naõ ſahe da porta dos que governaõ; ſe entra, he a liſongeallos; humilha-ſe aos criados para ſer bem viſto na caſa: naõ falta nos acompanhamentos: nos paſſeyos ſe faz encontradiço: no Paço ſe chega obſequioſo: celebra com riſo falſo qualquer dito: nas auſencias falla reverente, naõ nomeando o liſongeado ſem o titulo de ſenhor; & em todas as occaſioens recebe injurias; jà na entrada que ſe lhe nega; jà no mào roſto que acha; já no reſpeyto que ſe lhe naõ guarda; já na ſoberania com que o trataõ, jà na mà repoſta que ſe lhe dà; & elle ſempre a diſſimular deſprezos que naõ tem diſfarce; a accommodarſe com o humor do que buſca; a adivinharlhe a vontade; a deſejarſe Proteo de ſeu goſto, & Cameleaõ de ſuas cores: affecta a meſma condiçaõ: em tempo que governavaõ Eunuchos, houve pretendentes que ſe caſtràraõ; & hoje ha taes, que fingem padecer os meſmos achaques para moſtrarem ſympatia.

7 Eſtas tyrannias executa a ambiçaõ nos lugares mais publicos, porque nelles ſe offerecem mais occaſioens, & o ambicioſo as naõ perde. Os circunſtantes notaõ as palavras, advertem os geſtos, eſtaõ penetrando o interior; & o liſongeado dá traça com que melhor ſe conheça, para que o vejaõ adorado. Huns dos que vem iſto, zombaõ: outros murmuraõ: alguns ſe laſtimaõ de verem taõ vil hum homem de qualidade; refere-ſe nas converſaçoens; & do meſmo a quem ſerve he aquella bayxeza deſeſtimada. Nada do que diſſemos he idèa; tudo vi muytas vezes.

8 Aonde eſtà a honra que procurava eſte que ſe envileceo? querendo mandar a outros, diſſe Boecio, 20 ſe poz em eſtado de ſervir. Vi hum, & de grande caſa, que reſpondia, que beyjava os pès, para que depois lhos beyjaſſem. Com vil mercancia perdia de contado por eſperança incerta: deshonrarſe, naõ he tratar de honra; ſerà tratar de intereſſe. E ordinariamente (como dizia hum illuſtre Corteſaõ) quem perde a honra pelo negocio, ambos perde; que honrados diziaõ a Alexandre os Embayxadores dos Scythas! *Nem podemos ſervir, nem deſejamos mandar.* 21

9 Alguns paſſaõ a dadivas, & perdem tambem a fazenda; porque os grandes ſaõ mais avaros, que agradecidos. Eſtimaõ em mais o ſeu favor: & ſe naõ ſe dá muyto, cuydaõ que falta a vontade, & naõ a poſſibilidade: eſtranho genero de commercio! (nota Saõ Salviano 22) aos vendedores creſce a fazenda, & os compradores ficaõ miſeraveis. Muytas vezes ſuccede o que diſſe Tacito 23 fallando de Butridio, que ſemelhantes diligencias tiraõ o que ſe houvera de alcançar pelas vias ordinarias.

20 *Boet. de conſolat. l. 3. proſ. 8.* Dignitatibus fulgere velis? donanti ſupplicabis; & qui præire cæteros honore cupis, poſcentis humilitate, &c.

21 *Apud Q. Curt. hiſt. Alex. l. 7. poſt med.* Nec ſervire ulli poſſumus, nec imperare deſideramus.

22 *Salvian. de vero judic. & provident. l. 5.* Inauditum hoc cõmercii genus eſt: venditoribus creſcit facultas: emptoribus nil remanet niſi ſola mendicitas.

23 *Tacit. annal. l. 3. ad fin.*

10 Mas demos que hum deſtes chega ao poſto que pretendia, o qual ſe lhe deu, naõ por amor, mas por exemplo de que outros cortejem; leva a nota das vilezas com que o comprou, fica eſcravo do que lho vendeo, que ſe reputa Deos, para deſfazer a ſua feytura quando quizer; he vituperado dos cenſores, & quando ſe avalia reſpeytado pelo officio, he como o vil animal, que ſe gloriava nas adoraçoens que ſe faziaõ à Imagem da Deoſa Iſis que levava; 24 tal vez o privaõ, & fica ſem poſto, & ſem honra: Iſaías o compàra bem às aranhas, que ſe deſentranhaõ em ordir teas, que huma moſca rompe. 25

11 Se ſe houvera governado pela razaõ, naõ deyxàra de ſe arrimar para ſubir; pois a natureza o enſina na hera, na vide, nos jſmins, & moſquetas, flores taõ benemeritas; mas arrimaõ-ſe bizarras, ſem perderem os brios; procuràra agradar por boas partes, & por virtude: lembràra-ſe com modeſtia, pedira com decencia, moſtrando-ſe pretendente, & naõ ſervo: ſe alcançaſſe, fora mais reſpeytado: ſe o privaſſem, naõ ficaria ſem honra: ſe nada lhe deſſem, mais credito ſeria perguntarſe, porque lhe naõ deraõ, que perguntarſe porque lhe deraõ. 26 Quem foge da ambiçaõ, acha honra: a quantos homens deſprezados olhaõ os bem entendidos com mais reſpeyto que aos enthronizados? A quantos Religioſos ſem lugar com mais veneraçaõ que aos Prelados? Sò para ruſticos ſaõ as apparencias de comedias; ſó eſtes julgaõ pelas ſombras; como aos que olhaõ para hum tanque cercado de arvores, parecem ellas cahidas de cabeça a bayxo; ſe olharem para a realidade, as veraõ em pè muyto direytas; o merecimento he a mayor dignidade, & a mayor eſtatua, as obras ſaõ eloquente lingua, & digna occupaçaõ da fama. 27 Germancio (a cujo reſpeyto o diſſe Tacito 28 depois de Cataõ) muyto mais honrado ficou merecendo o Imperio, que Caligula com o poſſuir. E Dolabella mais illuſtre que Bleſſo, por cuja cauſa Tiberio lhe negou triunfo.

12 Que diremos dos que por tyrannia ſóbem a Thronos, cuydando que fazem glorioſa a ſua fama? que honra adquiriraõ? Só entre ignorantes. 29 Se he deshonra ſer ladraõ no pouco, furtar muyto como o naõ ſerà? Como ſeraõ louvados pelo que ſaõ atormentados no inferno? por honrados os premiará Deos: accuſa o juizo Divino quem os tem por benemeritos. Entre os entendidos, o uſurpador ſó alcança infamia para a vida, & nome de tyranno para as hiſtorias. Scipiaõ, eſplendor das virtudes moraes, honra da felicidade bellica, com fortaleza de moço, & temperança de velho ganhou as Heſpanhas, paſſou a Africa, conciliou Maſſiniſſa, rendeo a Syfas, venceo a Annibal, & como fez Carthago de Roma, pudera fazer Roma ſua; mas contentando-ſe com o renome de Africano, ficou ſubdito de ſua patria; eſcolheo por patrimonio o ſervilla; dos inimigos que offendia era amado. Com iſto deyxou melhor fama mor-

rendo

24 *Alciat in Emblem. Non tibi, ſed Religioni.* Non es Deus, tu Aſelle, ſed Deum vebis.

25 *Iſai. 59. 9. P. Fonſeca, tract. do amor de Deos c. 37. paulò poſt med.*

26 *Cato Senior apud Plutarch. in apophthegm. & Plin. de vit. illuſt.* Malim ut de me quærant homines quamobrem Catoni non ſit poſita ſtatua, quàm quare ſit poſita.

27 *Proverb. 31.* Laudent eam in portis opera ejus.

28 *Tacit annal. 1. ante med. & l. 4 ante med.*

29 *Vide Q. Curt. hiſt. Alex. l. 7. poſt med. in orat. legat. Scythar.*

rendo no deſterro, que Julio Ceſar morto no Senado. Eſte tyrannyzando Roma, naõ alcançou o renome de *Magno*, que Pompeo conſervou defendendo-a, poſto que vencido. Os Caſtelhanos por lavarem a Coroa do labeo q̃ lhe poz Henrique I. caſáraõ a Henrique III. com a neta de Dom Pedro Rey legitimo, ainda que cruel. Oliveiro Cromuel, que vimos tyranno da Gram Bretanha, por tyranno foy conhecido em vida, & na morte: Europa o reſpeytou por temor; ſe iſto he honra, os ſalteadores de eſtradas ſaõ muyto honrados. Huma rebelliaõ do Povo o levantou, mas nem ſoube, nem pode conſervar aquella fortuna em ſua caſa; logo que elle morreo, cahio o filho. Ter hum applauſo geral por tempo breve, como em Roma os Saturninos, & Graccos, naõ he prova de merecimento, mas temeridade da fortuna. Sò a ignorancia, & maldade gabarà naquelle tyranno o animo com que uſou da occaſiaõ: devendo antes aproveytarſe daquelle favor popular, & militar para acçaõ que o fizeſſe glorioſo; como depois ſe aproveytou Jorge Mgck, reſtituindo o legitimo Rey: Carlos II. vioſe com exercito arbitro de tres Reynos, & nenhum quiz; mais quiz dallos, que poſſuillos; ſugeytou o poder às leys com mais gloria no obedecer, que no mandar. Feyto por ElRey Duque de Albemarle, com outras honras, illuſtrou para ſempre ſua deſcendencia; viveo grande, mas menor que os meritos; & morreo mayor, porque viveo ſem ambiçaõ; foy ſepultado entre os Reys, porque o naõ foy; logra para ſeculos o throno, que recuſou por annos. A morte o achou retirado no campo aonde deſprezava a Corte; fora o mais feliz, ſe morrèra na Religiaõ Romana: os oſſos do tyranno foraõ queymados, condemnada ſua memoria, & he abominavel ſeu nome. Taes ſaõ os effeytos dos meyos, porque ſe pretende a honra; & a ambiçaõ nem com exemplos taõ multiplicados teme os fins dos que imita nos feytos. 30

30 *Cicer. Plin. 2. in prine.* Te mi. Antoni, quorum facta emittere eorum exitus non perhorreſcere.

CAPITULO XXXV.

Para o meſmo intento ſe moſtra como os que pretendem honra pela ſciencia, errando ordinariamente os meyos, ſe deſacreditaõ.

1 OUtros homens, & em todas as idades, poem a honra no ſaber, & com razaõ; porque, como Salomaõ diſſe, 1 he a couſa mais precioſa, & nenhuma das que ſe deſejaõ ſe lhe pòde comparar, & aſſim offerecendo-lhe Deos o que elle quizeſſe, pedio ſabedoria, & o *Senhor* approvou ſua eleyçaõ. 2 Por eſta parte ſe differençaõ tanto os homens huns dos outros, que houve quem diſſe que hia mais de hum homem a outro

1 *Proverb. 3. n. 15. & 16.*

2 *3. Reg. 3.*

outro homem, que de hum homem a hum animal bruto; entendendo que vay mais de hum homem muyto sabio a hum homem muyto nescio, que de hum homem muyto nescio a hum animal irracional daquelles que se pódem chamar menos brutos; & assim diz Salamaõ ao nescio, que aprenda sabedoria da formiga. 3 Por isso disse o mesmo Salamaõ: *O nescio servirà ao sabio; 4 os sabios possuiraõ gloria: a exaltaçaõ dos nescios, he ignominia; 5 para ignominia nasceo o nescio*; 6 & chamar a hum homem nescio, disse Aristoteles, 7 he das mayores injurias que se lhe pòdem fazer. Mas em duas maneyras avaliaõ os homens o saber; ou só pelo natural sem estudo; ou por acquisiçaõ do que estudou; & em ambas erraõ muytos o modo de mostrar que sabem.

2 Para ostentaçaõ do bom juizo fallaõ muyto, atè nas Igrejas: rim alto; affectaõ dizer graças, que elles mesmos celebraõ; & tudo isto diz o Espirito Santo, & notàraõ Sabios, 8 que antes he final de nescio. Alguns que se querem mostrar politicos, sempre discursaõ sobre o governo, que lhes naõ toca, pela mayor parte censurando; se se prezaõ de Poetas, sem o serem muyto bons, saõ os que mais enfadaõ. O Romano Sylla deo muyto dinheyro a hum mào Poeta, porque o naõ cançasse; melhor o fez Alexandre, que matou a outro com fóme. 9

4 Outros tomaõ caminho contrario. Fazem-se severos, fallaõ em voz bayxa, poem (como se diz) o verbo no cabo, & escutaõ-se a si mesmos, notando, & deleytando-se, se foy o periodo bem soante. Raros saõ os que daõ em sempre callar; estes erraõ menos, conforme ao emblema de Alciato 10 aprendido de Salamaõ; 11 porèm isto tem termo, porque tambem declarou o mesmo Salamaõ, 12 que ha tempo de callar, & tempo de fallar; callar demasiado, tambem he nescio; & assim encomendando hum pay a hum filho nescio, que em hum banquete naõ fallasse, por naõ ser conhecido, callou tanto, que os circunstantes disseraõ entre si, que devia ser nescio, pois nada fallava; & ouvindo-o elle, celebra a Floresta Hespanhola 13 dizer: *Pay já posso fallar, pois jà me conhecèraõ.*

4 O bom juizo se mostra em fallar moderado a seu tempo: rir com modestia: 14 meter a galantaria na pratica como ao descuydo, quando se offerecer occasiaõ, sem se affectar, & sem a solemnizar, deyxando-a ao arbitrio dos ouvintes; 15 discursar sobre materias differentes sem se applicar sempre a hũa, 16 (porque a conversaçaõ ha de ser varia) & menos as do governo publico, se lhe naõ toca por officio. Conciliar facilidade com gravidade. 17 Fallar composto, mas naturalmente, sem artificio; 18 he peyor fallar affectado, que menos elegante.

5 Dos que tem sciencia adquirida, muytos se desacreditaõ por onde querem acreditarse. Huns se enganaõ a si mesmos, cuydando que sabem tudo; 19 devendo entender que ao que mais sabe no mundo, falta por saber muyto mais, & nem

3 *Proverb 8.6.*

4 *Prov.11.29.* Qui stultus est, serviet sapienti.

5 *Proverb 3 in fine.* Gloriam sapientes possidebunt: stultorum exaltatio ignominia.

6 *Proverb.17.21.* Natus est stultus in ignominiam.

7 *Arist apud Joan Huarte de S. Joan in exam. in Gen. c. 2. in princ.*

8 *Ecclesiast.10.num.14.* Stultus verba multiplicat.
Eccles iast.21.23. Fatuus in risu exaltat vocem suam.
Joan. Huarte Jusrà c. 10. post med. vers los graciosos dezidores, & c. 12; Senec. Ep. 15. & 40. in f. 2 & 3.

9 *Dissemos no cap. 16. n. 14.*

10 *Alciat l. 1 emblem. 3.*
Cum tacet, haud quicquam differt sapientibus amens:
Stultitiæ est index lingua quæque, vox que suæ.

11 *Proverb.17.18.* Stultus quoque si tacuerit, sapiens reputabitur: & si comprimerit labia sua, intelligens.
Diximus in tract Perfect Doct. quæst. 9. n. 10.

12 *Eccles.3.7.* Tempus tacendi, & tempus loquendi.

13 *Floresta Hespanhola.*

14 *Ecclesiast 21 23.* Vir autem sapiens vix tacitè ridebit.

15 *Proverb 27 2.* Laudet te alienus, & non os tuum; extraneus, & non labia tua.

16 *Ecclesiast.3.1.* Omnia tempus habent.

17 *Cleomenes apud Plutarch. apophthegm.*
Affabilis eo usque dum contemptui non sit.

18 *Senec. ep. 115.*

19 *Proverb.12.15.* Via stulti recta in oculis ejus.

nem o que ſabe, acaba de ſaber perfeytamente, & como o deve ſaber; 20 por iſſo dizia aquelle grande Filoſofo: *Sò ſey que nada ſey*; & ainda que ſayba muyto, ouvindo ſaberà mais, 21 eſtudando, & aprendendo de todos, 22 & em qualquer idade. Parece muyto bem (dizia Eſchilo) hum velho que aprende, 23 porque a ignorancia he muy fea nos velhos, & he menos culpavel morrer aprendendo, que ignorando: aſſim reſpondia Socrates aos q̃ lhe taxavaõ procurar ſaber mais, tendo jà muyta idade. 24 Marco Tullio no livro *de Senectute*, introduz ao Sabio Solon gloriando-ſe de que hia envelhecendo, & aprendendo cada dia. 25 O Juriſconſulto Pomponio proteſtava que era de ſetenta & oyto annos, & ainda que tivera hum pè na ſepultura, naõ ſe envergonhára de aprender. 26 O grande Agoſtinho deſejava que o enſinaſſe qualquer Biſpo, & companheyro mancebo. S. Jeronymo conta de ſi como na velhice aprendia de outros; 27 & o eloquentiſſimo Padre Mendoça 28 o moſtra mais louvavel aprendendo, que enſinando. Diſcretamente diſſe Seneca: 29 Muytos chegariaõ ao alto da ſciencia, ſe naõ cuydaſſem que jà haviaõ chegado.

6 Outros tem por bayxeza ſeguir os caminhos trilhados, & opinioens commuas, & faceis; cuydaõ que moſtraõ mayor ſciencia, & engenho, & que ſe fazem immortaes inculcando novas doutrinas, prezando-ſe de ſubtileza. A eſtes reprehendem aſperamente os mais graves Doutores Joaõ de Neviſanio, & Franciſco Duareno, (30 pondo exemplo em Barbacia) os qualificaõ *jactanciosos, temerarios, delirantes, fumoſos, & que ſe ferem a ſi meſmos, porque levantaõ couſas que naõ ſabem reſolver.* Vivio 31 a ſemelhante ſubtileza dà titulo de *perniciosa*: Eſpeculador 32 diz que *ella meſma ſe confunde: que voa ao Ceo ſobre as pennas dos ventos, & logo ſe ſumerge debayxo da terra no profundo dos abyſſos*: huma gloſa de Direyto civil 33 lhe chama *impoſſibilidade*; & hum texto, 34 *authorizada de erros.* Entende-ſe tudo iſto dos que ſubtilizaõ com demaſia, dando em extravagancias; que a ſubtileza regulada orna, reſplandece, & illuſtra as ſciencias; entre os Juriſconſultos, hum Africano, ou Papiniano; entre os Doutores Juriſtas hum Cumano Manoel da Coſta, ou Antonio Fabro; entre os Medicos hum Avicena; entre os Theologos hum Joaõ Duns Scoto, & outros engenhos levantados em todas as ſciencias, & faculdades, que louvores, naõ merecem? O Apoſtolo Saõ Paulo 35 deu a medida: Saber o que baſta, naõ ſaber mais do he neceſſario ſaber: deſte modo ſoube o Juriſconſulto Labeo, do qual com louvor refere hum texto, 36 que engenhoſamente innovou muytas couſas: & Bartholo, de quem por teſtemunho do outros Doutores, eſcreve Joaõ Pichardo, 37 que alcançou tanta reputaçaõ, porque ſempre ſeguio opinioens que contentavaõ ao commum, & ſe deyxavaõ entender de todos. Entre os nimios em ſubtileza, ſaõ mais reprehenſiveis alguns q̃ uſaõ della nos pulpitos, arraſtando

20 *D. Paul. 1. ad Corinth. 8. 2.* Siquis autem exiſtimat ſcire aliquid, nondum cognovit quemadmodum oporteat eum ſcire.

21 *Prov. 1. 5.* Audiens ſapiens, ſapientior erit.

22 *Angel. in præm. Inſt. Jur. civ.* Siquis fortè velit Juriſconſultus haberi, Continuet ſtudium, velit à quocunque doceri.
D. Thom. Epiſt. de modo acquir ſcient Non reſpicias à quo audias, ſed quidquid boni dicatur, memoriæ recommenda.

23 *Eſchil. relatus à Hieron. de Huert. in prol. ad probl. Philoſoph.*

24 *Socrat. relatus à F. anc. de Gyumendr. in doct. Princip. c. 2.*

25 *Refert gloſ. margin. in L. Apud Julianum 20. ff. de ſi addei com. libert.*

26 *In d. L. Apud Julianum.* Et ſi alterum pedem in tumulo habentem, non pigeret aliquid addiſcere.

27 *D. Aug. ad Auxilium Epiſcop. ep. 75 relatur in C. Si habes 24 q. 3. D. Hieron. ep. 15 ad Pammach.*

28 *Mendoça in vtrid. l. 3. probl. 2.*

29 *Senec. de tranquillit. vit.* Multi ad culmen ſcientiæ pervenisſent, niſi ſe jam pervenisſe putaſſent. *Et vide eumdem ep. 75 aliàs 77. in l. 10.*

30 *Neviſan. Sylv. nupt. l. 5. n. 28. in fin.*
Franc. Duaren. epiſt. de modo ſtud. habetur in 2 tom. tract. Docto juris.

31 *Viv. de commun. opin. loco 7. de ult. vol. tit. 4. c. 24. verſ. itaque.*
Habetur mihi in 3. tom. cõmun. opin. fol 41 pag. 1.

32 *Specul. tit de Advocat. §. Nunc de exordiis n. 21. v. ſubtilitas.*

33 *Glo'. verbo ſubtilitatem in L. Si mulier § fin. aſſeff. de jure d. t.*

34 *L. Si ſervum 91. §. Sequitur ff. de obligat.*

35 *D. Paul. ad Rom. 12. 3.* Non plus ſapere, quàm oportet ſapere, ſed ſapere ad ſobrietatem.

36 *L. §. Poſt hunc ff. de orig. jur.*

37 *Pichard. in vitiis Juriſconſult. in vit. Barth.*

ſtando

ſtando conceytos vãos as Eſcrituras repugnantes, como diſſe Saõ Jeronymo; 38 & com as fantaſias, em que buſcaõ credito, cahem no vituperio que o meſmo Santo nota nas palavras que jà referimos tocando eſta materia. 39

7 Alguns fazem profiſſaõ de reprovar, o que he mais facil que compor bem, como dizia Marcial a Lelio. 40 Imaginaõ que acreditaõ ſeu engenho, & fazem-ſe odioſos: Baldo ennevoou ſuas luzes com ſe dar a conhecer por oppoſto a Bartholo; 41 mancha mayor nos emulos de ſeus meſtres, como Ariſtoteles de Plataõ; dizem q̃ por caſtigo lhe negou a terra ſepultura; & morreo afogado nas aguas do Euripis. Ley dos Indios ſinalava com ferro por infame os ingratos a ſeus meſtres; & na Academia dos Gymnaſofiſtas ſe lhes punha outro final de vituperio. 42 Naõ nego a obediencia à verdade; ſe ella obriga, ſe deve ſeguir; mas com fundamento que manifeſte deſejo de acertar ſem animo de contradizer.

8 Taes ha, que inchados com a ſciencia, 43 uſaõ della para ſeu louvor, naõ para gloria de Deos, peccando onde devèraõ emendarſe, como lamentava Santo Iſidoro. 44 Antes parece que naõ conhecem Deos, *feytos abominaveis em ſeus eſtudos*, como diſſe David. 45 Por ſemelhantes inconvenientes naõ queria o Serafico Franciſco que ſeus Frades eſtudaſſem. 46 Os que aſſim ſe levantaõ, ſe deſacreditaõ, porque (diz Plutarco 47) ſe moſtraõ vaſios de letras, como na ſeára as eſpigas vaſias ſe vem levantadas, & ſó ſe humilhaõ as cheas de fruto. Os ſcientes para adquirirem honra, devèraõ fazer o contrario do que ordinariamente coſtumaõ: conhecer que de ſi ſaõ nada, & tem de Deos qualquer couſa que ſaõ: 48 tanto ſeraõ mais, quanto ſe eſtimarem menos: 49 naõ conſiſte a honra na ſciencia, mas no modo de uſar della; 50 neſte modo ſe erra.

9 Finalmente a honra (diſſe Plataõ) *he dignidade adquirida pela virtude*; ſignificava-ſe em dous Templos de Roma edificados à virtude, & à honra; com tal artificio, que naõ ſe podia chegar ao da honra, ſenaõ pelo da virtude: nem ſe paſſava pelo da virtude, ſem hir parar no da honra. Santo Agoſtinho 51 refere do virtuoſo Cataõ, que quanto menos pretendia gloria, tanto mais ella o ſeguia. Outros caminhos tem inconvenientes que antes deſacreditaõ, como Boecio 52 particularmente os conſidera. E ha taõ deſordenada ambiçaõ, que Heroſtrato por ficar afamado, queymou o templo de Diana em Epheſo, deſcobrindo-ſe para ſer condemnado à morte. 53 E hum Filoſofo deſejava que o mataſſe hum rayo, por naõ ſer vencido de menor homicida. 54

38 *D. Hieron. Ep. ad Paulin.* Ad voluntatẽ ſuam Scripturam trahere repugnantem.

39 *Supra c. 19. n. 5.*

40 *Martial. l. 1. epigram. 91.*
Cum tua non edas, carpis mea carmina Læli:
Carpere vel noli noſtra, vel ede tua.

41 *Nevi ſup. d. n. 28.*

42 *Thom. Garzon na Synagoge de ignorantes. c. 9.*

43 *D. Paul. 1. ad Cor. 8. 1.* Scientia inflat.

44 *D. Iſid. l. 3. de ſum bon.* Pleriſque accepta ſcientia literarum non ad Dei gloriam, ſed ad ſuam laudem utuntur; dum de ipſa extolluntur, & ibi peccant, ubi peccata emendare debuerunt.

45 *Pſalm. 13. v. 1. & 2.* Dixit inſipiens in corde ſuo: Non eſt Deus. Corrupti ſunt, & abominabiles facti ſunt in ſtudiis ſuis.

46 *Fr. Marcos de Lisboa na Chron. dos Frades Menor. p. 1. l. 2. c. 22. & 23.*

47 *Plutarch. in Morel.*

48 *D. Aug. ſup. Pſalm 70.*

49 *D. Greg. l. 23. Moral.* Tanto per illam (*ſcientiam*) robuſtus ſapit, quantum ſe infirmum in illa verius recognoſcit.

50 *D. Bern. ſup. Cant. ſerm 36.* Non probat multum ſcietes, ſi modum iciendi neſciverunt, fructum, & utilitatem ſcientiæ in modo ſciendi conſtituit

51 *D. Aug. de Civ. Dei l. 5. c. 12. poſt med.*

52 *Boet de conſol. 3. proſa 8.*

53 *Strab l. 14.*
Valer. Max. l. 14. in fin.

54 *Refere o P. Lyſieux na Philo. Chriſt. p. 1. c. 8.*

CAPITULO XXXVI.

No desordenado amor da vida, se mostra cego o entendimento pelas miserias della.

1 PInta-se o amor com azas por sua inconstancia; só o da vida (discurría hum juizo grande) he muyto firme: nasce com os homens: cresce com a idade: só morre na sepultura. He menor nos primeyros annos; depois, como arvore vay multiplicando raizes na terra, atè que o furacaõ da morte a arranca; ou como ribeyra, que ao nascer corre mansa, mas quando se ha de render ao mar, se faz impetuosa, soberba com as aguas que lhe entràraõ. Nos felices, & infelices he igual esta inclinaçaõ: tanto ama a vida o escravo, como o senhor: nas masmorras quer viver o miseravel carregado de ferros em escuridaõ.

1 P. *Lysieux na Philosoph. Christ. p. 1. c. 2.*

2 Resoluta a vontade a este desejo, abraça todas as miserias que para elle pòdem contribuir; porque ainda que o desejo preciso he só da vida, esse he inseparavel dos remedios que a pòdem conservar. Ha occasioens em que lhe he necessario cortar hum braço; paga a quem lho corta, & tal vez se queyxa porque naõ cortou mais: hum homem agradecerà cortarem-lhe ametade do corpo, só por ficar com a outra ametade, por sustentar huma parte com vida, enterrarà as mais: se os inimigos entraõ huma Cidade, os Cidadãos lhes daõ seus thesouros, porque os naõ matem, privando a vida das riquezas que lhes seriaõ regalo; & nisto saõ amantes, (diz Santo Agostinho 2) pois naõ teriaõ esta sua querida, se a naõ tivessem necessitada; chegaõ os homens a despojalla, porque viva do que lhe he necessario para viver; que repugnancia! Em huma tempestade, por aliviar o navio, se lançaõ ao mar os mantimentos, expondo-a a morrer de fome, que naõ he menos cruel que o naufragio; por fugir de hũa féra, ou de hum inimigo, se precipita o perseguido em hum rio sem saber nadar, & alli se afoga; muytos, porque os naõ matassem, se anticipáraõ a morte com veneno, & punhaladas; a tudo o homem se expoz no unico acto de amar a vida com desordem.

2 *D. Aug. Ep. ad Armeni.* Istiamarám suam non habere nt, nisi amando inopem reddidisse nt.

3 *Chriſto* Senhor nosso, accommodando sua doutrina a esta inclinaçaõ, quando encomendou as virtudes, prometteo outros premios; 3 mas quando ensinou a desprezar a vida, prometteo outra immortal, 4 & mostrou como se havia de alcançar. Na segunda parte o veremos. 5

3 *Matth. 5. ex n 3.*

4 *Joan. 12 25.* Qui odit animam suam in hoc mundo, in vitam æternam custodit eam.
Concordat ejusdem Matth. 16. 25. Marc. 8. 35. Luc. 9 24. & 17. 33.

5 *V. 2. cap. 52. & 53.*

4 E esta vida para quanto tempo a conservamos? A cima fica jà dito 6 que he correyo de posta, náo veleyra, aguia veloz, fumo, sombra, nuvem, nevoa, & vapor.

6 *Sup. c. 10. n. 3. & vide 2. p. cap. 53. n. 8.*

5 Mas se lhe consideramos a duraçaõ, em que dura, senaõ em miserias? nascendo sahimos de huma prizaõ em que, como

como criminoſos, ou anticipando-ſe o caſtigo aos crimes, eſtivemos nove mezes; ſahimos chorando, naõ havendo lagrimas em algum outro animal: & ſahimos como eſcravos fugitivos que ainda naõ pòdem tirar os ferros, pois naõ podemos andar, como outros animaes logo andaõ.

6 Depois de naſcer, naõ atamos as féras; & o homem he logo atado com faxas de pès, & mãos, ſem outra culpa mais, que de haver naſcido com os grilhões que derivamos de Adam, como diz Santo Agoſtinho, 7 & deſetàra *Chriſto*. Mal ſe pòde julgar, dizia Plinio, 8 ſe nos he a naturoza máy, ou madraſta, porque entre todos os animaes ſó ao homem veſte do alheyo: aos mais deu varios generos de cuberturas: a concha, os cabellos, a lã, as pẽnas, as eſcamas, atè as arvores defende dos frios, & da quentura com cortiças, algumas vezes dobradas. He verdade que tudo o que naſce tem pequenos principios; mas entre todos os animaes, o do homem he o mais cativo. As abelhas tanto que voaõ, ajudaõ a ſua Republica, mathematicamente ſaõ arquitectos das caſas em que fabricaõ o mel. As formigas em naſcendo, trabalhaõ na proviſaõ de ſeu mantiuento, envergonhando noſſa ocioſidade; todos os mais de muyto pequenos trataõ do que lhes convem, ou correndo, ou voando, ou andando, ou com força, ou com manha; até os pequenos peyxes ſabem fugir das aves de rapina que coſtumaõ comellos: ſó ao homem he neceſſario que outrem dè o ſuſtento: o defenda dos perigos: diſponha ſuas acçoens, & enſine a andar, a fallar, & comer; nada ſabe fazer, ſenaõ chorar; como o homem ſe chama *microcoſmo*, que ſignifica, pequeno mundo, he como o grande mundo na eſcuridaõ de ſeu principio antes que Deos lhe dèſſe luz.

7 Começanos a luz quaſi de ſete annos; & meſtres nos começaõ a inſtruir nos bons coſtumes, a que a mà natureza repugna: diſtillaõ-nos por gottas (porque a corrente nos naõ afogue) as artes, & ſciencias, que nos enfadaõ; & depois de muytas deſpezas, & trabalhos, nos fica della pouco, ou nada.

8 Adultos, cuydamos que jà ſomos ſabios; deſprezamos os conſelhos; tomamos toda a liberdade; entregamonos ao appetite, fogo que abraza, torrente que alaga; & ſó depois do precipicio conhecemos o mào caminho, em que deyxamos ſó veſtigios de pobreza, de doenças, & de arrependimento, que veyo tarde.

9 Ná idade varonil ſe imagina o homem livre dos perigos da adoleſcencia; & he como os peyxes alados, que ſaltando para o ar por fugirem dos grandes que os perſeguem nas aguas, ſe fazem prezas de paſſaros que os eſtaõ eſperando. O gladiator Myrmillo ſe queyxava em Roma de que ſe celebravaõ poucas vezes os jogos de combate; mas ſe advertira bem, vira que eſtavaõ todos os homens em combate continuo. Neſta idade ſobrevem os vayvens do mundo, que os antigos chamàraõ for-

7 *D. Aug. tract. 41. dec. 8. in Joan.* Nondum ambulant, & jam ſunt compediti: traxerũt enim de Adam quod ſolvatur á Chriſto.

8 *Plin. in præm. libr. 7. hiſt. natur.*

fortuna. Quantos padeceo David, com ſer Santo? & quantos padeceo *Chriſto* ſuperior a tudo? já acclamado, já perſeguido; huns lhe chamavaõ Profeta, outros endemoninhado; hum dia o recebèraõ como Rey, outro o crucificàraõ como amotinador. Ninguem teve taõ temperada a viola da ventura, que ſe lhe naõ quebraſſe alguma corda; aquelle parece mais venturoſo, que começou mais tarde a ſer mal afortunado: ſobrevem o rigor do trabalho, o cuydado dos filhos, o ponto da honra, o deſaſoſſego da ambiçaõ, a carga da familia, & a falta da fazenda para acodir às obrigaçoens. 9 Os Eccleſiaſticos, & Religioſos encerrados nas ſuas cellas padecem o meſmo no eſpirito. As redes do inimigo cõmum ſaõ como as das aranhas, que os naturaes dizem que ſaõ da cor do ar, para que as moſcas, que procuraõ caçar, as naõ differencem delle: o zelo falſo tem o meſmo fervor que o verdadeyro, ainda que naõ tenha o meſmo motivo; & os mete no labyrinto das eleyçoens: a ocioſidade ſe cobre com a capa de oraçaõ: a caridade ſe engana indiſcretamente metendo-ſe em negocios do mundo, atè nos da Corte, que o prudentiſſimo Patriarca Santo Ignacio de Loyola na ſua Regra ſantamente prohibio aos da ſua ſagrada Companhia. A vaidade arma emboſcadas debayxo do pretexto de boa reputaçaõ: aſſim da medicina fazem doença, da ſantidade crime; donde nota o Religioſiſſimo Padre Lyſieux, 10 que no meſmo tempo em que hum demaſiadamente confiado em ſua virtude, eſtà de geolhos com as mãos levantadas, & os olhos em hum Santo Crucifixo rogando pelos peccadores, diz o demonio, que elle he o mayor, & neceſſita de que roguem por elle: ſaõ palavras deſte grande Varaõ.

9 *Tratàmos diſto acima c.20.n.11.*

10 *Lyſieux na Phil.Chriſt p.1. c.15.*

10 Se chegamos à velhice, he fonte de penas, tormento de enfermidades, desfalecimento dos ſentidos; David 11 lhe chamou trabalho, & dor; & Saõ Paulo 12 avaliou por já morto hũ velho em vida; que pòde haver aonde o comer he ſem dentes, o ver com oculos, & ouvir com gritos; o andar com bordaõ, os membros fraquejaõ, o juizo vacilla, as remiſſoens creſcem ao paſſo das obrigaçoens a que ſe devera acodir? o tempo que gaſta as pedras, que naõ terà feyto em hum corpo taõ debil? ſó reſtaõ delle as ruinas, que moſtraõ qual foy aquelle amphiteatro, em que ſe repreſentàraõ tantas comedias, & muytas mais tragedias. 13 Que digo? nem iſto apparece; porque a pelle enrugada, os nervos encolhidos, os pès torcidos, as pernas fracas, as mãos trémulas, a cabeça inclinada, a voz mudada, os olhos ennevoados, os ouvidos ſurdos, o nariz humido, o animo cahido, a propẽſaõ ao ſomno imagem da morte, o temperamẽto já frio, & ſeco da natureza da terra, aquelle jà ludibrio dos criados, & dos proprios filhos, naõ parecem do homẽ q̃ era de antes. E na verdade Filoſofos, & Medicos diſſeraõ, & as Leys Civis o approvaõ, 14 que o calor interior ſempre em acçaõ gaſta o humor nativo, & em ſeu lugar ſe vay ſubſtituindo com o alimento,

11 *Pſalm.89 v.10.*

12 *D Paul. ad Rom 4.19.* Nec conſideravit corpus ſuum emortuum, cùm ferè eſſet centum annorum.

13 D.*Paul.1.ad Cor.7.31.* Præterit enim figura hujus mundi.

14 *L.Proponebatur 76.ff. de judiciis.*

outro

outro de differente ſubſtancia; & ſegundo iſſo duvidaremos ſe eſte corpo he o meſmo que naſceo de ſua mãy, como os meſmos Filoſofos duvidaõ ſe a náo dos Argonautas, que elles nas longas viagens foraõ reformando com novas madeyras atè lhe naõ ficar alguma das antigas, ficou ſendo a meſma que em primeyro navegáraõ, & ſe hum rio que ſempre corre, he ſempre o meſmo rio.

11 As mulheres ſentem mais eſta mudança; ſe o tronco mais robuſto, ſe a muralha mais forte obedece ao tempo; que fará huma belleza delicada? Quanto mais ſe preza de mimoſa, tanto mais ſe ſugeyta. Aquella donde ſe copiou a roſa, em quem, primeyro que no Ceo, amanhecia o Sol, & que foy incentivo de incendios, jà he agua q̃ os apaga; como as frechas de Achilles, que ſaravaõ as feridas que haviaõ feyto. A maſcara de confeyçõeſ, o artificio de fingimento naõ diſfarçaõ a verdade, mas occaſionaõ riſo; à cuſta de ſeu martyrio querem lavrar engano, & lavraõ aviſo; 15 ſe apparecem veſtigios do paſſado, ſaõ epitafios do que morreo. Que triſte retrato pòde fazer hum Poeta em retorno dos floridos que ſe fizeraõ! ſe aquelles namoravaõ, eſte atemoriza; trocado o que mais deleyta, a purpura da boca ſe paſſou aos olhos: o preto dos olhos aos dentes: o creſpo dos cabellos às faces: o marfim da teſta inficionou os cabellos; nem por idade he venerada, devendo-ſe veneraçaõ à velhice. Por iſſo aquella Romana, de que jà fizemos mençaõ, mais queria ſer comida de féras, que chegar à velhice: todas ſe queyxaõ do eſpelho, & Berenice queria prevenirſe com deyxar lamber o roſto por hum Leaõ. 16

12 A nenhuma idade, a nenhum eſtado, ou ſexo perdoa miſerias a condiçaõ humana; ſe alguem as naõ viſſe, ſeria como hum que caminhou largo eſpaço a cavallo por ſima de hum rio congelado, cuydando que era campo cuberto de neve; & outro que de noyte paſſou hum rio por ſima de huma ponte arruinada, acertando acaſo por onde havia de pòr os pès; & vendo pela manhã o perigo de que eſcapára, morreo de medo; quem o naõ terâ de vida taõ perigoſa, & miſeravel?

13 O meſmo he viver, que ſer miſeravel; parece que a natureza deyxa viver os mortaes para que mais padeçaõ; como o tyranno, a quem hum que elle atormentava lentamente, mandou pedir que o mataſſe; reſpondeo, que iſſo fazia aos amigos: que ſofreſſe, & como lhe paſſaſſe a colera, faria aquella mercè. Por iſſo no famoſo templo de Denia em Heſpanha, edificado pelos de Tyro, eſtava depoſitada peçonha para os que quizeſſem matarſe por cauſas approvadas por Juizes, que havia para examinarem ſe eraõ juſtas; & entre eſtas eraõ doença importuna, & vida larga; 17 coſtume que tambem havia em outras partes; porque lemos que huma illuſtre mulher da Ilha de Cóos uſou delle, matãdo-ſe com veneno, preſente Pompeyo, alcançada licença dos Juizes: Eſtarcathero

15 *D. Hieronym. Cancer.*
Su fealdad eteſce afeytada,
Que à coſta de ſu martyrio
Quiere labrar el engaño,
Y ſiempre labra el aviſo.

16 *Supra c. 15. n. 3.*

17 *Jul de Caſtilho hiſt. dos God. l. 2 diſcurſ. 2.*